



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

MARIA LUCIA GOMES MAIA

CONTOS FANTÁSTICOS E O ENSINO DE LITERATURA: UMA PROPOSTA
PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR NO ENSINO MÉDIO

FORTALEZA – CEARÁ

2020

MARIA LUCIA GOMES MAIA

CONTOS FANTÁSTICOS E O ENSINO DE LITERATURA: UMA PROPOSTA PARA A
FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sarah Diva da Silva Ipiranga.

FORTALEZA - CEARÁ

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Maia, Maria Lucia Gomes.

Contos fantásticos e o ensino de literatura:
uma proposta para a formação do aluno leitor no
ensino médio [recurso eletrônico] / Maria Lucia
Gomes Maia. - 2020.

137 f. : il.

Dissertação (Mestrado profissional) -
Universidade Estadual do Ceará, Centro de
Humanidades, Curso de Mestrado Profissional em
Letras Rede Nacional - Profissional, Fortaleza,
2020.

Orientação: Prof.^a Dra. Sarah Diva da Silva
Ipiranga.

1. Ensino de literatura. 2. leitura
literária. 3. contos fantásticos. I. Título.

MARIA LUCIA GOMES MAIA

CONTOS FANTÁSTICOS E O ENSINO DE LITERATURA: UMA PROPOSTA PARA A
FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovada em: 20 de Julho de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Sarah Diva da Silva Ipiranga

Prof^a. Dr^a Sarah Diva da Silva Ipiranga (Orientadora)

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Stélio Torquato Lima

Prof. Dr. Stélio Torquato Lima

Universidade Federal do Ceará - UFC

Abniza Pontes de Barros Leal

Prof^a Dr^a Abniza Pontes de Barros Leal

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Aos meus filhos, Paulla e Eduardo, com todo
o meu amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e constante renovação da fé e da esperança, por ter me concedido forças para continuar e acreditar no impossível.

Aos meus pais, Miguel e Alice, pela minha educação e crença na vida.

Aos meus amados filhos, Paulla e Eduardo, que me inspiram e me incentivam; com eles tudo é possível.

A minha orientadora, Sarah Diva, que tanto contribuiu para realização desse projeto, sempre com dedicação e carinho.

Ao Prof. Stélio Torquato, sempre solícito e disposto a contribuir.

Às queridas Professoras Abniza e Suelene, pelo incentivo e colaboração com palavras positivas, ideias e carinho sempre.

A minha querida turma 5 do ProfLetras/UECE, pela união e companheirismo em todos os momentos do mestrado, pelo compartilhamento de experiências e “gemidos”, especialmente pela convivência fraterna.

As minhas amigas, em especial Aurenice, Carla Suely e Janaína, pela parceria constante, amizade verdadeira e dedicação em todos os momentos dessa caminhada.

Às amigas oncológicas, Lidianne pela alegria e companheirismo, e Cristiane, pessoa fantástica, que lutou bravamente e partiu para uma nova caminhada em um plano superior, com certeza mais leve e feliz.

Às amigas Beth Effting e Aletusia, pela parceria e companhia nos momentos necessários.

Aos colegas de trabalho da EEM José de Alencar, pela generosidade e acolhida sempre gentil.

À EEM José de Alencar, por ter contribuído de forma tranquila e compreensiva para a conclusão deste trabalho.

Aos meus queridos alunos e ex-alunos, por participarem ativamente das aulas contribuindo e enriquecendo nossos momentos com colocações importantes.

À EEFM Virgílio Távora, na pessoa da Prof^a. Nilourdes, por me acolher quando precisei.

À coordenação do ProfLetras / UECE, pela compreensão e contribuição quando solicitada.

Aos mestres e mestras do ProfLetras / UECE, pela inspiração e crença na educação.

À UECE, universidade que representa minha história acadêmica, pelo suporte necessário que possibilitou a conclusão deste projeto de pesquisa.

“Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão”.

(Lygia Fagundes Telles)

RESUMO

O ensino de Literatura deve oportunizar momentos reais de leitura do texto literário em sala de aula. Dessa forma, é necessário realizar um trabalho contextualizado, por meio do qual o aluno tenha contato real e significativo com a leitura literária, com a finalidade de formar o aluno leitor. Portanto, constitui-se o propósito principal dessa investigação desenvolver um projeto de Ensino de Literatura, com vistas a uma futura aplicação, inspirado em contos fantásticos de autores nacionais, a partir dos pressupostos da Sequência Básica e Expandida do Letramento Literário. A fundamentação teórica situa-se no Letramento Literário, e mais especificamente nos pressupostos teóricos de Roland Barthes (2004), Tzvetan Todorov (2007), Rildo Cosson (2006; 2018), Wolfgang Iser (1979), e Júlio Cortázar (1999). A partir dessa teoria, os alunos passam a entender melhor as especificidades do texto literário e percebem a importância da leitura para a formação cultural. Os objetivos específicos são: propor a leitura literária dentro de círculos de leitura, a fim de favorecer a troca de conhecimentos e impressões; promover o conhecimento de autores nacionais com produção voltada para o gênero fantástico; e analisar as relações intertextuais e interdiscursivas presentes nos textos. Para cumprir com os intuitos, a metodologia adotada é exploratória-descritiva, visando uma pesquisa-ação em uma escola pública estadual de Ensino Médio da cidade de Fortaleza. Sendo assim, a intenção é desenvolver um projeto de Ensino de Literatura, no qual a leitura do texto literário aconteça de forma relevante.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Leitura Literária. Contos Fantásticos.

ABSTRACT

Literature teaching should provide real moments of reading the literary text in the classroom. Consequently, it is necessary to carry out a contextualized work, through which the student has real and significant contact with literary reading, with the purpose of training the student reader. Therefore, the main purpose of this investigation is to develop a Literature Teaching project, aiming at a future application, inspired by fantastic tales by national authors, based on the assumptions of the Basic and Expanded Sequence of Literary Literacy. The theoretical foundation focuses in Literary Literacy, and more specifically in the theoretical assumptions of Roland Barthes (2004), Tzvetan Todorov (2007), Rildo Cosson (2006; 2018), Wolfgang Iser (1979), and Júlio Cortázar (1999). From this theory, students understand better the specificities of the literary text and realize the importance of reading for cultural formation. The specific objectives are: proposing literary reading within reading circles, in order to promote the exchange of knowledge and impressions; furthering the knowledge of national authors with production focused on the fantastic genre; and analyzing the intertextual and interdiscursive relationships present in the texts. For satisfying the intentions, the methodology adopted is exploratory-descriptive, aiming at an action research in a State Public High School in the city of Fortaleza. Thus, the purpose is to develop a Literature Teaching project, in which the reading of the literary text takes effect in a relevant way.

Keywords: Literature teaching. Literary Reading. Fantastic Tales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	O que lemos quando lemos um texto literário?	24
Figura 2 -	Sequência básica e expandida	27
Figura 3 -	Estratégias para o ensino de literatura	29
Figura 4 -	Código alfanumérico das competências e habilidades da BNCC	33
Figura 5 -	A narrativa fantástica e sua estrutura	42
Figura 6 -	Lygia Fagundes Telles	67
Figura 7 -	Barca de Caronte	72
Figura 8 -	Murilo Rubião	74
Figura 9 -	Mulher lendo	75
Figura 10 -	Machado de Assis	89

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Organização do trabalho.....	16
2	LEITURA LITERÁRIA - UM JOGO COMPLEXO.....	18
2.1	Ler é levantar a cabeça.....	18
2.2	Letramento literário e educação literária.....	21
2.3	Sequência básica e expandida.....	26
2.4	Círculos de leitura.....	30
2.5	Bases legais - LDBEN, Diretrizes, Parâmetros Curriculares e a BNCC.....	32
3	O FANTÁSTICO NA LITERATURA.....	37
3.1	Considerações teóricas sobre a natureza da literatura fantástica.....	40
3.2	A narrativa fantástica e sua estrutura	41
3.3	O fantástico em três tempos: Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião e Machado de Assis.....	44
4	ESCOLA - ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO.....	49
4.1	Contexto da pesquisa e dos participantes	49
4.2	Procedimentos metodológicos	51
5	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO – TEORIA E PRÁTICA EM SALA	54
5.1	Módulo I	56
5.2	Módulo II	73
5.3	Módulo III	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109

REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A – SONDAÇÃO	114
APÊNDICE B - REGISTRO DA PARTICIPAÇÃO DA E.E.M. JOSÉ DE ALENCAR - V COLÓQUIO ABRINDO TRILHAS PARA OS SABERES – 2013.....	116
APÊNDICE C - ROTEIRO PRÁTICO DE ENSINO.....	117

1 INTRODUÇÃO

O contexto da educação básica impõe, na contemporaneidade, a necessidade de uma consistente formação. Conhecer, compreender e discorrer sobre os diversos campos do conhecimento e temáticas, com um olhar mais sensível e crítico, são condições indispensáveis para um projeto educacional em uma sociedade que exige cada vez mais um posicionamento participativo. Referidos conhecimentos convergem em sua maior parte para as habilidades de ler, interpretar e argumentar.

A leitura literária, pela sua especificidade, requer e promove, na educação básica, uma série de competências que estão centradas na apreciação, interpretação e reflexão dos textos lidos. Além disso, ela é responsável pelo enriquecimento em relação às possibilidades de uso e aprendizado da própria língua, alargando o universo de compreensão dos aspectos linguísticos e semânticos. A leitura literária, ao traçar uma linha próxima às sensibilidades, também desperta a emoção, sentimento que mantém a atividade leitora no fluxo das subjetividades e da imaginação.

O processo que indica a existência de uma cadeia leitora, movida por professor, aluno, mediação e leitura, é amplo e complexo, sendo hoje um dos grandes enfrentamentos da educação. A escola, assim, consiste em conduzir esse percurso e orientar os agentes nele envolvidos. Sem dúvidas, é o espaço privilegiado para a formação de uma comunidade de leitores, sobretudo as instituições públicas.

A partir desse primeiro entendimento, é que apresentamos o projeto de intervenção¹ que será desenvolvido no Ensino Médio da EEM José de Alencar: Contos fantásticos e o ensino de literatura: uma proposta para formação do aluno leitor no Ensino Médio. A escolha por contos fantásticos dá-se pelo fato de os alunos já terem certa familiaridade com outros textos que se enquadram no Realismo Fantástico. Grande parte dos jovens leitores tem interesse por leituras que giram em torno desse gênero, como as séries Harry Potter², que abriu caminho para séries dramáticas, as quais se enquadram no gênero fantástico, como: Crepúsculo, O senhor dos anéis, Game of Thrones, entre outras. Essa categoria contém o fator suspense, que se mantém envolto na hesitação, sendo o fio condutor

¹ Este projeto de intervenção será aplicado futuramente. Por motivo de saúde, necessitei do afastamento do trabalho. Dada a gravidade do caso, não foi possível o retorno dentro do prazo para o término deste curso de mestrado.

² Em junho de 1997, é lançado em Londres o primeiro volume de uma série épica narrando as aventuras de um jovem bruxo e de seus companheiros na escola de Hogwarts, de autoria da escritora escocesa, radicada na Inglaterra, J. K. Rowling. Outras obras sucederam as histórias do menino bruxo com ironia e elementos mágicos, que continuam encantando o público jovem. Essas narrativas anunciaram a virtualidade do que se supõe impossível. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter.

da motivação para a leitura, além de tratar de acontecimentos sobrenaturais, que beiram o improvável, mas que envolvem o leitor pela coerência dos textos e a verossimilhança.

Além disso, o fantástico pode ser um caminho para a interpretação e a formulação de argumentos, de modo que o leitor questione fatos e atos aparentemente ‘normais’. Na obra *Introdução à Literatura Fantástica* lemos: “O fantástico permite franquear certos limites inacessíveis quando a ele não se recorre” (TODOROV, 2007, p.167). Tal possibilidade alia-se à própria função da leitura literária, que procura, no desvendamento do mundo, ver com novos olhos a realidade e, nessa outra forma de compreensão, intervir no mundo circundante. Assim, a possibilidade de imersão nesse universo ficcional gera nos estudantes uma leitura ascendente, que é o esperado para o aprendizado da leitura durante a educação básica: formar leitores despertos e com capacidade de criticar e recriar a sua própria realidade.

O objeto do trabalho procurou fazer uma seleção transversal de autores e obras de forma a destacar tempos históricos e literários diferentes, bem como estilos e abordagens. Os contos selecionados para a intervenção foram: “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles, “Bárbara”, de Murilo Rubião, e “Um esqueleto”, de Machado de Assis. São narrativas interessantes e com linguagem acessível, que se enquadram no interesse do nosso público leitor. Ademais, os textos escolhidos tratam de assuntos aflitivos, narrativas um tanto incomuns, em que vida e morte encontram-se quase no mesmo plano.

A temática dos contos encontra espelhamento na própria localização da escola em que a intervenção será aplicada. A EEM José de Alencar é vizinha de uma delegacia da polícia militar e do quartel dos bombeiros na avenida principal do bairro Messejana. Próximo, também temos o cemitério público municipal. É comum, portanto, na vida dos estudantes, esse limiar entre a vida e a morte. O ir e vir de casa para a escola envolve percorrer caminhos um tanto quanto misteriosos, que os lançam, muitas vezes, perigosamente ao desconhecido. O fantástico dos contos, que sempre remete ao sobrenatural, faz parte do mundo real desses alunos.

Ao investigarmos trabalhos recentes de pesquisadores sobre contos fantásticos no Ensino Médio, constatamos que existem pesquisas que abordam esse gênero. Contudo não identificamos em programas de intervenção como o PROFLETRAS³, pesquisas voltadas para o ensino de literatura e suas especificidades, com análise de contos fantásticos de autores nacionais, tampouco com foco em alunos do Ensino Médio, motivo pelo qual entendemos ser de suma importância uma investigação dessa natureza.

³ Repositórios de teses pesquisadas do PROFLETRAS: <http://www.uece.br/profletras/index.php/2016-07-28-17-41-16>. Acesso: 09/09/2019; <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21729>. Acesso: 09/09/2019.

Por sua vez, o projeto também está em sintonia com a BNCC⁴, Base Nacional Comum Curricular. A BNCC pretende garantir aos estudantes o direito de apreender um conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades em todo o território nacional. O documento norteia os fundamentos básicos de ensino e aprendizagem das áreas do conhecimento no tocante ao Ensino Fundamental e Médio. Na área de Linguagens e suas tecnologias, encontramos os componentes de Língua Portuguesa, Arte, Língua Inglesa e Educação Física. Para orientar uma abordagem integrada dessas linguagens e de suas práticas, os campos de atuação ganham destaque. Eles têm, praticamente, a mesma importância dos eixos temáticos na organização dos objetivos e habilidades.

Os quatro grandes eixos são: leitura/escuta, produção escrita e multissemiótica, oralidade, análise linguística e semiótica. No documento, o foco da disciplina de Língua Portuguesa é formar para os diversos usos da linguagem. Assim, a BNCC reflete um avanço na descrição de como podemos refletir sobre a língua, com o propósito de garantir a participação social e cultural pelo conhecimento e uso da linguagem.

Os campos de atuação são as áreas de uso da linguagem na vida cotidiana. Assim, a base considera como campos de atuação: vida pessoal, vida pública, práticas de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático e artístico-literário, no qual encontramos o ensino de Literatura. Em nosso projeto, o foco recai nesse campo de atuação, por se tratar da participação em situações de leitura e escrita de produções literárias.

De acordo com o documento, cabe ao professor fazer escolhas entre autores e obras que se adaptem aos projetos que desenvolvam o hábito da leitura, sem deixar de considerar o sentido principal do trabalho com a literatura, que é o pressuposto básico da educação literária: a formação de leitores literários ávidos e habilidosos. Para tanto, deve haver uma ampliação das práticas de linguagem e do repertório cultural, numa abordagem em que a produção colaborativa, o cruzamento de culturas e saberes sejam as metodologias focais.

Levando em consideração esse norte da BNCC, nosso projeto tem inspiração na obra *Letramento literário* proposta por Cosson (2006), em relação à utilização da sequência básica e expandida, a qual orienta uma metodologia de trabalho para o estudo do texto literário em sala de aula. O objetivo principal é promover o ensino de literatura, tendo como suporte para o trabalho a leitura de contos do gênero fantástico, de autores nacionais, sob a perspectiva

⁴ Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, homologado em 14/12/2018.

da educação literária. A educação literária está ligada ao processo maior da formação básica, no qual a leitura do texto literário deve priorizar a experiência. Destacamos aqui a formação leitora por intermédio da mediação do professor nesse processo de experimentar e compreender o texto literário.

A partir desse objetivo principal, destacamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Propor uma sequência de atividades de leitura, contextualizada e inspirada no letramento literário, a partir do gênero conto fantástico, para suscitar nos participantes o despertar para a leitura do texto literário;
- b) Promover o conhecimento de autores brasileiros, de períodos diversos, que tenham a produção voltada para o gênero fantástico;
- c) Identificar e reconhecer as relações intertextuais e interdiscursivas presentes nos textos;
- d) Elaborar e aplicar um material didático, priorizando a linguagem multissemiótica, que contemple o trabalho de formação do aluno leitor no Ensino Médio.

O embasamento teórico, aporte intelectual para o desenvolvimento das etapas da nossa pesquisa, está fundamentado no pensamento crítico dos seguintes autores: Roland Barthes (2004; 1992), Tzvetan Todorov (2007), Rildo Cosson (2006; 2018), Wolfgang Iser (1979), Roger Chartier (1999), Júlio Cortázar (1999), entre outros. Sendo assim, acreditamos que as atividades propostas na intervenção com os alunos auxiliarão na construção não somente de leitores literários, mas de seu par indissociável: o de cidadãos com senso crítico mais apurado, que se posicionem de maneira transformadora na construção de uma sociedade mais harmônica.

Tendo esse princípio norteador, a presente pesquisa aprofunda reflexões sobre o texto literário por meio da leitura complexa das narrativas fantásticas dos autores Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião, e Machado de Assis. Os contos indicados permitem a viagem pelo inusitado e a confrontação com questões atemporais que inquietam o dia a dia dos jovens.

A metodologia adotada neste trabalho é exploratória-descritiva, visando uma pesquisa-ação em uma escola pública estadual de Ensino Médio da cidade de Fortaleza. A pesquisa-ação exige um planejamento de atividades a ser desenvolvido por um grupo, pesquisador e participantes, para a resolução de um problema coletivo. É necessário o acompanhamento dessas tarefas com foco na observação e no registro de todas as etapas do processo. As observações e anotações são importantes para fornecer o aporte de análise e reflexão sobre os objetivos almejados.

A particularidade desta metodologia diz respeito à conscientização do grupo com a ação coletiva, pois o saber necessita estar ao alcance de todos, sempre visando à contribuição mútua. Assim sendo, no âmbito metodológico seguimos o sociólogo Thiollent (2002), que baseia seu estudo em ações de construção do conhecimento, com o objetivo de desenvolver uma ação de transformação. Segundo o autor, a pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução, no qual os participantes colaboram na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação.

O projeto está embasado na proposta do letramento literário e de círculos de leitura, ou seja, momentos de leitura do texto literário que oportunizam o prazer em ler individual e coletivamente, viabilizando experiências reais de leitura. A carga horária estimada do projeto será de 35 horas-aula, aproximadamente, com duas horas-aula para cada encontro durante a realização dos três módulos de ensino.

A proposta de intervenção está dividida em três módulos de ensino, com indicação de atividades que permitem a imersão dos alunos nas narrativas e os estimulam à capacidade de argumentar sobre diversos assuntos. Dessa forma, os participantes são conduzidos a produzir suas apreciações e estabelecer o elo da leitura com a capacidade de compreender melhor as questões pessoais e da vida social, competências a serem desenvolvidas de acordo com a BNCC. O encadeamento das ações colocará em evidência a identificação da sequência narrativa, suas características e o diálogo possível que toda obra articula com textos contemporâneos ou que o precederam.

1.1 Organização do trabalho

Organizamos o texto desta dissertação em seis seções:

Na seção 1, apresentamos a justificativa e os objetivos para realização deste trabalho.

Na seção 2, fazemos uma explanação sobre a teoria que embasou nossos estudos com uma reflexão acerca da leitura literária. Além de um estudo sobre Letramento Literário, bem como a utilização dos passos necessários para a apropriação das singularidades do texto literário pelo aluno. Na sequência, uma apresentação sobre os Círculos de Leitura, estratégia adotada por nós no desenvolvimento das atividades propostas nos módulos da intervenção. Ainda nesse capítulo, tratamos das bases legais que são os princípios norteadores do nosso projeto: a LDBEN / 94- 96 e a BNCC /18.

Na seção 3, discorreremos acerca das características do gênero fantástico e as categorias em destaque no projeto, uma explicação sobre a narrativa fantástica e sua estrutura.

Em sequência, apresentamos os autores e os comentários sobre os contos escolhidos. Reiteramos a escolha por autores nacionais e por contos que abordam temas com assuntos relevantes para o momento atual, embora tenham sido escritos em época remota, como “Um esqueleto”, de Machado de Assis, que data do século XIX. Todavia, o conto machadiano aborda um tema preocupante e muito relevante para os jovens. Salientamos, assim, a atemporalidade do texto literário.

Na seção 4, descrevemos o contexto da pesquisa com um breve relato sobre o espaço escolar, *locus* do projeto, e sobre os participantes envolvidos. Explicamos sobre a metodologia adotada para realizar a intervenção. Enquadramos o nosso trabalho como pesquisa exploratório descritiva, visando uma pesquisa-ação em uma escola estadual de Ensino Médio na cidade de Fortaleza.

Na seção 5, descrevemos a nossa proposta de intervenção, com o detalhamento das atividades que compõem os módulos de ensino. Apresentamos e desenvolvemos um trabalho voltado para a compreensão da linguagem multissemiótica, estabelecendo, assim, as relações interdiscursivas e intertextuais, que fazem parte do diálogo constante que os textos mantêm independente da questão temporal.

Nas considerações finais, recapitulamos nossas questões de pesquisa e apresentamos algumas reflexões. Concluímos nosso trabalho com a exposição das referências, nas quais embasamos nosso referencial teórico. No apêndice A, temos um questionário de sondagem, no qual levamos os participantes à reflexão sobre o ensino de Literatura e a leitura do texto literário. No apêndice B, temos a foto da nossa participação no V Colóquio - Abrindo Trilhas para os Saberes. No apêndice C, apresentamos nosso Roteiro Prático de Ensino, um guia para o professor (a) ter como apoio e inspiração para o desenvolvimento dos módulos e aplicação das atividades. Dessa forma, acreditamos contribuir significativamente na adoção de novas metodologias para o ensino de literatura, sempre com a determinação de partilhar o conhecimento e novas práticas de leitura.

2 LEITURA LITERÁRIA - UM JOGO COMPLEXO

“A literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens.”

(BARTHES, 2004, p.19).

A leitura literária não é apenas um instrumento de trabalho em sala de aula que se esgota nas atividades propostas. Ela, muito antes e além da execução, traz uma série de diálogos teóricos articulados aos níveis de percepção do literário e da leitura. Por isso, neste capítulo, apresentaremos as várias camadas de que o projeto se constitui e que nortearam e construíram a proposta de intervenção. De início, apresentamos a concepção de leitura cuja arquitetura teórica encaminhou o constructo reflexivo em todo o processo. Posteriormente, em articulação com estudos específicos da área de atuação, a leitura literária em sala de aula, discutimos o letramento literário e os círculos de leitura, como também as indicações desenvolvidas nos documentos oficiais que organizam o percurso formativo da educação brasileira: a BNCC.

2.1 Ler é levantar a cabeça

Um projeto que tem como base de sustentação a leitura precisa encontrar sistemas de pensamento que apresentem uma compreensão mais significativa da própria linguagem e da literatura. Dentro da linha de ação sugerida e considerando a escola como espaço da aplicação, encontramos nas teorias do semioticista francês Roland Barthes os fundamentos para uma reflexão mais profunda sobre leitura literária. Outro aspecto motivador da escolha do pensamento barthesiano foi seu investimento teórico nas questões da leitura, propondo uma nova maneira de ler e interagir com a leitura, na qual o leitor participa ativamente das condições de recepção do texto literário. Dessa forma, Roland Barthes, com sua obra, sobretudo os livros *Aula* (2004) e *S/Z* (1992), serviram-nos, significativamente, de fundamento para os conceitos de língua, literatura, leitura e leitor que nortearam o projeto.

Segundo Roland Barthes, a língua é um objeto de poder e implica uma relação de alienação, pois tudo que é proferido está a serviço de uma intenção: “em cada signo dorme um monstro: um estereótipo” (BARTHES, 2004, p.15). Portanto, inevitavelmente, podemos comandar ou sermos comandados, sermos senhores ou escravos. Nesse sentido, para combater o poder imposto pela língua e pela linguagem, promovendo a liberdade, essencial na relação com o saber, Barthes propõe uma discussão acerca da importância da Literatura. Ele acredita

que ela é a única alternativa para esquivar-se do poder da língua, pois ‘nela’ a língua encontra-se despida de ‘autoridade’. Assim, encontramos a vitalidade da Literatura, que permite o jogo da língua e com a língua:

[...] só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura. As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um ‘senhor’ entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua. (BARTHES, 2004, p. 16-17).

Tal concepção de literatura, que está desenvolvida em seu livro *Aula*, recebe ramificações em outros escritos, nos quais o processo de leitura em si está mais especificado. No artigo “Escrever a leitura”, constante da obra *S/Z*, desenha-se uma pequena Teoria da Leitura que aponta para categorias e critérios muito específicos do texto literário e sua constituição. Procurando não demarcar uma teoria excessivamente tradicional e apegada a modelos já convencionados, o semiólogo francês busca encontrar a leitura por ela mesma, no seu próprio movimento. Esse deslocamento acontece na primeira indicativa do autor, quando propõe uma leitura a se caracterizar inicialmente pelo estatuto corporal. No texto, Barthes elege uma metáfora fundamental para a leitura: ler é ‘levantar a cabeça’.

O ato de levantar a cabeça dá-se em decorrência da interrupção da leitura, que é necessária ao leitor por conta do fluxo de ideias e associações que lhe surgem durante o ‘estado de ler’. Roland Barthes chama essa leitura que fazemos ‘ao levantar a cabeça’ de ‘texto leitura’. Esse texto é uma criação que elaboramos internamente. Nossas experiências são disseminadas pela força explosiva dessa leitura e essa energia interior nos tira do lugar comum. Assim sendo, faz-se necessário que reorganizemos nossos espaços no mundo ou no novo mundo que se descortina.

O cuidado a tomar, alerta Barthes, é não partir para uma leitura subjetiva, livre de regras e delimitações de sentido, que é feita apenas como uma distração. Para ele, esse procedimento não é o caminho prudente, pois o perigo da subjetividade mora em não seguirmos as regras do jogo, ou seja, em interpretarmos ao nosso jeito e descontextualizarmos o que se lê. A letra do texto, sua estrutura, suas palavras, seu suporte, enfim, sua concretude, não é posta de forma anárquica, mas, sim, colocada de acordo com certos símbolos e certos sistemas. A leitura deve ser entendida como um trabalho, mas sem padecimento, dado seu caráter lúdico.

Por isso, para Barthes, ler um texto é colocá-lo em contato com nossas experiências, não é apenas vivenciar a certeza de poder interpretá-lo livremente, mas saber que

essa liberdade responde a uma leitura organizada. É salutar a mediação condizente e o ambiente adequado. O conceito adicionado pelo pensador francês é o de jogo, pois a leitura pode ser considerada um jogo não só pelo seu caráter lúdico, atrativo e prazeroso, mas também pelo estabelecimento das regras que a organizam, como qualquer outro jogo. De acordo com Barthes, é “a proporção que se estabelece entre o seu traçado e a sua liberdade” (BARTHES, 1992, p. 93). Quando se trata de leitura, não há verdade universal – seja ela objetiva ou subjetiva – há a verdade lúdica, que, embora livre para se multiplicar em descobertas, respeita as regras da narrativa e do texto.

O processo de leitura revela-se, então, como um jogo, que exige de nós um trabalho corporal e intelectual. Pergunte a uma criança que joga se está desocupada - a resposta virá como fosse uma obviedade: ‘não, estou jogando’. Nessa ludicidade, constrói conceitos e conhecimentos, estabelece conexões com outras experiências e desenvolve responsabilidade social. Assim aponta a obra *S/Z*: “ler é fazer nosso corpo trabalhar... ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade achamalhada das frases” (BARTHES, 1992, p. 94).

Essa nova visão traz a dimensão do performativo para a abordagem dos processos de leitura. Tal mudança, por isso, não pode ser protocolar, mas cognitiva, corporal, intelectual e institucional. Wolfgang Iser, teórico de destaque na reflexão sobre o processo da recepção literária, também recupera o sentido de jogo para a leitura. No seu artigo intitulado justamente “O jogo do texto” (1979) esclarece:

Quando, no entanto, o sistema fechado é perfurado e substituído por um sistema aberto, o componente mimético da representação declina e o aspecto performativo assume o primeiro plano. O processo então não mais implica vir alguém das aparências para captar um mundo inteligível, no sentido platônico, mas se converte em um ‘modo de criação do mundo’ (“way of world-making”) (ISER, 1979, p. 105-106. Grifos nossos).

Na verdade, um sistema linear de causa e consequência é substituído por uma percepção das diferenças e semelhanças produzidas pelo texto através de associações e articulações que não pressupõem um fechamento de ideias nem a sua ‘romantização’. Assim, os processos cognitivos associados superam a mera confirmação dos ‘dados’ e evoluem para as formas de pensar e sentir, para o diálogo interior e capacidade de análise e crítica. Os elementos extratextuais, as condições de produção, a sintaxe textual e a semantização dos conteúdos, configuram-se como elementos de uma rede maior, que precisa ser compreendida num xadrez complexo que supera a finalidade da representação do mundo pelo autor e a leitura desse mundo pelo leitor: “Instaura-se uma transversalidade, em que esses mundos se

justapõem numa lógica mais performativa, ou seja, quando ‘se produz algo que antes não existia’ (ISER, 1979, p. 105).

2.2 Letramento literário e educação literária

A linguagem e a participação social têm estreita relação com o domínio da língua, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informações, expressa e defende seu ponto de vista, constrói sua concepção de mundo e produz conhecimento. Nos documentos oficiais que norteiam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, os domínios contemplados são cinco: oralidade, leitura, escrita, educação literária e gramática. A expressão educação literária substituiu nos referidos documentos o nome ‘literatura’ ou ‘ensino de literatura’ por compreender que a leitura literária se forma num processo complexo de formação. O que a educação literária enfatiza é a experiência vivenciada com o texto. Torna-se, portanto, indispensável que se fuja dos modelos meramente informativos de leitura e análise, pois eles não operam uma real transformação nos modos de pensar nem ampliam a capacidade de abstração e reflexão. Fica claro que educação e formação são pares indissociáveis. Ipiranga reflete sobre essa imbricação:

E qual realmente a diferença entre a formação e a informação? A experiência. Experiência, que vem do latim *experiri* (provar), é, literalmente, o que nos acontece quando provamos algo. Por isso a informação não é experiência, ela vem de um lugar que nos é estranho e que sobrevoa nossa mente. Vejamos isso hoje: chuvas torrenciais de notícias, furacões de mensagens instantâneas, ciclones de postagens em mídias. Isso nos torna mais formados? Claro que não. E o pior, nem informados. Excesso não quer dizer verdade. Ao contrário... (IPIRANGA, 2019, p. 03)

A literatura nos permite ampliar a nossa capacidade humana de ressignificar. Partindo desse princípio, propomos promover uma educação literária em sala de aula, ou seja, propiciar uma formação verdadeira com a leitura dos livros. O conceito que mais aponta nessa direção é o de letramento literário. Rildo Cosson, cuja obra *Letramento literário: teoria e prática* (2006) é hoje referência essencial aos projetos de investigação que têm a leitura literária como norte, investe boa parte das suas pesquisas nas formas de mediar a leitura em sala de aula, isto é, provocar o letramento entre os sujeitos da leitura. O aprendizado permanente da leitura encontra na literatura o espaço ideal para seu desenvolvimento, ou seja, por meio da leitura literária temos acesso a um universo de textos, que fortalece a leitura formativa. O educador compreende, pois, que o trabalho deve possibilitar “que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso do conhecimento que todo saber exige” (COSSON, 2006, p. 23).

Esse destaque já é percebido no documento OCEM - Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006), no qual encontramos claramente a necessidade da prática do letramento literário em nossas escolas de forma a possibilitar a fruição e reflexão acerca do pensamento literário que deve se instalar como um par indissociável: “Por isso, faz-se necessário e urgente o letramento literário: empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária” (BRASIL, 2006, p. 55).

Ler é uma atividade vital em nossas vidas, as práticas sociais de escrita são muito diversificadas, por isso se torna mais adequado o termo letramentos. O letramento literário faz parte dessa gama de conhecimentos, sendo mais amplo, pois a literatura é responsável por desenvolver habilidades e competências que vão além de ler e escrever, ou seja, cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006, p. 17). A partir dessa concepção, o letramento literário se faz durante um processo de aquisição de conhecimento, que protagoniza a leitura de textos literários por meio da mediação equilibrada. Para Cosson, o letramento literário deve se efetivar na escola, espaço destinado para isso, com a mediação de professores preparados para este fim.

O letramento trouxe à tona novamente questões que há muito atravessam o ensino de literatura, mas que não eram devidamente analisadas. Uma delas é o fato de os livros didáticos focarem o ensino em fragmentos de obras. Regina Zilberman (2003), em seu texto, O papel da literatura na escola, faz algumas constatações sobre essa questão. Ela destaca que a leitura de fragmentos de textos literários não forma o leitor do livro, ou seja, é necessário que o momento de leitura seja dentro da escola, e não como vem acontecendo como proposta para além da sala de aula. A leitura literária requer habilidades específicas que necessitam de orientação, portanto o papel do professor é fundamental para o seu desenvolvimento.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, a leitura do texto literário deve partir de experiências construídas a partir da partilha de significados, pois é um texto elaborado de modo peculiar, favorecendo a participação do leitor com sua própria visão de mundo. Isso contribui para a fruição estética proveniente da apreensão simbólica das experiências humanas. Lemos no documento:

A experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição. (BRASIL, 2006, p.55).

Assim, destacamos o papel imprescindível do professor como mediador desse processo de leitura, propiciando experiências reais com a leitura literária. Professor e aluno juntos nessa fusão de prazer e compromisso, que pela mediação atenta do mestre favorece o protagonismo do aluno. Ipiranga reflete sobre essa questão:

[...] o professor precisa lidar com fruição e reflexão para que seu processo de mediação leve a uma educação literária. [...] é preciso que a cadeia significativa da educação literária (texto, escritor, leitor, leitura escola, práticas educativas) seja efetivamente considerada. (IPIRANGA, 2019, p.7-8).

Tendo como norte todo esse aparato que envolve a educação literária, deixamos de lado o ensino de história da literatura, que ainda persiste no Ensino Médio, o qual se enfatiza períodos e movimentos literários. Partimos em busca dos ‘modos de ler’ que nos levam ao sentidos da obra.

Esse caminho passa pelos quatro elementos envolvidos na leitura literária: leitor, autor, texto e contexto, e seus objetos: texto, contexto e intertexto. Essa ‘fórmula’, aparentemente complicada, compõe os múltiplos diálogos da leitura. Em Cosson (2018), compreendemos melhor esses modos de leitura literária:

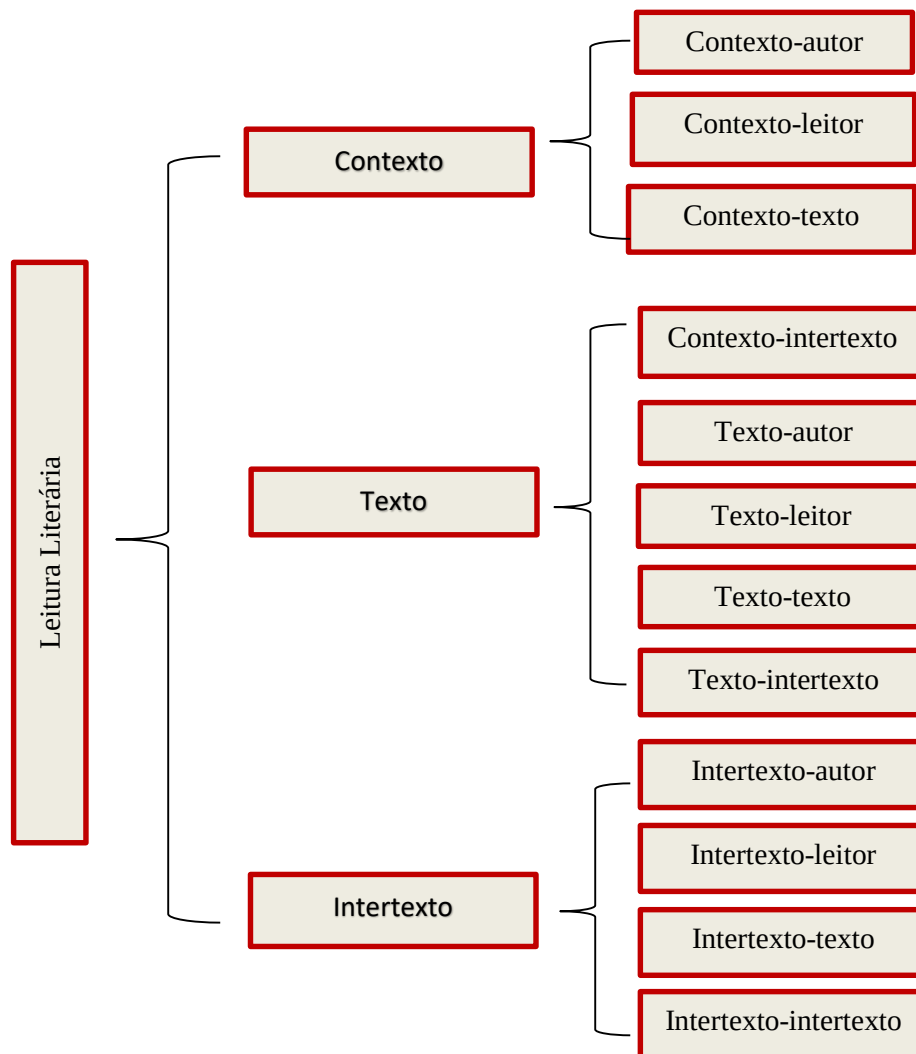
[...] o primeiro passo na busca dos modos de ler (na escola e fora dela) que nos levam ao sentido da obra consiste em perguntar: o que lemos quando lemos o texto literário? Os caminhos da resposta passam pelos quatro elementos – leitor, autor texto e contexto – e os três objetos – texto, contexto e intertexto – que constituem o diverso e multifacetado diálogo da leitura. (COSSON, 2018, p.71).

As leituras da vida do escritor e outras leituras do texto literário revelam que o modo de ler do contexto-autor é aquele que relaciona o autor de sua produção, o que potencializa os sentidos da obra. O contexto-leitor busca traçar paralelos entre a obra e o leitor, e favorecer conexões pessoais com a leitura, “[...] o modo de ler do contexto-autor é aquele que relaciona em lugar de separar o autor de sua produção, compreendendo que há entre eles laços que potencializam os sentidos da obra” (COSSON, 2018, p.73).

Segundo o linguista, é necessário um passo a passo para que ‘os modos de ler’ na escola nos levem ao sentido real da obra. A expressão ‘modos de ler’, ao qual o autor se refere, são os métodos utilizados em sala, que na maioria das vezes desestimulam a leitura, pois são fragmentos de obras, lidos de maneira descontextualizada, sem uma introdução para a leitura literária. Geralmente, constam nos livros didáticos capítulos das obras, sem uma introdução para o despertar necessário para essa leitura, dessa forma não motivam o interesse do leitor.

Abaixo visualizamos a figura 1, contendo a representação do processo de leitura do texto literário:

Figura 1 – O que lemos quando lemos o texto literário?



Fonte: Cosson (2018, p.72)

Sobre as leituras do intertexto, pode-se dizer que o leitor fará uma associação entre uma série de textos ausentes e o texto presente, o objetivo do modo de ler intertexto-autor é mostrar como o autor dialoga por meio de sua obra com outros textos, ou seja, é o conhecimento do discurso literário, que pode remeter a outros textos que ajudaram a tecer a obra, na verdade é um diálogo cultural, no sentido em que aprofunda o repertório literário: “Trata-se do investimento que o leitor faz na biografia intelectual do escritor, na sua formação cultural e no rastro sutil que as leituras de outros textos deixaram na elaboração de sua obra” (COSSON, 2018, p. 78).

Não podemos deixar de mencionar os estudos do Círculo de Bakhtin e o termo dialogismo. Na teoria de Bakhtin, ou análise dialógica do discurso, a ideia de dialogismo está ligada à concepção de língua como interação verbal. O enunciado só existe concretamente perpassando pelos interlocutores, logo, se toda palavra se dirige a alguém pela interação,

teremos sempre mais interlocutores. Portanto, devemos considerar que todos enunciados vêm de outros enunciados e assim por diante. Quem estabelece essas relações é o interlocutor, que organiza essa relação dialógica entre os textos. Para Bakhtin,

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. [...] A palavra é o território comum do leitor e do interlocutor (BAKHTIN, *apud* OLIVEIRA, 2015, p.52).

Tomemos como exemplo o conto de Lygia Fagundes Telles, “Natal na barca”, que está inserido na obra *Antes do baile verde*, publicada em 1958; e o texto da mitologia grega “A barca de Caronte”, de que se tem registro na antiga Grécia. Ambos tratam da travessia em uma barca, por um rio de águas escuras, numa atmosfera que remete ao desconhecido e o tenebroso. Nosso aluno pode estabelecer relações dialógicas entre essas obras, mesmo sem conseguir provar que Lygia tenha lido antes “A barca de Caronte”. A questão é que existe um discurso ético comum às duas obras, e cada uma responde a especificidades sociais, históricas e ideológicas: “O dialogismo então se dá pela interação entre interlocutores diretos e pela relação entre vozes (dizemos discursos) presentes, de forma explícita ou não, nos enunciados” (SILVA, 2015, p. 54).

É essencial que nossos alunos percebam e compreendam esse critério da intertextualidade, pois nenhum texto parte de um ponto zero, ele está ligado a outros anteriores. Irandé Antunes, em seu livro *Textualidade, noções básicas e implicações pedagógicas*, reserva um capítulo especialmente para tratar desse fenômeno:

Esse conceito tem como fundamento o fato de que o conhecimento humano se constrói na continuidade universal – no tempo e no espaço – de um grande discurso que jamais se concluiu e que nunca se concluirá. Tudo o que hoje sabemos veio na esteira do que outros disseram antes de nós. O saber do futuro tem suas raízes nos saberes do presente e do passado. Não existe o discurso totalmente original. (ANTUNES, 2017, p.118).

O texto como unidade comunicativa segue critérios de textualização, pois o texto não é uma porção de frases aleatórias, tampouco uma sequência sem ordem. O texto é uma realização linguística, completa de sentido e que se concretiza na interação do leitor. Dessa forma, a intertextualidade estabelece a mediação entre os textos, já que se pode admitir que todos os textos se entrecruzam, pois não há nenhum texto isolado e único: “Trata-se, pois, da presença de partes de textos prévios dentro de um texto atual” (MARCUSCHI, 2008, p: 131).

Assim, nosso projeto de intervenção contempla, por parte do aluno leitor, a presença das relações intertextuais e interdiscursivas presentes nos textos. Como já citado, os

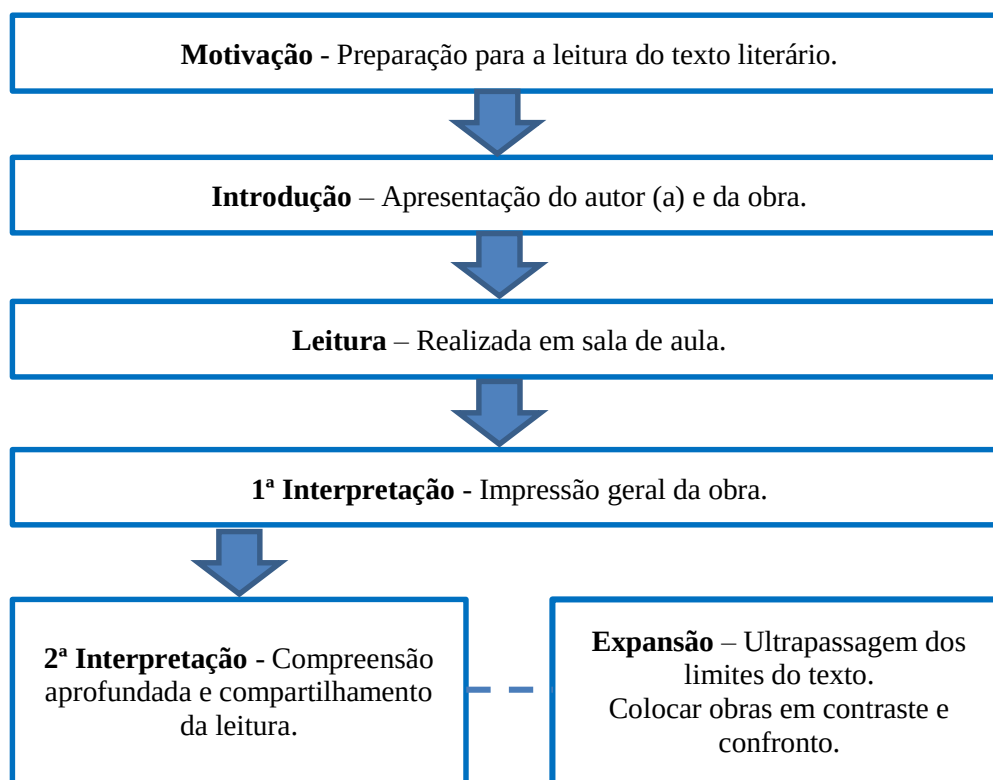
estudos do Círculo de Bakhtin elucidaram a ideia de dialogismo pela interação verbal. Essa interação verbal se dá a partir de textos que dialogam com outros textos. Temos então as relações intertextuais e interdiscursivas, que é uma condição das ações do discurso. Encontramos em Antunes (2017, p.118) a exemplificação desse fenômeno: “cada discurso é apenas uma ‘fração’ de um grande discurso, cuja autoria declarada podemos ou não conhecer”. A autora enfatiza que toda a comunicação é dialógica, quer dizer, dialoga com outras precedentes.

Portanto, nenhum texto é adâmico, todo texto está relacionado com outros anteriores e a educação literária necessita dar ênfase a essa construção do repertório cultural por parte dos estudantes. Mais uma vez, evidenciamos a importância da leitura do texto literário em sala de aula e da mediação do professor (a) nesse processo de conhecimento e compreensão das relações intertextuais e interdiscursivas presentes em todos os textos.

2.3 Sequência Básica e Expandida

Discorreremos, de forma sucinta, sobre a aplicação da sequência de leitura literária em sala de aula: a primeira coisa a fazer é selecionar o livro, o texto literário, que será lido e discutido pelos alunos. É importante verificar a pertinência do texto em relação à turma, deve-se organizar uma sequência de atividades, partido da leitura completa do texto. Os participantes precisam da percepção do todo do texto. Conhecer um pouco sobre o autor e a obra facilita esse contato com o universo literário, além de aproximá-los de tempos passados.

Rildo Cosson (2006) propõe uma sequência de atividades para orientar e facilitar o trabalho do professor, a qual ele nomeia de ‘sequência básica’. O prosseguimento se dá por etapas que são chamadas de sequência expandida. É por meio dessa ultrapassagem dos limites de um texto a outros textos que se dá a expansão literária. Vide figura 2, que ilustra o passo a passo da sequência da leitura literária:

Figura 2 - Sequência básica e expandida

Fonte: Elaborado pela autora.

O pesquisador nos apresenta alguns caminhos que perpassam pelos cinco elementos responsáveis pelo diálogo multifacetado da leitura do texto literário: leitor, autor, texto, contexto e o intertexto. Para ele, a sequência básica do letramento literário é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Após o trabalho introdutório com o texto literário, o próximo passo é a sequência expandida, que são justamente os diálogos possíveis com outras narrativas.

Motivar o aluno é prepará-lo para entrar no texto, um encontro com o leitor e a obra. O professor deve criar a situação propícia para introduzir o texto e motivá-lo a se posicionar. A partir desse mote, os alunos devem tecer comentários e opinar sobre o assunto em questão. A introdução é o momento da apresentação do autor e da obra. É importante conhecer o autor, sua vida e o contexto no qual a obra foi escrita. Assim, informações básicas, como mostrar a obra física chamando a atenção para a capa, orelha, prefácio e outros elementos paratextuais, auxiliam esse momento e colaboram para o despertar do leitor para a leitura literária.

Conhecer o autor nos transporta para a narrativa, pois nos apresenta mais sobre os fatos e acontecimentos que influenciaram aquela escrita. Na obra em questão, encontramos

com mais propriedade o poder que a literatura proporciona ao leitor: “[...] A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade”. (COSSON, 2018, p. 50).

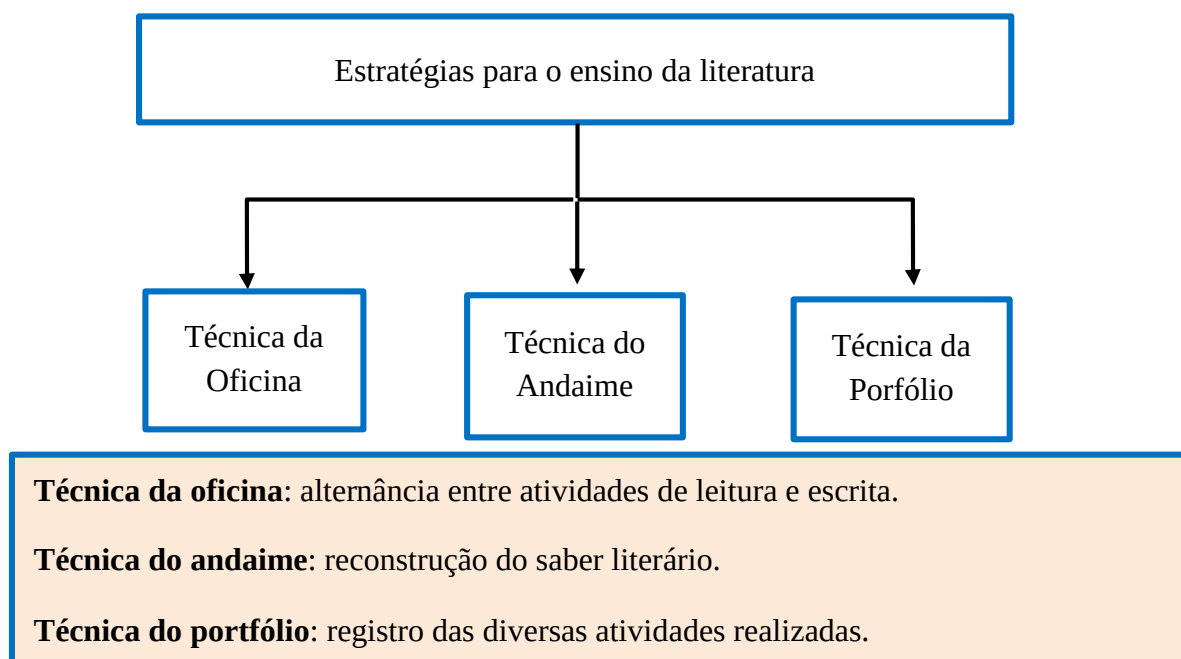
A leitura é a proposta essencial do letramento literário. É o momento do encontro com o texto literário. Dessa forma, deve ter uma direção, um objetivo a cumprir. O professor deve acompanhar o processo de leitura, auxiliar nas dificuldades dos alunos, sempre mantendo o ritmo necessário para o envolvimento com a leitura. O autor sugere ‘intervalos’, ou seja, momentos de reflexão e parada, que pode incluir uma conversa e desenvolvimento de atividades específicas sobre o texto ou pela incorporação de outros textos que promovam a intertextualidade. São vários os sistemas semióticos para se trabalhar o intertexto: imagens, letras de música, telas e outras obras abrangendo as linguagens verbais e não verbais.

A partir do momento em que o leitor se envolve com a leitura abre infinitas possibilidades de outras leituras. O intertexto a que o autor se refere é o diálogo com outros textos que nos conduzem a outras leituras e autores. A interpretação é o momento da construção de sentidos que envolvem autor e leitor nessa viagem que só o texto literário é capaz de permitir. Essa reflexão vai envolver todo o trabalho de introdução e os conhecimentos prévios sobre literatura. A reflexão literária traz implícita uma concepção do que seja interpretação e de como se deve proceder com a leitura de textos literários. As atividades de interpretação devem ter como princípio exteriorizar a compreensão da leitura, isto é, o seu registro.

Com base nessa teoria, propomos em nossas atividades momentos para que os alunos possam exteriorizar o que compreenderam. Sugerimos o registro por meio de questões subjetivas, da observação e do preenchimento de quadros comparativos, do estudo dos recursos estilísticos e do emprego dos adjetivos, de forma que se efetue uma análise ampla do estilo de escrita de cada autor estudado. Oportunizamos a representação das impressões por meio de desenhos e pinturas. A arte é um dos mais potentes discursos, uma maneira de interpretar e expor opiniões, além de sempre promover o debate, a troca de opiniões e informações.

No tocante às metodologias para o ensino da literatura, existem diferentes formas de exercitá-la dependendo do contexto em que o indivíduo está inserido. Para o nosso projeto, seguimos as orientações da obra base da nossa pesquisa. Para o desenvolvimento deste ensino em sala de aula, Cosson (2006) aponta estratégias que favorecem o despertar do saber e do sabor literário: ‘técnica da oficina’, ‘do andaime’ e ‘do portfólio’. Vide figura 3, a seguir:

Figura 3 – Estratégias para o ensino de literatura



Fonte: Elaborado pela autora.

A técnica da oficina é o princípio da alternância entre as atividades de leitura e escrita, isto é, para cada atividade de leitura é preciso fazer corresponder uma atividade de escrita ou registro, sob a máxima do aprender fazendo, levar o aluno a construir pela prática o seu conhecimento. A técnica do andaime faz referência ao professor(a) como apoio, no sentido de mediar as atividades a serem desenvolvidas, cabe a ele atuar como um ‘andaime’ nessa tarefa de suporte para o conhecimento. O uso do portfólio oferece ao aluno e ao professor a possibilidade de registrar as diversas atividades realizadas no projeto, ao mesmo tempo em que permite a visualização do crescimento alcançado pela comparação dos resultados iniciais com os últimos, quer seja do aluno, quer seja de todos do círculo.

O professor deve aproveitar e apresentar outras obras e autores, pois a sequência expandida baseia-se na comparação entre as obras, os textos dialogam a partir de pontos comuns. O objetivo é o debate entre os alunos e o registro, propiciando um ponto de partida para a leitura de tantas outras obras, “são as relações com as obras que lhe são anteriores, que servirão de inspiração ou que estavam no horizonte da leitura do autor e foram por ele apropriadas e atualizadas de alguma forma naquela obra”. (COSSON, 2006, p.94).

A promoção de experiências efetivas com a leitura do texto literário na sala de aula proporciona atitudes de confronto com nós mesmos, pelo encantamento que o poder da literatura nos possibilita, organizando nossos sentimentos e a nossa visão de mundo. Antônio

Candido (2011), em seu brilhante ensaio, *O direito à Literatura*, afirma que a literatura deve ser vista como um direito básico de todo ser humano:

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CANDIDO, 2011, p. 176)

Partindo desses postulados, reafirmamos a necessidade de projetos que desenvolvam o letramento literário e a educação literária, pois não se trabalha a interpretação de um texto literário como se trabalha, por exemplo, uma propaganda ou um artigo científico. O texto literário requer um tratamento diferenciado, há necessidade de uma leitura mais demorada, mais introspectiva, pois se trata de textos mais complexos, que dependem de um aprendizado específico, que na maioria das vezes é negado ao aluno, pela massificação dos conteúdos, principalmente nos últimos anos da Educação Básica, que correspondem ao ensino Médio.

2.4 Círculos de leitura

Os círculos ou oficinas de leitura são hoje a alternativa, seja na escola ou não, de ampliar o espaço dedicado ao texto literário e de fomentar outros modos de ler, cujos imperativos estão bem distantes de obrigações escolares de leitura. Partindo do pressuposto de que não existe leitor isolado e de que a leitura é uma interação social, os leitores, nos ‘círculos de leitura’, partilham não somente leituras, mas experiências. Roger Chartier traz a concepção de comunidade de leitores como comunidades interpretativas:

Uma história da leitura, portanto, consiste em construir comunidades de leitores como sendo comunidades interpretativas, (...), observar como as formas materiais afetam os seus sentidos, localizar a diferença social nas práticas mais que nas diferenças estatísticas” (CHARTIER, *apud* COSSON, 2018, p. 138).

Assim, uma comunidade de leitores pode ser definida como um grupo de leitores que interagem entre si sobre textos literários lidos. À vista disso, compartilham interesses, objetivos e ideias. O papel do leitor parte para uma visão de leitura colaborativa, com isso destaca-se a importância desses círculos em sala de aula: “ler em grupo encoraja novas formas de associação e fomenta novas ideias que são desenvolvidas em diálogo com os outros e com os livros” (LONG *apud* COSSON, 2018, p.139).

Para a história cultural, no entanto, a relação entre autor, obra e leitor transpassa a simples escolha do ato de ler, pois também depende das instituições, do mercado e do repertório, aos quais uma comunidade pertence. Elizabeth Long (1993) é citada em Cosson

(2018), para que possamos entender melhor esse processo de interpretação individual e coletiva,

A interpretação que fazemos de um texto, por mais pessoal que nos pareça, está ligada à existência de uma ‘infraestrutura social de leitura’, tanto em termos de instituições, como escola e academia, quanto em relação ao mercado, necessário para a circulação dos livros, que determinam o que está disponível para a leitura, o que vale ser lido e como deve ser lido” (LONG apud COSSON, 2018, p.139).

Desse modo, a interpretação que fazemos de um texto, por mais particular que nos pareça, está sempre ligada à existência de uma ‘infraestrutura social de leitura’, que está presente em termos de instituições, como a escola e a academia, constituindo o amplo repertório de leitura. Sendo assim, embora a leitura seja um processamento individual, como um todo é sempre uma prática social, porque não há leitor sozinho, sempre faremos parte de uma comunidade de leitura, ainda que não tenhamos consciência dessas questões.

Os círculos de leitura tornam-se uma prática privilegiada dentre as tantas maneiras de se conceber uma comunidade de leitores. Ao lerem em conjunto, compartilham a interpretação dos textos, desenvolvendo o caráter social que a leitura proporciona, na medida em que se apropriam de um novo repertório e podem manipular esse conhecimento com mais consciência, adquirindo autonomia para enfrentar e questionar regras e tradições estabelecidas. Todavia, precisamos reconhecer que não há nem leitor nem texto fora das convenções de uma comunidade. Portanto, pensar em leitura e textos perpassa a nossa convivência dentro de uma comunidade interpretativa. Cosson (2018) conclui de forma esclarecedora a importância em se trabalhar com círculos de leitura em sala de aula:

Os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada – de certa forma, um círculo de leitura tem os mesmos predicados dos Círculos de Cultura de Paulo Freire, que os localizava como espaços de diálogo e participação em lugar do ensino doador e passivo tradicional (FREIRE, *apud* COSSON, 2018, p. 139).

Concluindo, os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa, pois aumentam o horizonte da interpretação individual ao promover o diálogo e o debate por meio da partilha das leituras e apreciações feitas pelos membros do grupo. Em nossos encontros literários discutiremos obras e autores, as mais inquietantes situações e os diversos pontos de conflito provindos dos temas narrados, sempre com o foco na emancipação que a Literatura nos oportuniza.

2.5 Bases legais – LDBEN, Diretrizes, Parâmetros Curriculares e a BNCC

A reformulação do ensino Médio no Brasil vem atender as necessidades de uma atualização consistente da educação brasileira. Com fundamentação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9394/96 (BRASIL, 1996) regulamentada pelas Diretrizes do Conselho Nacional de Educação e pelos Parâmetros Nacionais Curriculares⁵ (PCNs) em 1998, os esforços foram intensificados para impulsionar uma democratização social e cultural mais efetiva, de forma a responder as demandas do nosso século. Isso significa preparar para a vida, qualificar para a cidadania e capacitar para o aprendizado permanente, seja no prosseguimento dos estudos, seja no mundo do trabalho.

Os PCNs trouxeram as orientações educacionais que, sem pretensão normativa, contribuíram para a efetivação das reformas educacionais definidas pela LDBEN 9394/96. Para tanto, explicitaram a articulação das competências gerais que se desejava promover com os conhecimentos disciplinares e seus conceitos estruturantes, por meio da apresentação de um conjunto de sugestões de práticas educativas e da organização de currículos mais coerentes. Com essa articulação, trouxeram apoio e um novo horizonte na continuidade da formação profissional dos professores da Educação Básica.

Do fim do século passado para os nossos dias, muito se tem discutido sobre educação e sobre os esforços para conseguirmos índices satisfatórios de compreensão leitora e produção escrita. A BNCC foi criada para estabelecer um padrão mínimo de instrução, e o esperado é que essa padronização aumente a qualidade do ensino no país, especialmente na esfera pública. Esse documento faz parte do Plano Nacional da Educação, previsto na Constituição Federal de 1988. A primeira versão foi redigida em 2014.

Em 2017, com a alteração da LDB por força da Lei nº 13.415/2017, a legislação brasileira passa a utilizar, concomitantemente, duas nomenclaturas para se referir às finalidades da educação:

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular ‘definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio’, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento [...]. Art. 36. § 1º A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas ‘competências e habilidades’ será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino (BRASIL, 2018).

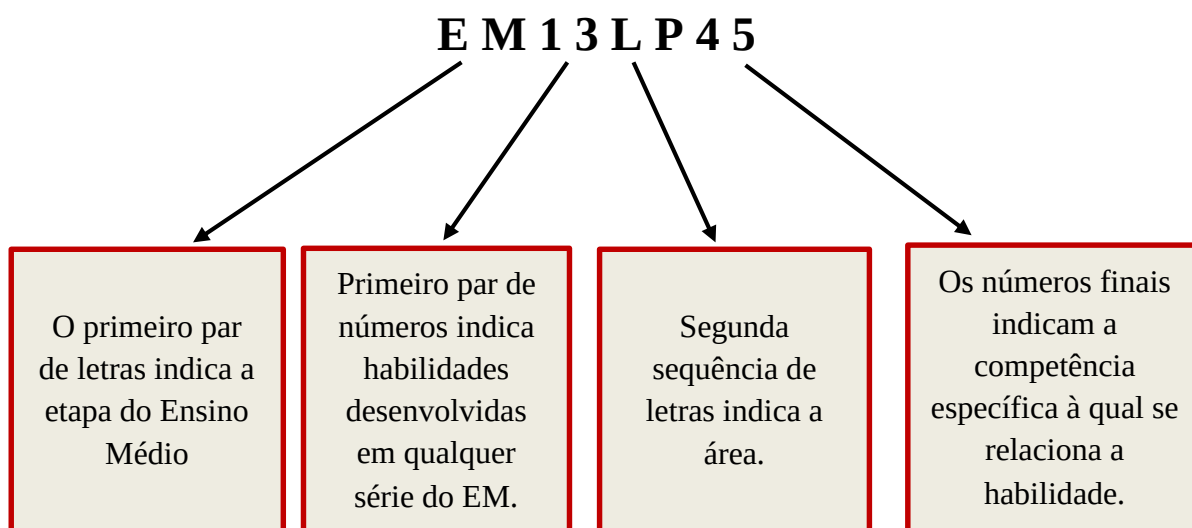
Em nosso projeto, o foco é para o **Campo Artístico Literário**. Neste campo, busca-se a ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e

⁵ Parâmetros curriculares nacionais são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal que orientam a educação no Brasil.

artísticas em geral. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos. Ele se organiza em várias habilidades que procuram montar um mapa das ações e intervenções necessárias para que as competências sejam alcançadas. Cada habilidade é identificada por um código alfanumérico que permite a identificação.

Trata-se de designar aquilo que os estudantes devem aprender durante a Educação Básica, que diz respeito aos saberes e à capacidade de articulá-los e aplicá-los em situações reais de convivência e atuação profissional. A leitura dessas nomenclaturas estão detalhadas na figura 4, a seguir:

Figura 4 - Código alfanumérico das competências e habilidades da BNCC



Fonte: Elaborado pela autora.

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica, direito público subjetivo de todo cidadão brasileiro. No entanto essa etapa tem se mostrado como um grande gargalo da realidade educacional brasileira. A necessidade atual é atender as demandas e garantir a permanência e as aprendizagens dos estudantes, como bem identificam e explicitam as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio de 2011 (DCNEM/2011):

Com a perspectiva de um imenso contingente de adolescentes, jovens e adultos que se diferenciam por condições de existência e perspectivas de futuro desiguais, é que o Ensino Médio deve trabalhar. Está em jogo a recriação da escola que, embora não possa por si só resolver as desigualdades sociais, pode ampliar as condições de inclusão social, ao possibilitar o acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho (Parecer CNE/ CEB nº 5/2011, 2011, p. 25).

Os itinerários formativos têm como objetivo flexibilizar a organização curricular do Ensino Médio e possibilitar opções de escolha aos estudantes. Os itinerários podem ser estruturados com foco na área do conhecimento. Nosso destaque é para área de Linguagens e suas Tecnologias, que compreende: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Artes e Educação Física. Para orientar uma abordagem integrada dessas linguagens e de suas práticas, a área propõe que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias, TV, internet, jornais, revistas, mídias sociais e situadas em campos de atuação social diversos.

Em Língua Portuguesa, a BNCC no Ensino Médio, o objetivo é dar continuidade ao aprendizado da língua por meio das práticas de leitura, oralidade e escrita, realizadas no Ensino Fundamental. Em Leitura, o foco está na interação ativa entre leitor e mediador, aluno e professor, com textos escritos, orais ou multissemióticos oriundos de diferentes campos de atividade humana. Para aprimorar a compreensão leitora é importante que sejam proporcionadas diversificadas experiências de ler, ouvir e comentar textos escritos, portanto, é fundamental que a leitura do texto literário seja feita em sala. O contato com o texto deve ser completo, e não por intermédio apenas do livro didático e fragmentos do texto.

Dentro das suas inúmeras divisões, a BNCC inclui como modalidade o campo artístico-literário, que absorve as noções de educação literária e apresenta indicações bem específicas sobre novos paradigmas para o estudo do literário e as metodologias correspondentes. Destacamos o fragmento do documento que explicita melhor a ideia:

Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes. Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando. (BRASIL, 2018, p. 28-29).

O campo se organiza em várias habilidades que procuram montar um mapa das ações e intervenções necessárias para que as competências sejam alcançadas. Dessa forma, a leitura literária deve proporcionar ao aluno a experiência de conhecer quem escreveu a obra, em qual tempo e espaço, como o texto circulou e está até hoje entre nós. Esse processo é fundamental para o desenvolvimento cultural e crítico, ampliando o conhecimento de mundo

do estudante e sua formação cidadã. Abaixo relacionamos essas competências específicas conforme consta no referido documento.

Competências específicas da área de linguagens / campo artístico literário⁶

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO	
PRÁTICAS:	Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica.
Habilidades	
(EM13LP45)	Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
(EM13LP46)	Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo
(EM13LP47)	Analisar assimilações e rupturas no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.
(EM13LP48)	Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.
(EM13LP49)	Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.
(EM13LP50)	Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural.
(EM13LP51)	Analisar obras significativas da literatura brasileira e da literatura de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos), considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como elas dialogam com o presente.
(EM13LP52)	Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, vlogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e-zines etc.).
(EM13LP53)	Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, fanfics, fanclipes etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

Fonte: BNCC (2018).

⁶ Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

Assim, as recentes mudanças na LDB, em função da Lei nº 13.415/2017, substituem o modelo único de currículo do Ensino Médio por um modelo diversificado e flexível. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Formação Técnica e Profissional.

Em consonância com a BNCC, acreditamos que o exercício da leitura literária promove atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e das necessidades do cenário profissional. Assim, o Ensino Médio, etapa final da educação básica, deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para uma real transformação da sociedade, tornando-a mais humana, mais equilibrada socialmente, sem esquecermos o compromisso com a preservação da natureza.

3 O FANTÁSTICO NA LITERATURA

“A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa.”

(BARTHES, 2004, p.19).

Depois de sedimentadas as bases de reflexão sobre as concepções de leituras, com as quais configuramos o projeto, ao lado da clarificação da noção de letramento como mediação necessária à experiência de leitura literária, vamos direcionar os estudos para uma vertente discursiva que atravessa o trabalho e que necessita igualmente de investigação: o texto fantástico. A seguir, abordaremos as características do gênero, sua riqueza textual e as diversas categorias em que se subdivide para, depois, apresentar os contos selecionados e neles fazer dialogar esse percurso teórico delineado até aqui.

3.1 Considerações teóricas sobre a natureza da literatura fantástica

O termo “fantástico” tem origem no étimo latino “phantasticu”, o qual é derivado do grego “phantastikós”, palavra oriunda de “fantasia”. Etimologicamente, portanto, o vocábulo “fantástico” refere-se ao que é inverossímil, àquilo que é criado pela imaginação. Em língua portuguesa, o vocábulo em questão assumiu várias acepções, como se observa no Dicionário Aurélio online, no qual encontramos as seguintes definições para “fantástico”: a) aquilo que só existe na fantasia ou imaginação; b) caprichoso, extravagante; c) incrível, extraordinário, prodigioso; d) falso, simulado, inventado, fictício.

Um dos primeiros textos escritos de que se tenha registro é a Epopeia de Gilgamesh⁷, uma obra suméria que data do ano 2.000 a.C. Essa composição já incorporava, na altura, elementos fantásticos, como intervenções divinas e gigantes. Por isso, pode-se afirmar que:

A Literatura Fantástica é tão antiga quanto o ato de escrever. Isso se explica pelo fato de que é próprio da natureza humana a expressão de sentimentos de forma inusitada, exagerada, desprovida do caráter real da vida cotidiana, onde o leitor possa mergulhar num mundo de fantasia. Assim, desde épocas imemoriais o homem valeu-se da literatura para expor suas experiências mais insólitas e surreais possíveis, desde o registro de seus sonhos e desejos, até a descrição de presságios ou mesmo de superstições e mandingas. (MAIA, 2007, p. 03).

⁷ O texto mais importante sobre o personagem é a chamada Epopeia de Gilgamés, um longo poema cuja versão "padrão" foi compilada no último terço do II milênio a.C. em acádio, baseada em histórias mais antigas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilgam%C3%A9s>. Acesso em: 07 out. 2019.

Como se pode depreender, o vocábulo “fantástico” foi assumindo com o tempo significados nem sempre relacionados com o sentido original do termo. Nesse processo, o fantástico passou a designar, no âmbito literário, um gênero específico de ficção, no qual a essência é não priorizar as representações realistas, ao contrário, procura subverter as leis do mundo real. Distingue-se da ficção científica, em que esta apresenta causas científicas para romper a mecânica do funcionamento da realidade. Convém destacar que, para além da presença de elementos irrealis, o gênero fantástico apresenta coerência interna entre estes elementos. A estrutura, as cenas e a interação dos personagens mantêm uma lógica.

Diante da complexidade terminológica do fantástico, Tzvetan Todorov (2007), em sua obra *Introdução à Literatura Fantástica*, procura traçar as fronteiras do gênero. Nesse processo, o filósofo e linguista búlgaro ressalta que a narrativa fantástica desenvolve-se num primeiro momento em um mundo real, pertencente ao cotidiano de homens e mulheres reais. Mas de alguma forma inesperada, em meio a fatos que não têm explicação, o leitor começa a ser envolto pela hesitação, pela dúvida, a intrigante busca da razão para justificar os acontecimentos insólitos em que a narrativa o projeta. Subitamente descortina-se diante do leitor um mundo fantástico, com seres imaginários, como gênios, animais falantes e pessoas dotadas de poderes mágicos. O autor apresenta sua definição para o fantástico com três condições a serem preenchidas:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem(...) Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética” (TODOROV, 2007, p. 39).

É a partir da ambiguidade do texto, abrindo ao leitor a possibilidade de interpretar os acontecimentos da narrativa como sendo reais ou imaginários, que o texto fantástico se avizinha de dois subgêneros fronteirizos: o estranho e o maravilhoso. Ou seja, “ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso” (TODOROV, 2007, p. 48). Segundo o autor, o fantástico é sempre evanescente e dura apenas o tempo de uma hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se a percepção depende ou não da realidade. Se essa percepção admite que a realidade seja capaz de explicar os fatos narrados, temos o gênero estranho. Se, por outro ângulo, a decisão seja por admitir novas leis da natureza para explicação dos fatos, temos o gênero maravilhoso. Destacamos outra passagem da obra de Todorov para corroborar a explicação:

O estranho realiza, como se vê, uma só das condições do fantástico: a descrição de certas reações, em particular do medo; está ligado unicamente aos sentimentos das personagens e não a um acontecimento material que desafie a razão (o maravilhoso,

ao contrário, se caracterizará pela existência exclusiva de fatos sobrenaturais, sem implicar a reação que provoquem nas personagens) (TODOROV, 2007, p.53).

Para compreendermos um pouco melhor essa tênue fronteira entre os gêneros, levaremos em consideração, com base na obra em questão, a definição de tempo. O ‘maravilhoso’ se relaciona com o futuro, pois se trata de algo desconhecido, que ainda não foi visto nem percebido, no ‘estranho’, temos a lembrança, ou seja, o desconhecido é reduzido a uma experiência conhecida, portanto, se relaciona com o passado. Quando nos referimos ao ‘fantástico’, o momento de dúvida e hesitação que caracteriza o gênero encontra-se no presente. Para uma melhor compreensão, temos a seguinte explicação:

[...] o maravilhoso corresponde a um fenômeno desconhecido, jamais visto, por vir; logo, a um futuro; no estranho, em compensação, o inexplicável é reduzido a fatos conhecidos, a uma experiência prévia, e daí ao passado. Quanto ao fantástico mesmo, a hesitação que o caracteriza não pode evidentemente, situar-se senão no presente. (TODOROV, 2007, p. 49).

É importante perceber que a atmosfera da narrativa fantástica compreende essa ambiguidade que é característica do gênero, nunca propiciando uma certeza ou definição absoluta. Filipe Furtado, em sua obra *A construção do fantástico na narrativa*, enfoca o gênero como uma organização de elementos, que, organizados no decorrer da narrativa, encaminham para uma compreensão do equilíbrio difícil. De acordo com o autor, o gênero se dá como “uma organização dinâmica de elementos que, mutuamente combinados ao longo da obra, conduzem a uma verdadeira construção do equilíbrio difícil” (FURTADO *apud* SAMPAIO, 2009, p.15).

Conforme o autor, a existência do fantástico depende desse difícil equilíbrio, a ambiguidade que não possibilita a explicação do fato narrado: as constantes dúvidas que são despertadas pelo texto, a falta de equilíbrio diante da ocorrência das ações de suas personagens e a ausência de solução que se desenrolam na narrativa. A perspectiva tradicional do fantástico sugere essa desorganização do real, na qual as personagens experimentam sensações diversas, como pânico, medo, incerteza, além de surgirem com descrições sinistras ou padrões de desequilíbrio e anomalia. A atmosfera que envolve as narrativas também se apresenta tomada por certo estranhamento, sinais insólitos, e o decorrer dos fatos aumenta a incerteza que se entrepõe como a principal condição.

Os chamados textos ‘fantásticos’ são, portanto, uma categoria especial cuja feitura, de apartamento da realidade, já traz para a leitura uma inquietação singular, que se distancia, assim, duplamente, dos caminhos lineares da compreensão leitora tradicional. A estranheza de que se constitui instaura a diferença logo em seu ponto de partida.

Júlio Cortázar, escritor argentino que se notabilizou justamente pela escrita fantástica, expressa sua compreensão pouco dualista do fenômeno. Para ele, o ato de escrever

deve se libertar de princípios, a priori tão rígidos, para que a própria escrita possa encontrar o caminho que melhor lhe configure. Nessa liberdade, que inclui o sobrenatural, mais próximo da realidade do que imaginamos, mundos coexistem com percepções diferenciadas do real.

Quase todos os contos que escrevi pertencem ao gênero chamado de fantástico por falta de melhor nome e se contrapõem ao falso realismo que consiste em pensar que todas as coisas podem ser descritas e explicadas [...] isto é, dentro de um mundo regido mais ou menos harmoniosamente por um sistema de leis, de princípios, de relações de causa e efeito, de psicologias definidas, de geografias bem cartografadas (CORTÁZAR, 1999, p. 348)

Em função dessa ‘instabilidade’ conceitual, Todorov procura encontrar explicações importantes para o entendimento do gênero em questão: “O fantástico implica, pois, a integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados. (...) A hesitação do leitor é, pois, a primeira condição do fantástico”. (TODOROV, 2007, p. 37). O interessante a notar é que dialoga com a linha de pensamento desenvolvida até aqui sobre leitura é o papel protagonista da recepção, ou seja, do leitor.

O autor nos mostra esse universo sobrenatural capaz de envolver o leitor de forma tal que este aceite sem questionar os acontecimentos da narrativa que pertencem ao mundo dos vampiros, das sílfides, dos mortos e outros seres imaginários. Todorov cita Tomachevski para corroborar tal pensamento: “No verdadeiro fantástico, fica sempre preservada a possibilidade exterior e formal de uma explicação simples dos fenômenos, mas ao mesmo tempo, esta explicação é completamente privada de probabilidade interna” (TOMACHÉVSKI *apud* TODOROV, 2007, p. 31).

Ilustrando essa afirmação sobre o caráter ambíguo do texto fantástico, Todorov faz referência ao conto “Le Manuscrit trouvé à Saragose”, de Jan Potocki. Nessa obra, o herói e narrador Alphonse Van Worden enfrenta vários incidentes, os quais, analisados isoladamente, não fogem à lógica estabelecida. Em um dado momento, porém, o personagem chega a um albergue abandonado e se prepara para dormir, até que “uma bela negra seminua, segurando um archote em cada mão, entra no quarto e o convida a segui-la” (POTOCKI *apud* TODOROV, 2007, p. 33). Alphonse experimenta sensações estranhas e uma dúvida nasce em seu espírito: “Eu não sabia mais se estava com mulheres ou com insidiosos demônios” (POTOCKI *apud* TODOROV, 2007, p. 33). O texto, assim, registra uma hesitação do narrador e do leitor em relação a determinar se uma situação inusitada está acontecendo de fato. Essa hesitação será fomentada pela incapacidade de algo ser explicado à luz da razão.

Portanto, é importante que o leitor tome certa atitude em relação ao texto literário, principalmente quando esse texto é uma narrativa fantástica; isso implica colocar-se frente a

um acontecimento estranho, que provoca inquietação, dúvida e hesitação. Temos, de certo modo, uma literatura engajada, por assim dizer, pois quando o autor atravessa as possibilidades do real, trazendo histórias verossímeis, que pertencem a essa atmosfera sobrenatural, compreende-se que essa função do sobrenatural é atribuir ao texto uma forma de transgredir as regras aceitas e impostas.

3.2 A narrativa fantástica e sua estrutura

As narrativas fantásticas apresentam em sua estrutura categorias comuns ao gênero conto, que enquadra domínios discursivos previstos para escrita de textos ficcionais. Para uma compreensão mais aprofundada sobre esse assunto é interessante nos reportarmos à obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, o autor destaca as relações situacionais, contextuais e contextuais de um texto de acordo com o gênero que o caracteriza: “(...) Mas o certo é que dada configuração linguística funciona como um texto quando consegue produzir efeitos de sentido, coerência etc., do contrário não é um texto. (MARCUSCHI, 2008, p. 90).

Levando em consideração essa prerrogativa, acreditamos que o estudo mais aprofundado sobre o gênero reforce o caráter sociocomunicativo do nosso projeto. Destacamos dentro da estrutura do conto fantástico algumas categorias a serem identificadas durante a intervenção: espaço / atmosfera, personagens, fenômeno e foco narrativo.

A construção da escrita que envolve a narrativa tende à subversão do real, enfatizando o insólito, o tosco e o sobrenatural. Surgem questões que enfocam ambientes misteriosos e a ocorrência do fenômeno que não se explica pelas leis da razão. Pose-se dizer que o fantástico se define por uma técnica ficcional cuja característica principal é a manutenção da ambiguidade. Há um fundo de realidade, para que as peças integrantes estranhas à realidade possam causar uma perturbação na verossimilhança, e assim, se sobressair. Na figura 5, ilustramos a estrutura do conto fantástico:

Figura 5 - A Narrativa fantástica e sua estrutura.

Categorias
Foco Narrativo: Pode ser em 1ª ou 3ª pessoa. Permite identificar a perspectiva do narrador, o ângulo de observação e o ponto de vista pelo qual a narrativa se desenvolve.
Espaço: Favorece a consolidação do fantástico – Espaço híbrido, descontínuo, para que haja o impacto peculiar.
Atmosfera: Sempre construída em função do espaço. Aura de estranheza que prenuncia o rompimento da ordem estabelecida. Ex.: tumulto, ventania, isolamento, escuridão, etc.
Personagens: São intrigantes, verifica-se uma ruptura com os padrões tradicionais.
Fenômeno: Acontece nos espaços comuns, mas permitindo uma divisa para a ocorrência do inexplicável pelas leis da razão.

Fonte: Elaborado pela autora.

A combinação dos elementos, espaço e atmosfera, resulta na naturalidade da narrativa, mas com prenúncio para que ocorra o impacto peculiar. As personagens são incomuns, com características atípicas, tornando a atmosfera das narrativas algo inusitado, no qual o suspense caminha para um final inesperado, como a falta de explicação plausível ante as ocorrências. Sobre essa contextura, eis o que Furtado ressalta:

[...] Pontos de encontro entre o falso mundo real representado no discurso e a sua ilusória subversão, cumprem quase sempre melhor esse papel quando integrados em paisagens solitárias bravias do que no contexto mais marcadamente objetivo e propício à fecundidade interpretativa que os grandes aglomerados constituem. (FURTADO, *apud* SAMPAIO, 2009, p. 107).

Os contos fantásticos seguem uma estrutura em que predomina a narração em primeira pessoa, sendo o narrador personagem ou simples testemunha. A voz da personagem pode aparecer em diálogos ou não, sem que isso deixe de provocar o estranhamento no leitor. O foco narrativo permite identificar a perspectiva do narrador, o ângulo de observação e o ponto de vista pelo qual a narrativa se desenvolve, enquanto as personagens avolumam o enredo com os detalhes da descrição.

É importante que o aluno leitor entenda a perspectiva do foco narrativo, para que a compreensão do texto seja mais ampla e possibilite melhor reflexão. Segundo Sampaio (2009), o processo discursivo não interfere na consolidação do fantástico, mesmo sendo mais

comum o foco narrativo em primeira pessoa, o emprego da terceira pessoa também atinge os efeitos desejados para o desenvolvimento do fantástico.

O espaço é uma categoria importante, pois configura um dos pontos principais para a consolidação do fantástico no texto. A escolha por casas grandes e abandonadas, lugares isolados, jardins e florestas, cemitério, entre outros, nos quais o sombrio se faz presente, é uma preferência na construção dos textos fantásticos. Sempre com detalhes e riqueza na descrição dos elementos, que corroboram para uma normalidade com traços duvidosos, os quais encaminham o desenrolar do texto para o impacto próximo, a estranheza do fenômeno que se aproxima.

A atmosfera torna-se fundamental na composição do espaço fantástico. A aura sinistra que rompe uma aparente normalidade estabelecida e conduz para o fenômeno que está por acontecer sempre terá colaboração de um clima que, com sinais contraditórios e misteriosos, afastará a possível normalidade. Os indicadores mais frequentes do inconcebível são: a noite fria e escura, o crepúsculo, a ventania, o temporal, a desordem e a presença dos astros, como a lua e as estrelas e o isolamento social. No conto de Lygia Fagundes Telles, “Natal na barca”, podemos identificar esses elementos e aqui destacamos um fragmento: “Só sei que em redor tudo era silêncio e treva (...). Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio”. (TELLES, 2009, p.115).

As personagens são os fios condutores capazes de nortear o efeito da fenomenologia⁸ posta em cena. O protagonista das narrativas fantásticas sofre sistematicamente o efeito da ação do místico, luta contra as forças malévolas, mas nem sempre consegue se livrar. A personagem que narra demonstra ter noção do que representa o inexplicável, transmite a surpresa do inesperado e o temor que o fenômeno pode manifestar, porém continua com a descrição dos fatos não dando margem para que a justificativa seja uma possível loucura. Para ilustrar, destacamos um fragmento do conto “Bárbara”, de Murilo Rubião:

Bárbara gostava somente de pedir. Pedia e engordava. Por mais absurdo que pareça, encontrava-me sempre disposto a lhe satisfazer os caprichos. Em troca de tão constante dedicação, dela recebi frouxa ternura e pedidos que se renovavam continuamente. (...) Pediu o oceano. Não fiz nenhuma objeção e embarquei no mesmo dia, iniciando longa viagem ao litoral. (RUBIÃO, 2001, p. 32).

⁸ A palavra fenomenologia surgiu a partir do grego *phainesthai*, que significa "aquilo que se apresenta ou que se mostra", e logos é um sufixo que quer dizer "explicação" ou "estudo".

Com a leitura dos textos fantásticos, é possível moldar nossa capacidade de percepção tanto quanto a nossa perplexidade ante as narrações, pelo simples fato de estabelecermos a analogia com o real e os acontecimentos descritos, pois o princípio da Literatura Fantástica é esse incômodo ou espanto diante da própria da realidade.

3.3 O fantástico em três tempos: Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião e Machado de Assis

A narrativa fantástica contemporânea expressa os anseios do mundo atual e as inquietações em relação aos mistérios que envolvem a natureza humana. A preocupação é demonstrar as questões que afligem o indivíduo moderno. No passado, o fantástico foi representado na literatura por monstros, vampiros, bruxas e outros seres passíveis às mais variadas metamorfoses. Nos contos fantásticos modernos, os enredos demonstram a preferência por temas clássicos: a metamorfose, a ressurreição, a viagem ao passado, a morte e o duplo, mantendo o caráter epifânico da escrita. Para a nossa pesquisa, vislumbramos textos que abordam questões cotidianas e pertinentes ao universo dos participantes do projeto, os alunos do ensino médio.

Sendo assim, escolhemos autores e obras nacionais de períodos literários diferentes com produção voltada para o gênero fantástico. Apresentamos aos alunos a factualidade de Lygia, o inverossímil de Rubião e a contemporaneidade de Machado. O primeiro texto escolhido para o projeto pertence à Lygia Fagundes Telles, o conto “Natal na barca”. Considerada a primeira dama da literatura brasileira, figura entre as maiores escritoras do Brasil do século XX. Seus contos são ambientados na atmosfera do fantástico, do impossível, plenos de questões que atormentam a existência humana. Lygia cria seus personagens para tratar de situações que causam estranheza no leitor, como a memória e o esquecimento, o sonho e a morte e as metamorfoses, esse sobrenatural caracteriza sua obra como pertencente à Literatura Fantástica. Outra marca da sua prosa é a preocupação com o universo feminino, por isso busca representá-lo, dando voz e vez às mulheres.

“Natal na barca” é uma narrativa fantástica que evoca o tema da ressurreição. Trata-se de uma pessoa anônima, que na noite de Natal faz uma travessia em uma barca desconfortável e tosca. Apesar de Natal, a noite é fria e escura, a água do rio gelada e negra. A embarcação é desconfortável e deprimente, os quatro passageiros, um velho, uma mulher com uma criança no colo e a narradora mostram-se solitários e silenciosos. A personagem que narra, detalha a cena em que percebe que a criança nos braços da mãe está morta: “O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe

continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto” (TELLES, 2009, p.119).

Podemos identificar no conto o espanto da narradora ao verificar que a criança está viva, mesmo depois de tê-la visto morta. O indicador do efeito fantástico se mantém, pois o sujeito da enunciação continua perplexo perante o fenômeno inexplicável, não há esclarecimento para a ressurreição da criança tampouco a constatação de um engano: “A criança abriu os olhos – aqueles olhos que eu vira cerrados definitivamente. E bocejava esfregando a mãozinha na face corada. Fiquei olhando sem conseguir falar” (TELLES, 2009, p.120).

O conto estabelece também um diálogo com a mitologia grega ao ter como mote da narrativa a travessia em uma barca, uma ‘intertextualidade’ com a metáfora grega da barca de Caronte. A narrativa apresenta um barqueiro, um velho avaro, que exigia pagamento para transportar almas que tinham tido por sepultura o negro limo dos rios infernais. No texto de Lygia, os passageiros também são transportados por um rio de águas escuras em um ambiente sombrio, apesar da data festiva. É possível perceber as relações interdiscursivas entre os textos.

Em “Natal na barca”, a mulher, uma professora, é descrita como uma figura de caráter e dignidade. Importante estabelecer esse diálogo com o grupo, a força feminina como o alicerce da família. A autora chama atenção do leitor para essa mulher que representa tantas outras mulheres. Acreditamos que esse assunto é relevante para um aprofundamento da leitura literária. É preciso que temas polêmicos sejam abordados na escola e que nossos jovens possam se expressar livremente e ouvir os demais, estabelecendo-se verdadeiros círculos de conversa literária, desenvolvendo o senso crítico e a capacidade de argumentar sobre os diversos temas.

O segundo texto que será apresentado ao grupo pertence ao autor mineiro Murilo Rubião, que iniciou seus escritos na década de 1940 do século XX. Os contos de Rubião apontam para a perspectiva da Literatura Fantástica, por serem narrativas em que ocorrem fatos inconcebíveis e situações inusitadas. Porém, dentro desse enredo inexplicável remetem à realidade concreta da existência humana, cabendo ao leitor perceber e compreender um sentido para esse universo sobrenatural. Todos os contos de Murilo Rubião se valem dessa lógica inverossímil para questionar situações e problemas reais. Para o nosso projeto escolhemos o conto “Bárbara”. Bárbara é insaciável, só sabe pedir, e sempre deseja mais e mais. Quanto mais ela pede e satisfaz sua ânsia, mais engorda, atingindo proporção surreal. O encantamento exercido pelo novo e a ambição afastam-na da convivência familiar.

Seu marido é quem narra os fatos, sendo o narrador e personagem. Ele descreve a ânsia e as cobiças incontroláveis de sua amada esposa. Quanto mais ela desejava, mais engordava. Desejava coisas absurdamente impensáveis e engordava na mesma proporção de seus desejos. Apesar de não ser retribuído em seu amor, ele idolatrava sua esposa e não media esforços para satisfazê-la. Destacamos um trecho em que essa enunciação é percebida:

Às vezes relutava em aquiescer às suas exigências, vendo-a engordar incessantemente. Entretanto, não durava muito a minha indecisão. Vencia-me a insistência do seu olhar, que transformava os mais insignificantes pedidos numa ordem formal. Que ternura lhe vinha aos olhos, que ar convincente o dela ao me fazer tão extravagantes solicitações! (RUBIÃO, 2001, p.31).

Murilo Rubião lança mão de uma escrita direta que transporta o leitor, com facilidade, para um mundo delirante, construído por imagens e espaços que se apresentam entre o real e o fantástico. A hesitação neste conto ocorre na descrição e na natureza dos acontecimentos, na maneira como são dispostos os objetos e os espaços ficcionais na ordem dos pedidos, como: um oceano, um baobá, um transatlântico e uma estrela.

O autor explora neste texto metáforas que abordam as temáticas do consumismo que provoca a desumanização do ser humano. Quanto mais Bárbara pede, desejos absurdos como um navio, por exemplo, mais ela se isola em seu mundo abandonando a família. O marido se esforça cada vez mais para conseguir realizar seus desejos, mas só demonstra que o consumo de Bárbara nunca terá fim. O fantástico é capaz de atingir um simbolismo que o realismo não consegue atingir, esse é um diferencial na leitura da literatura fantástica.

A obra não apresenta final com um desfecho para a insaciedade de Bárbara e o desvelo de seu marido, espera-se que o leitor use a imaginação para inferir sobre o destino das personagens. Nossa intenção é fomentar essa continuidade do conto, a troca de observações e impressões, essa linha tênue entre o realismo fantástico e as questões que inquietam os nossos jovens. Outro ponto a ser trabalhado são as epígrafes retiradas da bíblia, do Antigo Testamento, o que deve causar estranhamento e debates interessantes para a compreensão da leitura literária.

Por fim, nosso último texto é do célebre Machado de Assis, que no século XIX já fazia uso do simbolismo fantástico com maestria. “Um esqueleto” é um conto escrito pelo autor fluminense em 1875, no qual são narradas cenas insólitas de um médico e seu discípulo sobre os descaminhos do matrimônio, trazendo à tona mais um tema de grande importância: a violência contra a mulher.

No conto, o Dr. Belém, personagem central da narrativa, é descrito como um homem misterioso e com olhar fúnebre, que por ciúme assassina a esposa. Após a sua morte,

fica sabendo da inocência da mulher, resolve então recuperar os ossos da amada e passa a conviver com o seu esqueleto, obrigando os outros a aceitarem essa estranha situação. Trata-se de uma obra que pode ser considerada como fantástica, pois contém elementos que a definem como tal. Todorov diz que, “O fantástico implica, pois, uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados”. (TODOROV, 2007, p. 37).

A narrativa, no primeiro capítulo, já destaca o espaço e a atmosfera fantástica, como podemos acompanhar neste fragmento: “Batia justamente meia-noite; a noite, como disse, era escura; o mar batia funebremente na praia. Estava em pleno Hoffmann”. (ASSIS, online, 2020, machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/avulsos).

No desenrolar da narrativa, Dr. Belém se mostra uma pessoa cada vez mais macabra e excêntrica. Como se fosse algo natural, em conversa com Alberto; narrador e protagonista; resolve mostrar a sua primeira esposa. Ela era um esqueleto dentro de um móvel de vidro coberto por um pano verde. No desenrolar da trama o medo de Alberto só aumenta, pois teme que o destino de D. Marcelina, a esposa viva seja o mesmo da finada, visto que, o médico já havia lhe confessado o assassinato da infeliz por motivo de ciúme e suspeita de adultério. Fato que posteriormente não se confirmou, a esposa era inocente.

O autor criou assim toda a atmosfera sinistra da narrativa, com elementos sobrenaturais, sem explicação real para os acontecimentos incomuns narrados, destacamos o fragmento: “No fundo do gabinete havia um móvel coberto com um pano verde; o doutor tirou o pano e eu dei um grito. Era um armário de vidro, tendo dentro um esqueleto”. (ASSIS, online, 2020, machadodeassis.ufsc.br). Dessa forma, o texto evolui para um crescente mistério envolvendo essas personagens peculiares, sem uma explicação plausível para os fatos e com um final surpreendente.

Nessa narrativa machadiana temos um assunto bem atual, que é o ciúme extremo que, por descontrole emocional da personagem principal, acaba levando ao assassinato da mulher amada. Hoje temos tal crime classificado como feminicídio, ou seja, crime aliado à questão de gênero, pelo simples fato da vítima ser uma mulher. O tema central, o ciúme, e outros elementos macabros característicos da narrativa fantástica serão ingredientes atrativos para a leitura literária.

Além disso, sabe-se que o conto foi baseado em fato real, e o tal esqueleto seria o de uma cantora lírica francesa, que ao chegar ao Brasil se apaixonara por um médico de grande clínica da antiga capital do Império. Assassinada pelo marido ciumento, seu corpo fora depois

roubado da sepultura pelo amante e exibido em uma vitrine em seu consultório. Essa história surtirá curiosidade no grupo e instigará a pesquisa.

4 ESCOLA - ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

“A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.”

(CANDIDO, 2011, p.182).

Cosson afirma que a escola não é o único espaço de formação literária nem o mais eficiente, porém, na sua visão, a escola continua sendo o melhor espaço e o mais adequado para a formação do aluno leitor. Contanto que esse aluno tenha o contato com o texto literário e que a escola proporcione momentos de leitura do texto literário: “[...] a escola é o lugar da aprendizagem sistemática e sistematizada da leitura e de outros saberes e competências – que temos em nossa sociedade” (COSSON, 2018, p.45).

Por isso, antes de desenvolver os passos do projeto de intervenção, apresentaremos a escola onde ele será desenvolvido, pois acreditamos que um projeto que tem mira de atuação na educação pública merece um detalhamento particular, sendo que, a compreensão dessas particularidades (como localização, formação docente, história educativa etc.) são essenciais para a elaboração das linhas de ação.

4.1 Contexto da pesquisa e dos participantes

A EEFM José de Alencar⁹, localizada na área urbana de Fortaleza, bairro Messejana, recebe alunos dos mais variados lugares, já que sua localização é central e de fácil acesso. Próxima a BR 116, a CE 040, a terminais de ônibus e hospitais, ela conta atualmente com mais de 1.700 alunos distribuídos nos três turnos e atende também moradores de bairros mais distantes e até de outros municípios, como Eusébio e Itaitinga. Além disso, é uma referência na Regional VI pelos resultados significativos que já conquistou nas avaliações externas, como o ENEM.

A partir de 2010, os professores da área de Linguagens e Códigos, em reuniões para avaliação do processo de ensino aprendizagem do Ensino Fundamental e Médio, perceberam a necessidade de realizar um projeto que movimentasse a comunidade escolar no sentido de superar as dificuldades apresentadas em leitura, envolvendo compreensão textual e produção escrita. A partir dessa motivação, juntamente com o apoio do Núcleo Gestor,

⁹ EEFM José de Alencar – IDEB em 2019 – L.P.: 294,8 /MAT.: 286,66. Dados obtidos pela SEDUC – CE.

Ingressaram pela nota obtida no ENEM 2018: 36 alunos em universidades federais (SISU) e 08 alunos na UECE- Universidade Estadual do Ceará. Em 2019, tivemos 30 aprovações pelo SISU em primeira chamada. Dados disponíveis na secretaria da escola.

elaborou-se um projeto para melhorar a leitura, abrangendo a compreensão, a fluência e o incentivo do hábito de ler, tão necessário para a formação integral de nossos educandos. Assim, pôde-se contar com o apoio de um projeto maior chamado ‘Jovem de Futuro’ (PJF).

O PJF foi criado pelo Instituto Unibanco, aprovado pelo Ministério da Educação em 2009 e estendido para as Secretarias Estaduais de Educação. Em 2011, a EEFM José de Alencar foi inserida no projeto para desenvolver, no período de três anos, ações que garantissem a permanência, com sucesso, dos alunos no Ensino Médio, estimulando-os a concluir essa etapa de estudos.

O PJF teve como objetivo alcançar resultados atingindo três eixos: alunos, professores e gestão. Partindo dessas metas, a escola se comprometeu a aumentar a média de rendimento em Língua Portuguesa e Matemática, além de reduzir os índices de abandono.

Para melhorar os indicadores de aprendizagem em Língua Portuguesa, foi criado o Projeto de Leitura e Arte: Chá Literário J.A, que foi desenvolvido a partir de um conjunto de ações: leitura de livros literários, interpretação das narrativas (títulos da literatura nacional e internacional) e organização de atividades para a apresentação dessas obras. O projeto envolveu toda a comunidade escolar: professores, alunos, funcionários, núcleo gestor, pais e responsáveis. Foi perceptível o entusiasmo dos estudantes na realização e divulgação das tarefas.

A organização do Chá Literário J.A. se efetivou em torno da leitura de textos literários, mediante ações rotineiras, como visitas à biblioteca e ao laboratório de informática, aluguel de livros e pesquisas na internet. Além disso, permitiu contextualizar a leitura das obras indicadas por meio das diversas formas de expressão, como: apresentação cênica, elaboração de paródia de músicas; inserindo o enredo do livro lido; confecção de poemas em cordel e a produção de curtas, vídeos caseiros com duração de no máximo dez minutos. Trabalhou-se com a interdisciplinaridade de fato.

Em 2012, o Chá Literário J.A. teve uma repercussão notável. O sistema Verdes Mares fez uma visita à escola e, depois de receber todas as informações sobre o projeto, destinou uma matéria no jornal impresso e no CETV primeira edição, com uma participação relâmpago no Programa da Ana Maria Braga. Tal repercussão representou para a escola o reconhecimento e prestígio de um trabalho, que contribuiu efetivamente com o enriquecimento do repertório cultural e protagonismos juvenil.

Em 2013, o projeto foi premiado pela Secretaria de Educação do Ceará, com a participação em um projeto chamado ‘Professor Aprendiz’. Para participar, professores de diversas disciplinas inscreviam seus projetos e, após aprovação da secretaria (SEDUC),

apresentavam para seus pares, com o intuito de disseminar experiências exitosas. Colaboramos com o projeto compartilhando as experiências do Chá Literário. Participamos do evento de encerramento, que culminou em um Colóquio, intitulado: V Colóquio – Abrindo Trilhas para os Saberes¹⁰

O êxito desse projeto impulsionou a criação de mais uma oportunidade, igualmente sistematizada, com foco no processo de formação de alunos leitores. Foi instituído em nosso calendário letivo a Feira Literária, que engloba as áreas de Linguagens e Humanidades, com a participação dos primeiros e segundos anos do Ensino Médio. A cada novo evento é discutido uma temática para a pesquisa, por meio de leituras e apreciação das obras escolhidas, sempre com a participação da liderança de alunos.

4.2 Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada é exploratória descritiva, visando uma pesquisa-ação, que traz como objeto de investigação uma situação social e os problemas a ela relacionados. A pesquisa-ação exige um planejamento de atividades a serem desenvolvidas por um grupo com o acompanhamento feito pelo professor. Esse método foca a observação e o registro de todas as etapas do processo que possam ser importantes para fornecer o aporte de análise e reflexão sobre os objetivos almejados.

A particularidade desta metodologia diz respeito à conscientização do grupo com a ação coletiva, o saber precisa estar ao alcance de todos, sempre visando à contribuição mútua. Segundo Thiollent (2002), a pesquisa-ação:

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, em que pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2002, p.14).

Considerando os objetivos propostos, será feita uma pesquisa-ação que tem como finalidade desenvolver um projeto de ensino de literatura, por meio da leitura e análise de contos do gênero fantástico, a partir de autores nacionais, com foco na formação do aluno leitor. O projeto está embasado na proposta do letramento literário e da educação literária, ou

¹⁰Apêndice B - A Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC), através do Programa Aprender pra Valer, realizou a V edição do Colóquio Abrindo Trilhas para os Saberes, com a temática: “Diversidade, qualidade na educação e acesso à educação superior”, Agosto/2013. Nossa escola participou do evento, apresentando o Chá Literário J.A.

seja, momentos de leitura do texto literário que oportunizam o prazer de ler, individual e coletivamente, viabilizando experiências reais de leitura.

Com base nos pressupostos apresentados por Cosson (2018), os modos de ler a leitura literária envolvem as práticas que se apoiam nos círculos de leitura, direcionados para o ensino médio, que se constituem pelas etapas de motivação, introdução, leitura, interpretação, partindo para a expansão, por meio das relações interdiscursivas e o intertexto. Na proposta de intervenção pedagógica foram contempladas as técnicas apresentadas pelo autor já citado: técnica da oficina, técnica do andaime e técnica do portfólio, usadas como estratégias para o desenvolvimento do ensino da leitura em sala de aula, com foco na interação entre aluno, texto literário e professor.

A carga horária estimada do projeto será de 35 horas-aula, aproximadamente. São destinadas duas horas-aula para cada encontro previsto durante a realização dos três módulos. Dessa forma, totalizando 42 aulas, no tocante ao trabalho com círculos de leitura, adequando a proposta de sequência básica e expandida com o texto literário. O projeto está dividido em módulos, os quais apresentam atividades que permitem a imersão dos alunos nas narrativas e despertam o prazer de ler. Assim, acreditamos que consigam aprimorar as suas apreciações e estabelecer elo da leitura com a capacidade de compreender melhor as questões pessoais e da vida social. O encadeamento das ações coloca em evidência a identificação do fantástico nas narrativas, suas características e o diálogo possível que toda obra articula com textos contemporâneos ou que a precederam.

No primeiro módulo, procedemos às atividades que correspondem à motivação, construindo uma situação na qual os alunos são apresentados ao projeto pela conversa informal, caracterizada como um convite a participar das atividades. Nessa ocasião, trabalhamos a introdução ao gênero fantástico e suas categorias. A intenção é apresentar imagens, obras e autores, iniciando-os, assim, nesse universo literário. Iniciamos os círculos de leitura, em que os alunos são convidados à leitura individual e coletiva, a expor suas impressões e a participar dos debates enriquecendo esse momento de formação literária.

No segundo módulo, procederemos à caracterização do conto fantástico, instigando a imaginação desse leitor juvenil. Apresentaremos a literatura que proporciona a entrada em um mundo onde tudo pode ser possível de realização. Aplicamos atividades, pelas quais o processo narrativo do gênero fantástico é abordado. Essas ações contribuem para a concretização do nosso objetivo principal, a formação do aluno leitor.

No terceiro e último módulo, temos a expansão do conhecimento literário e o protagonismo dos alunos, por meio da própria produção fantástica e adaptação para

apresentação de um esquete. Como momento final de aprendizado e partilha, teremos a encenação da narrativa fantástica elaborada pelos participantes do círculo de leitura.

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO – TEORIA E PRÁTICA EM SALA

“Saber ler, mais que garantir um lugar na faculdade, é um poderoso fator de inclusão social.”

(COSSON, 2018, p. 33).

Nossa intervenção pedagógica tem por base a formação do aluno leitor e o ensino de literatura mediante a leitura de contos fantásticos de autores nacionais. Para tanto, acreditamos ser necessária uma aproximação mais efetiva entre os participantes do projeto: professor (a) e alunos. Para iniciarmos, elaboramos um questionário de sondagem para que o próprio estudante reflita sobre o seu conhecimento literário. Basicamente são perguntas sobre as leituras já realizadas por eles, a autoavaliação em relação a motivação / disposição para a leitura literária, para as aulas de Português e a importância do ensino de literatura.

À vista disso, selecionamos três contos fantásticos de autores brasileiros e distribuímos as atividades em três módulos de ensino. Iniciamos o primeiro módulo com o texto “Natal na Barca” de Lygia Fagundes Telles. Diante da própria manufatura do texto de Lygia, é possível identificar a construção da atmosfera fantástica. A escolha dos adjetivos e o suspense narrado cumprem o papel de imprimir o clima fantástico ao conto.

Para evidenciar o diálogo presente entre os textos de épocas distintas, colocamos em confronto um texto da mitologia da antiga Grécia, que trata da tradição funerária de povos da antiguidade. Nosso objetivo com a leitura desse texto, “A barca de Caronte”, é mostrar aos jovens as relações interdiscursivas presentes nos textos literários, pois nenhum texto se acha isolado e solitário. Os textos comungam entre si, ou seja, os textos mantêm algum aspecto intertextual, independente da época em que foram escritos, podem ser contemporâneos ou não.

Dessa forma, a escritura de Lygia vai ao encontro ao postulado de Barthes. Em sua obra “Aula”, o autor discursa sobre o poder da Literatura, “a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita” (BARTHES, 2004, p. 19). O semioticista também deixa claro que as palavras são os ingredientes do texto e por isso precisam ter “sabor”. Ele faz a analogia entre a culinária e o saber das coisas.

Posto isso, a fantástica Lygia confirma em seus textos essa definição de saber e sabor. Em sua tessitura, a autora busca as palavras certas para descrever de forma peculiar personagens e ambientes. Aproveitamos as palavras de Barthes ao finalizar o seu discurso na aula inaugural de Semiologia Literária do Colégio de França: “Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível” (BARTHES, 2004, p.47).

No segundo módulo, o texto escolhido foi “Bárbara”, de Murilo Rubião. Nesse conto, o autor delinea de maneira singular e própria da genialidade do contista, o fantástico por meio dos desejos assombrosos da personagem que dá título ao conto. A ânsia patológica do querer sempre mais e os caprichos absolutamente irrealis configuram as características do fantástico na narrativa. Remete-nos ao embasamento teórico do filósofo e linguista Tzvetan Todorov.

Em sua obra, que temos por base, “*Introdução à Literatura Fantástica*”, o autor explicita que, no verdadeiro fantástico existe a possibilidade de uma explicação para os fatos, porém, ao mesmo tempo essa explicação é totalmente privada de realização interna, o fantástico não se explica à luz da razão. A possibilidade de hesitação entre causas do tipo natural e sobrenatural é responsável pelo efeito fantástico, “todo fantástico é ruptura da ordem estabelecida, irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana” (CAILLOIS, *apud* TODOROV, 2007, p.32).

Finalizando, em nosso terceiro módulo apresentamos a leitura do conto “Um esqueleto” do nosso ilustre Machado. Um conto que se configura dentro da concepção do realismo fantástico, por apresentar as características e o formato do gênero. Nele destacamos o imbricamento da nossa intervenção com as competências e habilidades elencadas na BNCC para a área de Linguagens no Ensino Médio.

Focamos nossas atividades no intuito de atender e desenvolver as competências específicas em atenção ao Campo Artístico Literário. As práticas envolvem a leitura, a escuta, a produção de textos orais, escritos e multissemióticos, além da análise linguística e semiótica. Sempre evidenciando relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de momentos históricos diversos. Tivemos o cuidado de inserir textos de natureza diferente para destacar a presença do diálogo entre eles.

O projeto prevê a publicação de uma antologia reunindo as produções escritas com o propósito de socializar obras autorais e divulgar o trabalho de cada participante, como mais um incentivo pela colaboração e participação. Teremos também uma apresentação cênica como forma de dialogar crítica e subjetivamente com o texto literário.

Em sequência discorremos a descrição dos módulos de ensino com as respectivas atividades destinadas à realização em sala de aula e tarefas domiciliares. Constam também as expectativas de respostas, contudo o professor(a) deve analisar e considerar outras possibilidades que atendam às perguntas e reflexões elaboradas.

5.1 Módulo I

Natal na barca – Lygia Fagundes Telles

1º encontro – (02 aulas - leitura / 02 aulas – atividades)

Motivação / introdução (apresentação da autora e obra). Objetivos:

Ler e interpretar a narrativa fantástica de Lygia Fagundes Telles.
Argumentar e se posicionar em relação aos assuntos abordados no conto.
Conhecer o gênero fantástico e destacar as principais categorias do fantástico.
Compreender a estrutura do gênero, percebendo os recursos estilísticos empregados na narrativa;
Iniciar a produção escrita.

I – **Motivação para a leitura:** Natal na Barca – Lygia Fagundes Telles.

- a) Conhecendo a autora e obra: Lygia Fagundes Telles:
- b) A professora receberá os alunos na sala de leitura ou na biblioteca da escola. Em seguida, apresentará a autora Lygia Fagundes Telles e mediará o diálogo com o grupo a partir das seguintes indagações: Alguém conhece essa escritora? Já leram algum texto dela? Pelo título, *Natal na barca*, de qual assunto irá tratar esse conto?
- c) Conversar com a turma sobre a importância do seu trabalho para a literatura brasileira, sobre sua obra e caminhada literária e mostrar a trajetória de sucesso por meio de seus textos e contos fantásticos. A partir daí, comentar sobre os principais prêmios recebidos: Prêmio Camões¹¹ e o Prêmio Jabuti¹². Indicar as fontes para pesquisa: Disponível em : https://pt.wikipedia.org/wiki/Lygia_Fagundes_Telles
- d) Após esse momento de introdução sobre a autora será feita a leitura do conto “Natal na Barca”.
- e) Como sugestão de leitura, esse momento pode ser antecedido por vídeos que ilustram muito bem a narrativa. Listamos aqui alguns vídeos do You Tube, plataforma de compartilhamento de vídeos:

¹¹ O Prêmio Camões ou Prêmio Camões, instituído pelos governos do Brasil e de Portugal em 1988, é atribuído àqueles autores que contribuíram para o enriquecimento do patrimônio literário e cultural da língua portuguesa.

¹² O Prêmio Jabuti, criado em 1959, é o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro.

<https://www.youtube.com/watch?v=8rWsAY1JxQ4&t=130s> – Natal na Barca – Lygia Fagundes Telles – Contos da meia-noite.

<https://www.youtube.com/watch?v=ByFr2TvTuRU> – Curta-metragem do Conto “Natal na barca”.

<https://www.youtube.com/watch?v=wRxZOCD2JPc> - Natal na Barca.

<https://www.youtube.com/watch?v=feRhCUBNmn0> – Natal na Barca.

II- Interpretação – Perguntas para compreensão do texto: Interpretação – (Sugerimos que essa primeira interpretação seja respondida pela oralidade)

- a) O conto “Natal na barca” traz assuntos importantes para a nossa reflexão. Qual ou quais tema(s) de relevância no conto?

Resposta possível: Esse conto traz como temas a força da fé, a crença em milagres, a vida e a morte. A mulher passa por tragédias, como a morte do filho e o abandono do marido, mas continua confiante em Deus. Além de focar na figura feminina como resiliente perante às adversidades, sendo a única responsável pela criação do filho.

- b) A narrativa começa com o relato de uma viagem que aconteceu no passado. Quais os **indicadores**¹³ que remetem ao tempo passado?

Resposta possível: Os indicadores podem se referir aos tempos verbais, expressões e flashbacks. Ex.: “Não quero **nem devo lembrar** aqui por que me **encontrava** naquela barca”. A expressão utilizada remete ao passado remoto e o verbo está flexionado no pretérito. (Pret. Imperfeito – Verbo encontrar).

No gênero conto, temos elementos estruturais da narrativa. O narrador é um elemento que merece destaque. Ele determina o foco narrativo.

Quando o narrador do conto é uma personagem ou o protagonista, temos o foco narrativo em 1ª pessoa. Se o narrador for um observador que narra a história, temos o foco narrativo em 3ª pessoa. É importante a identificação para possamos estudar o ponto de vista da narrativa.

Sobre foco narrativo: <https://www.estudopratico.com.br/foco-narrativo/> - acesso 29/05/2020.

Agora responda:

1) Qual o foco narrativo do conto? A partir desse conhecimento, podemos inferir algo mais sobre a história? Justifique com uma passagem do texto.

Resposta possível: No conto temos a narradora como personagem principal da história. Assim, a construção da narrativa se dá em 1ª pessoa. Podemos inferir a situação de solidão em que ela se encontra, sem amigos nem familiares em uma data emblemática como o Natal.

“Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.”

2) Descreva o espaço / atmosfera do conto escrito por Lygia Fagundes Telles.

Resposta possível: Rio escuro de águas geladas, embarcação tosca e desconfortável, escuridão e solidão, apenas quatro pessoas na embarcação: um velho, uma mulher, uma criança e a narradora.

3) A oposição de ideias como escuridão / Natal (sendo o Natal uma data em que há relação com iluminação e luzes), contribui para manter a ambiguidade no texto. Encontre no texto outra passagem que remeta à ideia de pares opostos.

Resposta possível: “(...) estávamos os quatro, silenciosos como **mortos** (...). Contudo estávamos **vivos**. E era Natal.” O par de opostos: mortos / vivos.

4) Que nome recebe esse recurso estilístico utilizado pela autora?

Resposta possível: Esse recurso estilístico é uma figura de linguagem e recebe de antítese.

5) Sobre o enredo do conto, faça um breve resumo, máximo de 10 linhas, explicando para o leitor o encadeamento dos fatos do conto “Natal na barca” e as situações vividas pelas personagens durante o desenrolar da narrativa.

Resposta possível: Uma narrativa em primeira pessoa, na qual a narradora relembra uma viagem em uma barca desconfortável, que mais se assemelhava a um antigo barco de mortos. Eram apenas quatro passageiros, um velho bêbado e esfarrapado, uma mulher com uma criança doente nos braços e a narradora. Em um rio de águas escuras e frias. Tudo era solidão e trevas. Apesar de ser noite de Natal, todos estavam sozinhos e tudo era silêncio.

6) Na passagem: “*Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade*”, em sua percepção o que o(a) narrador(a) pretende evitar naquele momento? Justifique sua resposta com passagens do texto.

Resposta possível: Para se afastar de seus problemas e angústias. “Sentei-me e tive vontade de rir. Incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta porque agora não podia mais parar, ah! aquele **sistema dos vasos comunicantes**”. Aqui a narradora utiliza a expressão “sistema dos vasos comunicantes”, explicando a necessidade do ser humano em se comunicar e sempre perguntar mais, trata-se de uma curiosidade natural.

7) Qual o momento do clímax do conto? Transcreva essa passagem.

Entende-se por clímax, o mais delicado ponto do conflito, no qual não se sabe para que lado penderá a história. O clímax, numa narrativa, é o ponto alto de tensão da ficção.

Resposta possível: “(...) levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei-me para o rio. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.”

8) O final da narrativa traz um impasse que define o conto como pertencente ao **gênero fantástico**. Explique essa afirmativa.

Resposta possível: O desfecho traz o fenômeno da ressurreição da criança, que visivelmente morta nos braços da mulher acorda e volta a viver. O fantástico se constrói por meio dessa falta de explicação para os fatos à luz da razão. “(...) Inclinei-me. A criança abriu os olhos – aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente.”

III – O fantástico no conto

Conceituando o gênero e suas características

As narrativas fantásticas apresentam em sua estrutura categorias comuns ao gênero conto, que enquadra domínios discursivos previstos para escrita de textos ficcionais. Destacamos dentro da **estrutura do conto fantástico** algumas categorias a serem identificadas: **espaço / atmosfera, personagens, fenômeno e foco narrativo**. A combinação dos elementos, **espaço e atmosfera**, resultam na naturalidade da narrativa, mas com prenúncio para que ocorra o impacto peculiar. As **personagens** são incomuns e intrigantes, com características atípicas, tornando a atmosfera das narrativas algo inusitado. Surgem questões que enfocam ambientes misteriosos e a ocorrência do **fenômeno** que não se explica pelas leis

da razão. O **foco narrativo** permite identificar a perspectiva do narrador, o ângulo de observação e o ponto de vista pelo qual a narrativa se desenvolve. O enredo não linear ou ziguezagueante, mescla presente e passado, com utilização de recursos como o **flashback** (volta ao passado). Esses recursos estilísticos de escrita provocam sensações de “**estranhamento**” no leitor, por meio da ruptura da lógica.

IV - Atividade domiciliar

Planejamento e elaboração do texto – Atividade de produção escrita

- a) Você irá escrever um conto fantástico. É importante que você pense no tema que será o mote do seu conto. Tratamos no conto lido o **tema travessia em uma barca**. Na narrativa, quatro passageiros faziam a viagem em uma barca na noite de Natal. O narrador nos transporta em uma viagem por águas escuras e gélidas, em uma noite fria e taciturna, num clima de dúvida e incerteza. Perceba que há vários assuntos imbricados: **viagem, fé, vida e morte**.
- b) Mergulhe em sua criatividade e desenvolva uma narrativa que desperte no leitor a dúvida, momento de hesitação em relação ao fenômeno inesperado e inexplicável que será narrado.
- c) Lembre-se do fantástico como elemento estruturador da narrativa, seu texto deve conter: narrador (personagem ou observador), personagens, espaço/atmosfera (geralmente lugares ermos, sombrios, isolados, como casarões, jardins, cemitério, entre outros espaços). O fenômeno, momento de quebra da normalidade (instante de hesitação). E um desfecho intrigante, característico dos contos fantásticos.
- d) Dê um **título** para o seu conto. O título é um elemento muito importante para o gênero.

Boa Produção!

Sugestões de leitura e pesquisa para escrita:

A caçada e Venha ver o pôr do sol - (Antes do baile verde. Companhia das Letras, 2009, p.: 67 – 135).

Vídeos para acessar no You Tube :

<https://www.youtube.com/watch?v=386fuVrjjw4> - **A Caçada**, de Lygia Fagundes Telles
- Contos da Meia-noite

<https://www.youtube.com/watch?v=Pmi7J61naks> - **Venha ver o pôr do sol** - Lygia Fagundes Telles. Americana-SP

<https://www.youtube.com/watch?v=QxyY2lFsnnI> - Radionovela - **Venha Ver o Pôr do Sol** (Lygia Fagundes Telles)

2º encontro – (02 aulas – leitura / 02 – atividades)

A Barca de Caronte

Interpretação / Intertextualidade

Objetivos
Verificar e organizar a autoavaliação da produção escrita referente à atividade domiciliar.
Identificar os pontos que necessitam de ajustes para a posterior reescrita.
Compreender as relações interdiscursivas e intertextuais.
Perceber a importância da escolha das palavras e dos recursos estilísticos.
Criar um texto multimodal.

I. Avaliação da produção escrita

Estratégia: No círculo, recapitular o encontro anterior e abrir para a apreciação dos alunos. Após, receber os contos da atividade domiciliar, entregar a ficha de avaliação e explicar a importância da autoavaliação e da reescrita.

Agora que você já escreveu seu conto fantástico, é hora de avaliá-lo considerando os seguintes critérios elencados na **ficha de autoavaliação**:

Considerar as possíveis respostas.

Elementos do conto fantástico	O texto apresenta	
	SIM	NÃO
O texto tem título e personagens?		
É possível perceber o espaço e a atmosfera como descrição de lugares que se enquadram nas características do fantástico?		
Você identifica o momento de clímax da narrativa?		
Desperta no leitor a dúvida em relação ao fenômeno inesperado e inexplicável?		
O leitor tem informações suficientes para compreender que se trata de uma narrativa fantástica?		

- Partindo dessa autoavaliação, o aluno identificará as alterações necessárias para a melhoria da sua produção.
- É interessante que a autoavaliação seja feita em pares, para que os próprios alunos possam perceber e contribuir no que precisa ser ajustado.
- Será proposto a reescrita. A nova versão será entregue no intuito de que, posteriormente, seja publicada uma **antologia**¹⁴ agrupando os contos produzidos pela turma. Será uma **Antologia Fantástica do círculo de leitura J.A.**

As versões dos textos serão registradas no Portfólio do Círculo de Leitura.

Todas as decisões serão discutidas pelo Círculo de Leitura com a mediação do professor. A intenção é de que a participação dos alunos seja mais efetiva, propiciando o protagonismo estudantil.

II: Leitura do texto: “A barca de Caronte”, mitologia grega.

Depois dos comentários, apresentar as ilustrações que representam o texto “A barca de Caronte”, conto da mitologia grega.

¹⁴ Coleção de textos que pode estar organizada em um livro, ou outro tipo de publicação.

Perguntar: Essas imagens remetem ao nosso 1º texto? Esses textos dialogam entre si? O cenário descrito no conto de Lygia se parece com a imagem da Barca de Caronte? Quais são as semelhanças percebidas? Vocês já tinham ouvido sobre essa história da mitologia grega?

Aguçar o envolvimento do grupo em relação aos questionamentos. Em seguida iniciar a leitura do texto.

Sugestão para as aulas de motivação e leitura – vídeos para acessar no YouTube:

<https://www.youtube.com/watch?v=5E5VpbXG6wk> - **Caronte: O Barqueiro do Submundo** - Dicionário Mitológico Foca na História.

https://www.youtube.com/watch?v=bCfANvf_PHA - **Portal dos Mitos: Caronte.**

<https://www.youtube.com/watch?v=LaoDQgngTWo> - **Caronte / o barqueiro do inferno/Mitologia Grega**

No círculo, abrir a roda de conversa sobre o conhecimento literário construído durante esses primeiros encontros. Os alunos manifestarão suas ideias estabelecendo elos com seus conhecimentos prévios e trocando informações e conhecimento. Essa é a melhor forma de motivá-los a ler e ampliar o repertório cultural.

Outro ponto importante a ser destacado é a linguagem do texto. A escolha de palavras é a marca que revela ao leitor ideias fundamentais. Os recursos linguísticos auxiliam nesse processo de construção da narrativa fantástica.

IV - Atividade de produção e criação:

Os alunos serão convidados a confeccionar um painel artístico dos textos literários trabalhados, “Natal na Barca” e “A barca de Caronte”.

- Cada um criará um desenho ou colagem que represente o tema comum aos dois contos lidos nos encontros, a **travessia** como **metáfora**¹⁵ de passagem para outro momento em nossas

¹⁵ Figura de linguagem utilizada na escrita conotativa para dar mais expressividade ao texto. Apresenta diferentes significados, sujeitos a diferentes interpretações, dependendo do contexto frásico em que aparece, assumindo um sentido figurado e simbólico. Assim, a comparação é feita de modo subentendido, não havendo também um termo comparativo explícito. <https://www.normaculta.com.br/metaphora/> acesso 15/10/19 em 09:31 h

vidas. É importante que a mediação pontue a representação das **relações intertextuais e interdiscursivas** entre as obras: “Natal na barca” e “A barca de Caronte”.

V - Atividade domiciliar: Para compreender melhor o texto – A barca de Caronte

1) Quais as palavras utilizadas na descrição do barqueiro e da barca?

Respostas possíveis:

barqueiro	barca
Deus, velho, imortal	estreita
avaro	feia
impiedoso	fúnebre

a) O autor escolhe as palavras para empregá-las de forma proposital. Qual a função e importância dessas palavras para o entendimento do texto?

Resposta possível: Os adjetivos são empregados nas narrativas para descrever as características físicas geralmente idealizadas, mas sem muitos detalhes descritivos. Além disso, podem se referir à questões psicológicas e subjetivas, reportando o leitor para a imagem do que está escrito. A escolha das palavras faz parte da descrição minuciosa que induz ao estranhamento característico na narrativa. Portanto os adjetivos são importantes para detalhar a figura estranha e assustadora de Caronte, o barqueiro do inferno.

b) A ausência desses adjetivos poderia prejudicar a compreensão da narrativa? É possível substituí-los mantendo a coerência do texto?

Resposta possível: Sim. A ausência dos adjetivos prejudicaria a compreensão e dificultaria a visualização mental pelo leitor. É possível encontrar sinônimos para adjetivar as palavras.

c) Quais outros adjetivos você utilizaria para os mesmos substantivos? Escreva-os no quadro abaixo.

Considerar as respostas possíveis dentro do contexto do texto.

barqueiro	idoso, tosco, feio (considerar outras possibilidades)
-----------	---

barca	Suja, escura, apodrecida, corroída
-------	------------------------------------

2) Na passagem do texto: “*não recebia na sua barca senão as ‘sombras daqueles que tinham tido sepultura’ e que lhe pagavam a passagem.*” Explique a expressão: **sombras daqueles que tinham tido sepultura**. Como podemos classificá-la?

Resposta possível: A expressão se refere às condições de nível social da época, as pessoas que tinham condições de pagar por uma cerimônia fúnebre e também pagar a passagem dos mortos que seriam transportados. Trata-se de uma figura de linguagem, uma metáfora, recurso muito utilizado que produz sentidos figurados por meio de comparações.

3) Em nosso primeiro encontro lemos e interpretamos o conto “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles. Em seguida, estudamos o texto “A barca de Caronte”, da mitologia grega. Quais as relações de semelhança e dessemelhança podemos perceber nos dois textos?

Retomar os dois textos e analisar as semelhanças entre eles.

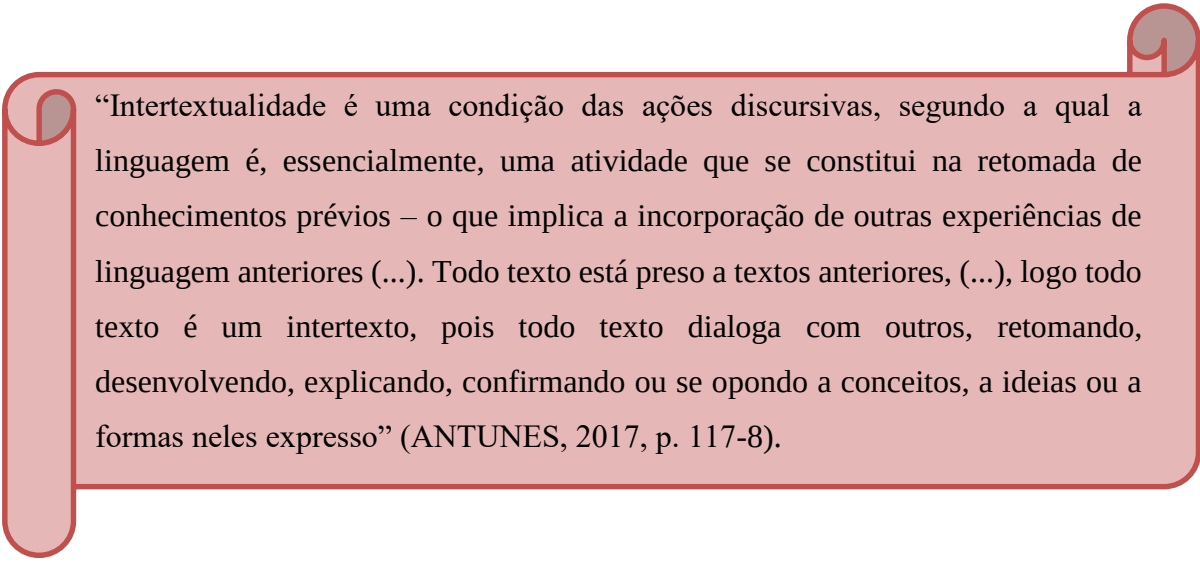
Semelhanças	Dessemelhanças
Os dois textos tratam de uma viagem, a passagem de uma margem do rio a outra.	No primeiro texto não fica claro quem pilota a barca.
O rio descrito é frio e de águas escuras.	“Natal na barca” é narrado em 1ª pessoa, enquanto que “A barca de Caronte” tem o foco narrativo em 3ª pessoa.
O espaço e a atmosfera são descritos como lugares escuros, sombrios e isolados. As narrativas remetem ao desconhecido.	No primeiro texto são quatro os viajantes da barca. No segundo os passageiros são “as sombras dos mortos”.

4) Que percepções são possíveis a partir desse comparativo?

Resposta possível: É possível perceber o diálogo existente entre os dois textos. O conto de Lygia estabelece relações com “A barca de Caronte”, relativo a mitologia grega. Os dois textos tratam do tema viagem como uma passagem ao desconhecido. Além de trazer a palavra “barca” no título. O intertexto sempre estará presente nas narrativas, independente da época em que foram escritos.

Para ampliar o conhecimento: Em suas leituras e pesquisas, relacione outros textos (literários) que tenham como foco o tema abordado em nosso 1º módulo: **travessia em uma barca**. Traga informações para serem trocadas no círculo de leitura em nosso próximo encontro. A cada novo texto lido aprendemos mais e, conseqüentemente, teremos nosso repertório cultural ampliado! Boas leituras!

Importante:



“Intertextualidade é uma condição das ações discursivas, segundo a qual a linguagem é, essencialmente, uma atividade que se constitui na retomada de conhecimentos prévios – o que implica a incorporação de outras experiências de linguagem anteriores (...). Todo texto está preso a textos anteriores, (...), logo todo texto é um intertexto, pois todo texto dialoga com outros, retomando, desenvolvendo, explicando, confirmando ou se opondo a conceitos, a ideias ou a formas neles expresso” (ANTUNES, 2017, p. 117-8).

Textos do módulo I**Figura 6 – Lygia Fagundes Telles**

Fonte: <https://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/aos-89-lygia-fagundes-telles-diz-que-escreve-todo-dia/> Acesso: 20 mar. 2020.

Natal na barca – Lygia Fagundes Telles

Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.

O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga.

Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com uma barca tão despojada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.

Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.

A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la. Sentindo então alguns respingos no rosto, inclinei-me mais até mergulhar as pontas dos dedos na água.

— Tão gelada — estranhei, enxugando a mão.

— Mas de manhã é quente.

Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava com um meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado. Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Reparei que suas roupas (pobres roupas puídas) tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.

— De manhã esse rio é quente — insistiu ela, me encarando.

— Quente?

— Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa pensei que a roupa fosse sair esverdeada. É a primeira vez que vem por estas bandas?

Desviei o olhar para o chão de largas tábuas gastas. E respondi com uma outra pergunta:

— Mas a senhora mora aqui perto?

— Em Lucena. Já tomei esta barca não sei quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje...

A criança agitou-se, choramingando. A mulher apertou-a mais contra o peito. Cobriu-lhe a cabeça com o xale e pôs-se a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço. Suas mãos destacavam-se exaltadas sobre o xale preto, mas o rosto era sereno.

— Seu filho?

— É. Está doente, vou ao especialista, o farmacêutico de Lucena achou que eu devia ver um médico hoje mesmo. Ainda ontem ele estava bem mas piorou de repente. Uma febre, só febre... Mas Deus não vai me abandonar.

— É o caçula?

Levantou a cabeça com energia. O queixo agudo era altivo mas o olhar tinha a expressão doce.

— É o único. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico quando de repente avisou, vou voar! E atirou-se. A queda não foi grande, o muro não era alto, mas caiu de tal jeito... Tinha pouco mais de quatro anos.

Joguei o cigarro na direção do rio e o toco bateu na grade, voltou e veio rolando aceso pelo chão. Alcancei-o com a ponta do sapato e fiquei a esfregá-lo devagar. Era preciso desviar o assunto para aquele filho que estava ali, doente, embora. Mas vivo.

— E esse? Que idade tem?

— Vai completar um ano. — E, noutro tom, inclinando a cabeça para o ombro: — Era um menino tão alegre. Tinha verdadeira mania com mágicas. Claro que não saía nada, mas era muito engraçado... A última mágica que fez foi perfeita, vou voar! disse abrindo os braços. E voou.

Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços (os tais laços humanos) já ameaçavam me envolver. Conseguira evitá-los até aquele instante. E agora não tinha forças para rompê-los.

— Seu marido está à sua espera?

— Meu marido me abandonou.

Sentei-me e tive vontade de rir. Incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta porque agora não podia mais parar, ah! aquele sistema dos vasos comunicantes.

— Há muito tempo? Que seu marido...

— Faz uns seis meses. Vivíamos tão bem, mas tão bem. Foi quando ele encontrou por acaso essa antiga namorada, me falou nela fazendo uma brincadeira, a Bila enfeiou, sabe que de nós dois fui eu que acabei ficando mais bonito? Não tocou mais no assunto. Uma manhã ele se levantou como todas as manhãs, tomou café, leu o jornal, brincou com o menino e foi trabalhar. Antes de sair ainda fez assim com a mão, eu estava na cozinha lavando a louça e ele me deu um adeus através da tela de arame da porta, me lembro até que eu quis abrir a porta, não gosto de ver ninguém falar comigo com aquela tela no meio... Mas eu estava com a mão molhada. Recebi a carta de tardinha, ele mandou uma carta. Fui morar com minha mãe numa casa que alugamos perto da minha escolinha. Sou professora.

Olhei as nuvens tumultuadas que corriam na mesma direção do rio. Incrível. Ia contando as sucessivas desgraças com tamanha calma, num tom de quem relata fatos sem ter realmente participado deles. Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido, via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos, aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma certa irritação me fez andar.

— A senhora é conformada.

— Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.

— Deus — repeti vagamente.

— A senhora não acredita em Deus?

— Acredito — murmurei. E ao ouvir o som débil da minha afirmativa, sem saber por quê, perturbei-me. Agora entendia. Aí estava o segredo daquela segurança, daquela calma. Era a tal fé que removia montanhas...

Ela mudou a posição da criança, passando-a do ombro direito para o esquerdo. E começou com voz quente de paixão:

— Foi logo depois da morte do meu menino. Acordei uma noite tão desesperada que saí pela rua afora, enfiei um casaco e saí descalça e chorando feito louca, chamando por ele! Sentei num banco do jardim onde toda tarde ele ia brincar. E fiquei pedindo, pedindo com tamanha força, que ele, que gostava tanto de mágica, fizesse essa mágica de me aparecer só mais uma vez, não precisava ficar, se mostrasse só um instante, ao menos mais uma vez, só mais uma! Quando fiquei sem lágrimas, encostei a cabeça no banco e não sei como dormi. Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio rindo ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... Era tamanha sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim.

Fiquei sem saber o que dizer. Esbocei um gesto e em seguida, apenas para fazer alguma coisa, levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei-me para o rio. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.

Debrucei-me na grade da barca e respirei penosamente: era como se estivesse mergulhada até o pescoço naquela água. Senti que a mulher se agitou atrás de mim

— Estamos chegando — anunciou.

Apanhei depressa minha pasta. O importante agora era sair, fugir antes que ela descobrisse, correr para longe daquele horror. Diminuindo a marcha, a barca fazia uma larga curva antes de atracar. O bilheteiro apareceu e pôs-se a sacudir o velho que dormia:

— Chegamos Ei! chegamos!

Aproximei-me evitando encará-la.

— Acho melhor nos despedirmos aqui — disse atropeladamente, estendendo a mão.

Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fez um movimento como se fosse apanhar a sacola. Ajudei-a, mas ao invés de apanhar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho.

— Acordou o dorminhoco! E olha aí, deve estar agora sem nenhuma febre.

— Acordou?

Ela sorriu:

— Veja...

Inclinei-me. A criança abriu os olhos — aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face corada. Fiquei olhando sem conseguir falar.

— Então, bom Natal! — disse ela, enfiando a sacola no braço.

Sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa e acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.

Conduzido pelo bilheteiro, o velho passou por mim retomando seu afetuoso diálogo com o vizinho invisível. Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.

TELLES, Lygia F. In: **Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 115-120.

Texto II

Figura 7 – Barca de Caronte



Fonte: <https://lendas-mitos-blog-blog.tumblr.com/Caronte>. Acesso em: 20 mar. 2020

“A barca de Caronte”

Caronte, filho de Érebo e da Noite, era um deus velho, mas imortal. A sua função era transportar para além do Estige e do Aqueronte as sombras dos mortos em uma barca estreita, feia e de cor fúnebre.

Era não somente velho, mas também avaro; não recebia na sua barca senão as sombras daqueles que tinham tido sepultura e que lhe pagavam a passagem. A soma exigida não podia ser menos de um óbolo nem superior a três; por isso os parentes punham na boca do defunto o dinheiro necessário para pagar a sua passagem.

Caronte repelia impiedosamente as sombras daqueles que haviam sido privados de sepultura, e deixava-as errar durante cem anos sobre as margens do rio, onde em vão estendiam os braços para a outra margem.

Em vida nenhum mortal podia entrar em sua barca, a não ser que tivesse como salvo-conduto um ramo de ouro de uma árvore fatídica, consagrada a Prosérpina. A Sibila de Cumes deu um desses ramos a Enéias quando ele quis descer aos Infernos.

Pretende-se mesmo que Caronte foi punido e exilado durante um ano, nas profundezas do Tártaro, por ter passado a Hércules na sua barca, sem que esse deus estivesse munido do magnífico e precioso ramo.

Fonte de pesquisa: <https://www.mitologiaonline.com/mitos-lendas-historias/caronte-o-barqueiro-do-inferno/>
Acesso em: 15 out. 2019.

5.2 - Módulo II

Bárbara – Murilo Rubião

3º encontro – (02 aulas – leitura / 02 aulas – atividades)

Objetivos:
Conhecer autor e obra: Murilo Rubião – conto: “Bárbara”;
Estabelecer relações entre os textos: imagético e verbal;
Ler, interpretar e identificar os elementos do enredo de um conto fantástico;
Identificar as categorias do fantástico no texto;
Argumentar e expor suas impressões sobre o texto lido.

I – Motivação / introdução (apresentação do autor e obra).

Sobre o autor:

Murilo Eugênio Rubião nasceu no ano de 1916, em Silvestre Ferraz, atual Carmo de Minas, em Minas Gerais. Nascido numa família de escritores chegou aos sete anos em Belo Horizonte, onde passou grande parte de sua vida.

Formou-se em Direito, foi professor, jornalista, diretor de jornal da estação de rádio “Rádio Inconfidência”, organizando, em 1966, o Suplemento Literário do Diário de Minas Gerais. Foi funcionário público, chefe de gabinete de Juscelino Kubitschek no governo de Minas Gerais e, durante cinco anos, chefe do escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Madri, onde foi também adido à embaixada brasileira.

Murilo enxergava suas personagens como escravas da sociedade, pois apesar de fazer denúncias sobre ela, jamais conseguiam libertar-se. Em seus contos não havia possibilidade de futuro, não havendo tempo diferente do presente, e nenhum espaço para mudanças.

Compartilhava, em sua própria vida, do sentimento de falta de esperança de suas personagens. Constatou que a busca pela felicidade e a serenidade eram, por essa razão, infrutíferas.

Rubião contraiu câncer, e lutou por quase dois anos contra a doença. Considerava inútil uma obra muito extensa, e, por esse motivo, aproveitava pouco do muito que escrevia. Dedicou-se exclusivamente aos contos, que reescrevia com o passar dos anos. Murilo Rubião faleceu no ano de 1991, em Belo Horizonte.

Figura 8 – Murilo Rubião

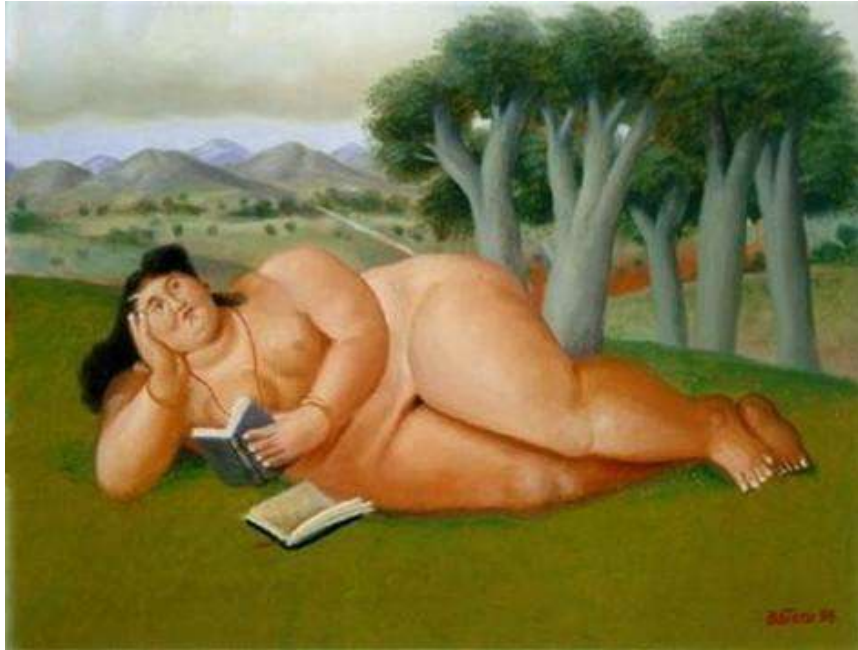


Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/murilo-rubiao.htm> Acesso em: 19 mar. 2020

Interação com o Círculo: Exercitando a reflexão e a oralidade:

- a) Momento de interação com alunos sobre a biografia do autor: Pelo histórico de Rubião, quais temas ele possivelmente abordaria em seus contos? A vida profissional pode afetar a carreira de um escritor? Por quê?
- b) Temos agora um **texto imagético** (não verbal). O título da tela é “Mulher lendo” de Fernando Botero.
- c) Observe atentamente e descreva o que você percebe.

Figura 9 - Mulher lendo



Fonte: <https://tonnedeandrade.wixsite.com/poesia/post/2015/03/23/gordas-s%C3%A3o-bonitas> Acesso em: 16 mar. 2020

Esse momento será uma conversa com os participantes e as hipóteses serão ou não confirmadas após a leitura do texto. É importante a retomada para confrontar essas suposições com as conclusões após a leitura.

- a) O que mais lhe chamou a atenção nessa tela?
- b) O artista representou a cena de modo realista?
- c) Como é fisicamente a personagem retratada?
- d) Em relação ao fundo dessa pintura, o que podemos perceber?
- e) Qual a possível relação entre a cena representada na tela e o texto que será lido de Murilo de Rubião, “Bárbara”?
- f) Qual a possível correspondência entre a personagem da tela e o título do conto “Bárbara”? Comente suas hipóteses.

II - Leitura / interpretação / Identificação do fantástico no texto

Após a apresentação do autor e apreciação do texto imagético, “Mulher lendo”, será feita a leitura do texto “Bárbara”. Em sequência a professora mediará a interpretação para depois aprofundar a compreensão com questionamentos necessários.

Responda:

1) Há algo em destaque no texto que chamou atenção de vocês?

Várias observações podem ser feitas. Importante ouvir as colocações e considerar todas que forem pertinentes.

- A epígrafe no início do texto, que é um provérbio, pode ser considerado um prenúncio;
- Os pedidos cada vez mais exagerados;
- A submissão do marido.

2) Como vocês percebem o fantástico na narrativa?

Resposta possível: É possível perceber que se trata de uma narrativa fantástica a partir do primeiro desejo absurdo de Bárbara: o oceano.

3) Sobre os pedidos de Bárbara, é possível traçarmos um perfil psicológico de sua personalidade?

Resposta possível: Sim. Trata-se de uma mulher introspectiva, com tendência ao isolamento, muitas vezes agressiva, apática em relação as belezas da vida e extremamente consumista, necessita sempre mais e mais.

4) Em relação ao marido, o narrador da história, como podemos descrever seu comportamento?

Resposta possível: Submisso aos caprichos da mulher e conivente com o vício da esposa de desejar sempre mais. Carente e sempre disposto a receber o mínimo de afeto, baixa autoestima. Outro ponto importante é que ele não tem nome no conto, o que remete a sua insignificância.

Importante  O momento de partilha e reflexão sobre o entendimento do texto é fundamental para uma percepção mais apurada do texto e do gênero fantástico. Uma característica dos círculos de leitura é a socialização das ideias.

Em seguida, os alunos receberão a ficha para o preenchimento das categorias do fantástico no conto Bárbara.

No Módulo I, aprendemos sobre as características do gênero **conto fantástico**. O conto “Bárbara” pode ser considerado fantástico? Identifique os elementos (categorias) que correspondem à estrutura fantástica e faça a correspondência com passagens do texto.

Respostas possíveis:

Categorias do Fantástico	
Narrador (foco narrativo)	O marido é o narrador personagem. Ele narra a história em 1ª pessoa.
Personagens	Narrador, Bárbara e o filho.
Espaço	A casa do casal.
Atmosfera	Cenas absurdas, como a gordura monstruosa de Bárbara, o nascimento do filho, um ser raquítico e feio.
Clímax	“Vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Quando descobri que dirigia os olhos para a lua, (...)”

III – ATIVIDADE DOMICILIAR

Interpretação – Perguntas para compreensão do texto:

1) O que faz o narrador se lembrar dos tempos de infância? Esse *flashback* é importante para construção da narrativa? Comente.

Resposta possível: A vontade de receber um pouco de atenção e carinho da esposa. O flashback, ou seja, as lembranças são importantes para a construção da narrativa, pois constrói a história do casal desde a infância explicando as esquisitices de Bárbara.

2) O tempo na construção do conto é um elemento importante para a compreensão do texto. Sobre o tempo no conto de Murilo Rubião, preencha os quadros com o que é solicitado nos itens.

Respostas possíveis:

a)

Indique a época em que as ações narradas acontecem.	Tempo passado. É possível verificar pela flexão verbal e expressões.
---	--

b)

Indique referências ao tempo psicológico, ou seja, tempo interior das personagens.	“Não os retive todos de memória” “Houve tempo em que me fiz duro”
--	--

3) Transcreva passagens em que o fenômeno fantástico acontece no texto.

Resposta possível: “Apesar da compacta massa de banha que lhe cobria o corpo, ela ficava escondida por trás da colossal barriga”.

“O menino tinha que ser carregado nos braços, pois anos após o seu nascimento continuava do mesmo tamanho, sem crescer uma polegada”.

“O corpo de minha mulher que, de tão gordo, vários homens, dando as mãos, uns aos outros, não conseguiriam abraça-lo”.

Leia o trecho:

“Receoso de que dali saísse um gigante, imaginava como seria terrível viver ao lado de uma mulher gordíssima e um filho monstruoso, que poderia ainda herdar da mãe a obsessão de pedir as coisas. Para meu desapontamento, nasceu um ser raquítico e feio, pesando um quilo”.

É possível perceber uma **contradição** entre as expectativas e a constatação em relação ao nascimento do filho. Podemos identificar nessa estrutura composicional um recurso estilístico? Em caso afirmativo, que nome recebe essa figura de pensamento?

Resposta possível: Temos um recurso estilístico chamado paradoxo. É a construção de uma declaração que leva a uma contradição: mulher gordíssima, filho monstruoso, porém nasce um filho raquítico, pesando 1 kg.

3) No conto, verificamos a alusão ao Antigo Testamento, no início da narrativa. Qual a conexão entre o provérbio bíblico e o conto?

Resposta possível: O provérbio denuncia o acontecimento, um presságio do que pode acontecer ao homem que se desvia do caminho da prudência.

4) Murilo Rubião, em sua obra, lança mão de uma escrita direta que transporta o leitor, com facilidade, para um mundo onírico, construído por imagens e espaços que se apresentam entre o real e o fantástico. Sabemos que todo texto é intencional, portanto Rubião se utiliza do fio condutor do fantástico para tratar de assuntos pertinentes às relações humanas. Escreva suas impressões sobre os temas abordados na narrativa “Bárbara”.

Resposta possível: Há vários temas subjacentes nesse conto, o destaque maior é para o consumismo. O delírio de sempre desejar mais, a ânsia do ter em oposição ao ser. E a desumanização provocada por esse comportamento, levando ao isolamento e abandono da família.

4º Encontro – (02 aulas – leitura / 02 aulas atividades)

Cantiga de amor: “Se eu não a tenho, ela me tem” – Augusto de Campos

Objetivos:

Verificar e ajustar, se necessário, a atividade domiciliar;
Ler, interpretar e contextualizar uma cantiga de amor pertencente ao Trovadorismo;
Perceber as marcas das origens da nossa literatura na produção literária atual;
Identificar os recursos estilísticos empregados.
Perceber as relações interdiscursivas a partir dos textos lidos
Produzir uma sequência narrativa a partir do conto lido.

I – Verificação da atividade domiciliar

- Será feita uma recapitulação do encontro anterior, pontuando as questões abordadas no conto Bárbara. Todos os questionamentos serão comentados e compartilhados no círculo. As atividades serão recolhidas e verificadas para análise dos dados.

- Em seguida, a professora apresentará uma cantiga trovadoresca – cantiga de amor.

Você vai ler o trecho de uma cantiga provençal do século XII, do trovador Arnaut Daniel (nasceu em Périgord, atual França, por volta de 1.150). Ela foi traduzida e recriada pelo poeta Augusto de Campos, no século XX. Durante a leitura, verifique se a cantiga trata da consumação do amor ou da aceitação de um sentimento sofrido.

II – Leitura / interpretação – Intertextualidade

Se eu não a tenho, ela me tem

Arnauld Daniel (tradução-recriação de Augusto de Campos)

Se eu não a tenho, ela me tem	Amor comanda
O tempo todo preso, Amor.	à escravidão mais branda
E tolo e sábio, alegre e triste,	E assim me rendo,
Eu sofro e não dou troco.	Sofrendo,
É indefeso quem ama.	à dura lida

Que me é deferida.	A sombra vã da
Se calo, é porque mais convém	memória me demanda
calar, em mim, o meu calor.	e eu me surpreendo
A língua hesita, o corpo existe	mexendo
e, doendo, acha pouco,	nesta ferida
sofre mas não reclama.	sempre revolvida.

Fonte: SETTE, et. al. **Português: trilhas e tramas**, 2016, p.17.

1) Após a leitura, quais semelhanças perceptíveis entre os textos: “Bárbara” e “Se eu não a tenho, ela me tem” são identificadas? Em que momento é perceptível um **interdiscurso** entre eles?

Resposta possível: Todos os versos retratam o amor sofrido do sujeito poético que se encontra preso a um amor que o comanda. É possível identificar o interdiscurso, ou seja, o diálogo presente nos textos, mesmo com o distanciamento temporal, pois não há escrita única e solitária, os textos se entrelaçam. O Trovadorismo foi um movimento literário que evidenciou o amor platônico em suas cantigas. No conto “Bárbara” temos a história de um casal sem amor. Mesmo com o desvelo do marido, a esposa não retribui esse amor, tampouco se interessa pelo lar ou pelo filho.

2) Podemos dizer que os textos produzidos contemporaneamente sofrem influência histórica. À vista disso, comente essa afirmativa: “A literatura brasileira, em seu início, surgiu em congruência com as manifestações literárias trazidas de Portugal. Isso porque os escritores e artistas da época ou eram portugueses de berço ou brasileiros que tinham formação acadêmica em Portugal”. <https://www.estudopratico.com.br/literatura-brasileira/> - Michelle Nogueira – Acesso 05 jun. 2019.

Considerar as respostas possíveis.

3) Identifique na cantiga os versos em que:

a) O sujeito poético retoma o sentimento expresso no título.

Resposta possível: “O tempo todo preso, Amor.”

b) O sujeito poético aceita o sofrimento.

Resposta possível: “Eu sofro e não dou troco.”

4) Qual palavra desses versos resume a ideia de amor do poema?

Resposta possível: Escravidão.

5) Identifique as figuras de linguagem presentes nos versos e comente o efeito de sentido:

a) O tempo todo preso (...)

Resposta possível: **Hipérbole**. Figura de linguagem que ocorre quando há exagero proposital.

b) E tolo e sábio, alegre e triste (...)

Resposta possível: **Gradação**. É uma figura de linguagem que consiste em elencar de forma crescente ou decrescente.

c) Amor comanda a escravidão mais branda (...)

Resposta possível: **Metáfora**. Figura de linguagem que produz sentidos figurados por meio de comparação.

III – Atividade domiciliar

A proposta é que você escreva um novo final para o conto “Bárbara”, de Murilo Rubião. No desfecho criado pelo autor, o marido vai buscar uma estrela minúscula, esperando ser o derradeiro pedido de sua esposa, mantendo-se passivo e omissos em relação ao comportamento insaciável de sua amada.

- E se ele se recusasse atender ao pedido?
- Qual seria a reação de Bárbara?
- E se ela pedisse a lua?
- O marido revelará à esposa que seus desejos são absurdos?
- Bárbara vai refletir a respeito do seu comportamento compulsivo e suas consequências?
- Mantenha um encadeamento lógico entre as ações.

Elabore um desfecho impactante e surpreendente.

Essa produção deverá ser feita em grupo (3 ou 4 integrantes).

Lembre-se: Todas as produções irão compor nosso livro Antologia Fantástica do Círculo de Leitura J.A.!

Sugestões para a leitura e interpretação: vídeos no YouTube:

<https://www.youtube.com/watch?v=uLzZZMGcP5I> - **Bárbara** - Obra Completa de Murilo Rubião

- Boa produção!

Texto do Módulo II – Bárbara – Murilo Rubião

“O homem que se extraviar do caminho da doutrina terá por morada a assembleia dos gigantes” (Provérbios, XXI, 16)

Bárbara gostava somente de pedir. Pedia e engordava.

Por mais absurdo que pareça, encontrava-me sempre disposto a lhe satisfazer os caprichos. Em troca de tão constante dedicação, dela recebi frouxa ternura e pedidos que se renovavam continuamente. Não os retive todos na memória, preocupado em acompanhar o crescimento do seu corpo, avolumando-se á medida que se ampliava sua ambição. Se ao menos ela desviasse para mim parte do carinho dispensado às coisas que eu lhe dava, ou não engordasse tanto, pouco me teriam importado os sacrifícios que fiz para lhe contentar a mórbida mania.

Quase da mesma idade, fomos companheiros inseparáveis na meninice, namorados, noivos e, um dia, nos casamos. Ou melhor, agora posso confessar que não passamos de simples companheiros.

Enquanto me perdurou a natural inconsequência da infância, não sofri com as suas esquisitices. Bárbara era menina franzina e não fazia mal que adquirisse formas mais amplas. Assim pensando, muito tombo levei subindo em árvores, onde os olhos ávidos da minha companheira descobriam frutas sem sabor ou ninhos de passarinho. Apanhei também algumas surras de meninos aos quais era obrigado a agredir unicamente para realizar um desejo de Bárbara. E se retornava com o rosto ferido, maior se lhe tornava o contentamento. Segurava-me a cabeça entre as mãos e sentia-se feliz em acariciar-me a face intumescida, como se as equimoses fossem um presente que eu lhe tivesse dado.

Às vezes relutava em aquiescer às suas exigências, vendo-a engordar incessantemente. Entretanto, não durava muito a minha indecisão. Vencia-me a insistência do seu olhar, que transformava os mais insignificantes pedidos numa ordem formal. (Que ternura lhe vinha aos olhos, que ar convincente o dela ao me fazer tão extravagantes solicitações!).

Houve tempo – sim, houve – em que me fiz duro e ameacei abandoná-la ao primeiro pedido que recebesse.

Até certo ponto, minha advertência produziu o efeito desejado. Bárbara se refugiou num mutismo agressivo e se recusava a comer ou conversar comigo. Fugia à minha presença, escondendo-se no quintal, e contaminava o ambiente com uma tristeza que me angustiava. Definhava-lhe o corpo, enquanto lhe crescia assustadoramente o ventre. Desconfiado de que a ausência de pedidos em minha mulher poderia favorecer o aparecimento de uma nova espécie

de fenômeno, apavorei-me. O médico me tranquilizou. Aquela barriga imensa prenunciava apenas um filho.

Ingênuas esperanças fizeram-me acreditar que o nascimento da criança eliminasse de vez as estranhas manias de Bárbara. E suspeitando que a sua magreza e palidez fossem prenúncio de grave moléstia, tive medo de que, adoecendo, lhe morresse o filho no ventre. Antes que tal acontecesse, lhe implorei que pedisse algo.

Pedi o oceano.

Não fiz nenhuma objeção e embarquei no mesmo dia, iniciando longa viagem ao litoral. Mas, frente ao mar, aterrorizei-me com o seu tamanho. Tive receio de que minha esposa viesse a engordar em proporção ao pedido, e lhe trouxe somente uma pequena garrafa contendo água do oceano.

No regresso, quis culpar meu procedimento, porém, ela não me prestou atenção. Sofregamente, tomou-me o vidro das mãos e ficou a olhar, maravilhada, o líquido que ele continha. Não mais o largou. Dormia com a garrafa entre os braços e, quando acordada, colocava-a contra a luz, provava um pouco da água. Entrementes, engordava.

Momentaneamente despreocupe-me da exagerada gordura de Bárbara. As minhas apreensões voltavam-se agora para o seu ventre a dilatar-se de forma assustadora. A tal extremo se lhe dilatou que, apesar da compacta massa de banha que lhe cobria o corpo, ela ficava escondida por trás de colossal barriga. Receoso de que dali saísse um gigante, imaginava como seria terrível viver ao lado de uma mulher gordíssima e um filho monstruoso, que poderia ainda herdar da mãe a obsessão de pedir as coisas.

Para meu desapontamento, nasceu um ser raquítico e feio, pesando um quilo.

Desde os primeiros instantes, Bárbara o repeliu. Não por ser miúdo e disforme, mas apenas por não o ter encomendado.

A insensibilidade da mãe, indiferente ao pranto e à fome do menino, obrigou-me a criá-lo no colo. Enquanto ele chorava por alimento, ela se negava a entregar-lhe os seios volumosos e cheios de leite.

Quando Bárbara se cansou da água do mar, pediu-me um baobá, plantado no terreno ao lado do nosso. De madrugada, após certificar-me de que o garoto dormia tranquilamente, pulei o muro divisório com o quintal do vizinho e arranquei um galho da árvore.

Ao regressar a casa, não esperei que amanhecesse para entregar o presente à minha mulher. Acordei-a, chamando baixinho pelo seu nome. Abriu os olhos, sorridente, adivinhando o motivo por que fora acordada:

- Onde está?

- Aqui. E lhe exhibi a mão, que trazia oculta nas costas.

- Idiota! gritou, cuspendo no meu rosto. - Não lhe pedi um galho - E virou para o canto, sem me dar tempo de explicar que o baobá era demasiado frondoso, medindo cerca de dez metros de altura.

Dias depois, como o dono do imóvel recusava-se vender a árvore separadamente, tive que adquirir toda a propriedade por um preço exorbitante.

Fechado o negócio, contratei o serviço de alguns homens que, munidos de picaretas e de um guindaste, arrancaram o baobá do solo e o estenderam no chão.

Feliz e saltitante, lembrando uma colegial, Bárbara passava as horas passeando sobre o grosso tronco. Nele também desenhava figuras, escrevia nomes. Encontrei o meu debaixo de um coração, o que muito me comoveu. Este foi, no entanto, o único gesto de carinho que dela recebi. Alheia à gratidão com que eu recebera a sua lembrança, assistiu ao murchar das folhas e, ao ver seco o baobá, desinteressou-se dele.

Estava terrivelmente gorda. Tentei afastá-la da obsessão, levando-a ao cinema, aos campos de futebol. (O menino tinha que ser carregado nos braços, pois anos após o seu nascimento continuava do mesmo tamanho, sem crescer uma polegada.) A primeira ideia que lhe ocorria, nessas ocasiões, era pedir a máquina de projeção ou a bola, com a qual se entretinham os jogadores. Fazia-me interromper, sob o protesto dos assistentes, a sessão ou a partida, a fim de lhe satisfazer a vontade.

Muito tarde verifiquei a inutilidade dos meus esforços para modificar o comportamento de Bárbara. Jamais compreenderia o meu amor e engordaria sempre.

Deixei que agisse como bem entendesse e aguardei resignadamente novos pedidos. Seriam os últimos. Já gastara uma fortuna com as suas excentricidades.

Afetuosamente, chegou-se para mim, uma tarde, e me alisou os cabelos. Apanhado de surpresa, não atinei de imediato com o motivo do seu procedimento. Ela mesmo se encarregou de mostrar a razão:

- Seria tão feliz, se possuísse um navio!

- Mas ficaremos pobres, querida. Não teremos com que comprar alimentos e o garoto morrerá de fome.

- Não importa o garoto, teremos um navio, que é a coisa mais bonita do mundo.

Irritado, não pude achar graça nas suas palavras. Como poderia saber da beleza de um barco, se nunca tinha visto um e se conhecia o mar somente através de uma garrafa?!

Contive a raiva e novamente embarquei para o litoral. Dentre os transatlânticos ancorados no porto, escolhi o maior. Mandeí que o desmontassem e o fiz transportar à nossa cidade.

Voltava desolado. No último carro de uma das numerosas composições que conduziam partes do navio, meu filho olhava-me inquieto, procurando compreender a razão de tantos e inúteis apitos de trem.

Bárbara, avisada por telegrama, esperava-nos na gare da estação. Recebeu-nos alegremente e até dirigiu um gracejo ao pequeno.

Numa área extensa, formada por vários lotes, Bárbara acompanhou os menores detalhes da montagem da nave. Eu permaneci sentado no chão, aborrecido e triste. Ora olhava o menino, que talvez nunca chegasse a caminhar com as suas perninhas, ora o corpo de minha mulher que, de tão gordo, vários homens, dando as mãos, uns aos outros, não conseguiriam abraçá-lo.

Montado o barco, ela se transferiu para lá e não mais desceu à terra. Passava os dias e as noites no convés, inteiramente abstraída de tudo que não se relacionasse com a nau.

O dinheiro escasso, desde a compra do navio, logo se esgotou. Veio a fome, o guri esperneava, rolava na relva, enchia a boca de terra. Já não me tocava tanto o choro de meu filho. Trazia os olhos dirigidos para minha esposa, esperando que emagrecesse à falta de alimentação.

Não emagreceu. Pelo contrário, adquiriu mais algumas dezenas de quilos. A sua excessiva obesidade não lhe permitia entrar nos beliches e os seus passeios se limitavam ao tombadilho, onde se locomovia com dificuldade.

Eu ficava junto ao menino e, se conseguia burlar a vigilância de minha mulher, roubava pedaços de madeira ou ferro do transatlântico e trocava-os por alimento.

Vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Quando descobri que dirigia os olhos para a lua, larguei o garoto no chão e subi depressa até o lugar em que ela se encontrava. Procurei, com os melhores argumentos, desviar-lhe a atenção. Em seguida, percebendo a inutilidade das minhas palavras, tentei puxá-la pelos braços. Também não adiantou. O seu corpo era pesado demais para que eu conseguisse arrastá-lo.

Desorientado, sem saber como proceder, encostei-me à amurada. Não lhe vira antes tão grave o rosto, tão fixo o olhar. Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse. Ninguém mais a conteria.

Mas, ao cabo de alguns minutos, respirei aliviado. Não pediu a lua, porém uma minúscula estrela, quase invisível a seu lado. Fui buscá-la.

Rubião, M. **O Pirotécnico Zacarias**. Porto Alegre: L&P Pocket, 2001, p: 30-38.

5.3 - Módulo III

Objetivos:

Verificar e compartilhar a produção escrita do grupo: um outro final para o conto de Murilo Rubião;
Conhecer sobre o autor e obra do próximo conto: Machado de Assis;
Ler e identificar os elementos fantásticos do conto: Um esqueleto;
Interpretar e argumentar sobre os temas contemplados no texto lido;
Compreender o texto literário como forma de expressão estética, histórica e ideológica.

5º encontro – (02 aulas – leitura / 02 aulas – atividades)

I – Verificação da atividade domiciliar

Será feita uma recapitulação do encontro anterior pontuando as questões propostas na criação de um final diferente para o conto Bárbara. O grupo irá dividir as ideias e opiniões sobre os questionamentos sugeridos para a produção de um novo final do conto de Murilo Rubião. A professora recolherá as fichas com a produção escrita do grupo. Será mais uma produção para a antologia fantástica do círculo de leitura J.A.

II - Motivação / introdução (apresentação do autor e obra).

Sobre o autor:

Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morrera cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, era natural que Machado escolhesse o nome do autor de *O Guarani* para seu patrono. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis.

Filho do pintor e dourador Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina Machado de Assis, perdeu a mãe muito cedo, pouco mais se conhecendo de sua infância e início da adolescência. Foi criado no Morro do Livramento. Sem meios para cursos regulares, estudou como pôde e, em 1854, com 15 anos incompletos, publicou o primeiro trabalho literário.

A obra de Machado de Assis abrange, praticamente, todos os gêneros literários. Na poesia, inicia com o romantismo de “Crisálidas” (1864) e “Falenas” (1870), passando pelo Indianismo em “Americanas” (1875), e o parnasianismo em “Ocidentais” (1901).

Paralelamente, apareciam as coletâneas de “Contos fluminenses” (1870) e “Histórias da meia-noite” (1873); os romances “Ressurreição” (1872), “A mão e a luva” (1874), “Helena” (1876) e “Iaiá Garcia” (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico. Seus mais famosos romances são pertencentes a fase realista, são eles: “Memórias póstumas de Brás Cubas”, “Dom Casmurro”, “Quincas Borba”, “Esaú e Jacó” e “Memorial de Aires”.

Carolina Machado, esposa do escritor, era quatro anos mais velha que ele e extremamente culta. Foi ela quem apresentou a Machado os grandes clássicos portugueses e diversos autores da língua inglesa. Alguns pesquisadores afirmam que era ela quem revisava os textos do escritor. ‘Machadinho’, como o autor assinava as mensagens de amor para a noiva, entusiasmava a esposa com cartas que previam o destino do casal: “...depois, querida, ganharemos o mundo, porque só é verdadeiramente senhor do mundo quem está acima das suas glórias fofas e das suas ambições estéreis.”

Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acesso 22/10/2019.

Figura 10 – Machado de Assis



Fonte: <https://www.geledes.org.br/machado-de-assis/> Acesso em: 15 mar. 2020

Um Esqueleto – Machado de Assis

Texto-fonte:
Obra Completa, Machado de Assis, vol. II,
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Publicado originalmente em *Jornal das Famílias*, outubro a novembro de 1875.

Capítulo Primeiro

Eram dez ou doze rapazes. Falavam de artes, letras e política. Alguma anedota vinha de quando em quando temperar a seriedade da conversa. Deus me perdoe! parece que até se fizeram alguns trocadilhos.

O mar batia perto na praia solitária... estilo de meditação em prosa. Mas nenhum dos doze convivas fazia caso do mar. Da noite também não, que era feia e ameaçava chuva. É provável que se a chuva caísse ninguém desse por ela, tão entretidos estavam todos em discutir os diferentes sistemas políticos, os méritos de um artista ou de um escritor, ou simplesmente em rir de uma pilhéria intercalada a tempo.

Aconteceu no meio da noite que um dos convivas falou na beleza da língua alemã. Outro conviva concordou com o primeiro a respeito das vantagens dela, dizendo que a aprendera com o Dr. Belém.

— Não conheceram o Dr. Belém? perguntou ele.

— Não, responderam todos.

— Era um homem extremamente singular. No tempo em que me ensinou alemão usava duma grande casaca que lhe chegava quase aos tornozelos e trazia na cabeça um chapéu-de-chile de abas extremamente largas.

— Devia ser pitoresco, observou um dos rapazes. Tinha instrução?

— Variadíssima. Compusera um romance, e um livro de teologia e descobrira um planeta...

— Mas esse homem?

— Esse homem vivia em Minas. Veio à corte para imprimir os dois livros, mas não achou editor e preferiu rasgar os manuscritos. Quanto ao planeta comunicou a notícia à Academia das Ciências de Paris; lançou a carta no correio e esperou a resposta; a resposta não veio porque a carta foi parar a Goiás.

Um dos convivas sorriu maliciosamente para os outros, com ar de quem dizia que era muita desgraça junta. A atitude porém do narrador tirou-lhe o gosto do riso. Alberto (era o nome do narrador) tinha os olhos no chão, olhos melancólicos de quem se rememora com saudade de uma felicidade extinta. Efetivamente suspirou depois de algum tempo de muda e vaga contemplação, e continuou:

— Desculpem-me este silêncio, não me posso lembrar daquele homem sem que uma lágrima teime em rebentar-me dos olhos. Era um excêntrico, talvez não fosse, não era

decerto um homem completamente bom; mas era meu amigo; não direi o único mas o maior que jamais tive na minha vida.

Como era natural, estas palavras de Alberto alteraram a disposição de espírito do auditório. O narrador ainda esteve silencioso alguns minutos. De repente sacudiu a cabeça como se expelisse lembranças importunas do passado, e disse:

— Para lhes mostrar a excentricidade do Dr. Belém basta contar-lhes a história do esqueleto.

A palavra *esqueleto* aguçou a curiosidade dos convivas; um romancista aplicou o ouvido para não perder nada da narração; todos esperaram ansiosamente o esqueleto do Dr. Belém. Batia justamente meia-noite; a noite, como disse, era escura; o mar batia funebremente na praia. Estava-se em pleno Hoffmann.

Alberto começou a narração.

Capítulo II

O Dr. Belém era um homem alto e magro; tinha os cabelos grisalhos e caídos sobre os ombros; em repouso era reto como uma espingarda; quando andava curvava-se um pouco. Conquanto o seu olhar fosse muitas vezes meigo e bom, tinha lampejos sinistros, e às vezes, quando ele meditava, ficava com olhos como de defunto.

Representava ter sessenta anos, mas não tinha efetivamente mais de cinquenta. O estudo o abatera muito, e os desgostos também, segundo ele dizia, nas poucas vezes em que me falara do passado, e era eu a única pessoa com quem ele se comunicava a esse respeito. Podiam contar-se-lhe três ou quatro rugas pronunciadas na cara, cuja pele era fria como o mármore e branca como a de um morto.

Um dia, justamente no fim da minha lição, perguntei-lhe se nunca fora casado. O doutor sorriu sem olhar para mim. Não insisti na pergunta; arrependi-me até de tê-la feito.

— Fui casado, disse ele, depois de algum tempo, e daqui a três meses posso dizer outra vez: sou casado.

— Vai casar?

— Vou.

— Com quem?

— Com a D. Marcelina.

D. Marcelina era uma viúva de Ouro Preto, senhora de vinte e seis anos, não formosa, mas assaz simpática, possuía alguma coisa, mas não tanto como o doutor, cujos bens orçavam por uns sessenta contos.

Não me constava até então que ele fosse casar; ninguém falara nem suspeitara tal coisa.

— Vou casar, continuou o Doutor, unicamente porque o senhor me falou nisso. Até cinco minutos antes nenhuma intenção tinha de semelhante ato. Mas a sua pergunta faz-me lembrar que eu efetivamente preciso de uma companheira; lancei os olhos da memória a todas as noivas possíveis, e nenhuma me parece mais possível do que essa. Daqui a três meses assistirá ao nosso casamento. Promete?

— Prometo, respondi eu com um riso incrédulo.

— Não será uma formosura.

— Mas é muito simpática, decerto, acudi eu.

— Simpática, educada e viúva. Minha ideia é que todos os homens devam casar com senhoras viúvas.

— Quem casaria então com as donzelas?

— Os que não fossem homens, respondeu o velho, como o senhor e a maioria do gênero humano; mas os homens, as criaturas da minha têmpera, mas...

O doutor estacou, como se receasse entrar em maiores confidências, e tornou a falar da viúva Marcelina cujas boas qualidades louvou com entusiasmo.

— Não é tão bonita como a minha primeira esposa, disse ele. Ah! essa... Nunca a viu?

— Nunca.

— É impossível.

— É a verdade. Já o conheci viúvo, creio eu.

— Bem; mas eu nunca lha mostrei. Ande vê-la...

Levantou-se; levantei-me também. Estávamos assentados à porta; ele levou-me a um gabinete interior. Confesso que ia ao mesmo tempo curioso e aterrado. Conquanto eu fosse amigo dele e tivesse provas de que ele era meu amigo, tanto medo inspirava ele ao povo, e era efetivamente tão singular, que eu não podia esquivar-me a um tal ou qual sentimento de medo. No fundo do gabinete havia um móvel coberto com um pano verde; o doutor tirou o pano e eu dei um grito.

Era um armário de vidro, tendo dentro um esqueleto. Ainda hoje, apesar dos anos que lá vão, e da mudança que fez o meu espírito, não posso lembrar-me daquela cena sem terror.

— É minha mulher, disse o Dr. Belém sorrindo. É bonita, não lhe parece? Está na espinha, como vê. De tanta beleza, de tanta graça, de tanta maravilha que me encantaram outrora, que a tantos mais encantaram, que lhe resta hoje? Veja, meu jovem amigo; tal é última expressão do gênero humano.

Dizendo isto, o Dr. Belém cobriu o armário com o pano e saímos do gabinete. Eu não sabia o que havia de dizer, tão impressionado me deixara aquele espetáculo.

Vimos outra vez para as nossas cadeiras ao pé da porta, e algum tempo estivemos sem dizer palavra um ao outro. O doutor olhava para o chão; eu olhava para ele. Tremiam-lhe os lábios, e a face de quando em quando se lhe contraía. Um escravo veio falar-lhe; o doutor saiu daquela espécie de letargo.

Quando ficamos sós parecia outro; falou-me risonho e jovial, com uma volubilidade que não estava nos seus usos.

— Ora bem, se eu for feliz no casamento, disse ele, ao senhor o deverei. Foi o senhor quem me deu esta ideia! E fez bem, porque até já me sinto mais rapaz. Que lhe parece este noivo?

Dizendo isto, o Dr. Belém levantou-se e fez uma pirueta, segurando nas abas da casaca, que nunca deixava, salvo quando se recolhia de noite.

— Parece-lhe capaz o noivo? disse ele.

— Sem dúvida, respondi.

— Também ela há de pensar assim. Verá, meu amigo, que eu meterei tudo num chinelo, e mais de um invejará a minha sorte. É pouco; mais de uma invejará a sorte dela. Pudera não? Não há muitos noivos como eu.

Eu não dizia nada, e o doutor continuou a falar assim durante vinte minutos. A tarde caíra de todo; e a ideia da noite e do esqueleto que ali estava a poucos passos de nós, e mais ainda as maneiras singulares que nesse dia, mais do que nos outros, mostrava o meu bom mestre, tudo isso me levou a despedir-me dele e a retirar-me para casa.

O doutor sorriu-se com o sorriso sinistro que às vezes tinha, mas não insistiu para que ficasse. Fui para casa aturdido e triste; aturdido com o que vira; triste com a responsabilidade que o doutor atirava sobre mim relativamente ao seu casamento.

Entretanto, refleti que a palavra do doutor podia não ter pronta nem remota realização. Talvez não se case nunca, nem até pense nisso. Que certeza teria ele de desposar a

viúva Marcelina daí a três meses? Quem sabe até, pensei eu, se não disse aquilo para zombar comigo?

Esta ideia enterrou-se-me no espírito. No dia seguinte levantei-me convencido de que efetivamente o doutor quisera matar o tempo e juntamente aproveitar a ocasião de me mostrar o esqueleto da mulher.

Naturalmente, disse eu comigo, amou-a muito, e por esse motivo ainda a conserva. É claro que não se casará com outra; nem achará quem case com ele, tão aceita anda a superstição popular que o tem por lobisomem ou quando menos amigo íntimo do diabo... ele! o meu bom e compassivo mestre!

Com estas ideias fui logo de manhã à casa do Dr. Belém. Achei-o a almoçar sozinho, como sempre, servido por um escravo da mesma idade.

— Entre, Alberto, disse o doutor apenas me viu à porta. Quer almoçar?

— Aceito.

— João, um prato.

Almoçamos alegremente; o doutor estava como me parecia na maior parte das vezes, conversando de coisas sérias ou frívolas, misturando uma reflexão filosófica com uma pilhéria, uma anedota de rapaz com uma citação de Virgílio.

No fim do almoço tornou a falar do seu casamento.

— Mas então pensa nisso de veras? Perguntei eu.

— Por que não? Não depende senão dela; mas eu estou quase certo de que ela não recusa. Apresenta-me lá?

— Às suas ordens.

No dia seguinte era apresentado o Dr. Belém em casa da viúva Marcelina e recebido com muita afabilidade.

“Casar-se-á de veras com ela?” dizia eu a mim mesmo espantado do que via, porque, além da diferença da idade entre ele e ela, e das maneiras excêntricas dele, havia um pretendente à mão da bela viúva, o Tenente Soares.

Nem a viúva nem o tenente imaginavam as intenções do Dr. Belém; daqui podem já imaginar o pasmo de D. Marcelina quando ao cabo de oito dias, perguntou-lhe o meu mestre, se ela queria casar com ele.

— Nem com o senhor nem com outro, disse a viúva; fiz voto de não casar mais.

— Por quê? perguntou friamente o doutor.

— Porque amava muito a meu marido.

— Não tolhe isso que ame o segundo, observou o candidato sorrindo.

E depois de algum tempo de silêncio:

— Não insisto, disse ele, nem faço aqui uma cena dramática. Eu amo-a deveras, mas é um amor de filósofo, um amor como eu entendo que deviam ser todos. Entretanto deixe-me ter esperança; pedir-lhe-ei mais duas vezes a sua mão. Se da última nada alcançar consinta-me que fique sendo seu amigo.

Capítulo III

O Dr. Belém foi fiel a este programa. Dali a mês pediu outra vez a mão da viúva, e teve a mesma recusa, mas talvez menos peremptória do que a primeira. Deixou passar seis semanas, e repetiu o pedido.

— Aceitou? disse eu apenas o vi vir da casa de D. Marcelina.

— Por que havia de recusar? Eu não lhe disse que me casava dentro de três meses?

— Mas então o senhor é um adivinho, um mágico?

O doutor deu uma gargalhada, das que ele guardava para quando queria motejar de alguém ou de alguma coisa. Naquela ocasião o motejado era eu. Parece que não fiz boa cara porque o doutor imediatamente ficou sério e abraçou-me dizendo:

— Oh! meu amigo, não desconfie! Conhece-me de hoje?

A ternura com que ele me disse estas palavras tornava-o outro homem. Já não tinha os tons sinistros do olhar nem a fala *saccadée* (vá o termo francês, não me ocorre agora o nosso) que era a sua fala característica. Abracei-o também, e falamos do casamento e da noiva. O doutor estava alegre; apertava-me muitas vezes as mãos agradecendo-me a ideia que lhe dera; fazia seus planos de futuro. Tinha ideias de vir à corte, logo depois do casamento; aventurou a ideia de seguir para a Europa; mas apenas parecia assentado nisto, já pensava em não sair de Minas, e morrer ali, dizia ele, entre as suas montanhas.

— Já vejo que está perfeitamente noivo, disse eu; tem todos os traços característicos de um homem nas vésperas de casar.

— Parece-lhe?

— E é.

— De fato, gosto da noiva, disse ele com ar sério; é possível que eu morra antes dela; mas o mais provável é que ela morra primeiro. Nesse caso, juro desde já que irá o seu esqueleto fazer companhia ao outro.

A ideia do esqueleto fez-me estremecer. O doutor, ao dizer estas palavras, cravara os olhos no chão, profundamente absorto. Daí em diante a conversa foi menos alegre do que a princípio. Saí de lá desagradavelmente impressionado.

O casamento dentro de pouco tempo foi realidade. Ninguém queria acreditar nos seus olhos. Todos admiraram a coragem (era a palavra que diziam) da viúva Marcelina, que não recuava àquele grande sacrifício.

Sacrifício não era. A moça parecia contente e feliz. Os parabéns que lhe davam eram irônicos, mas ela os recebia com muito gosto e seriedade. O Tenente Soares não lhe deu os parabéns; estava furioso; escreveu-lhe um bilhete em que lhe dizia todas as coisas que em tais circunstâncias se podem dizer.

O casamento foi celebrado pouco depois do prazo que o Dr. Belém marcara na conversa que tivera comigo e que eu já referi. Foi um verdadeiro acontecimento na capital de Minas. Durante oito dias não se falava senão no *caso impossível*; afinal, passou a novidade, como todas as coisas deste mundo, e ninguém mais tratou dos noivos.

Fui jantar com eles no fim de uma semana; D. Marcelina parecia mais que nunca feliz; o Dr. Belém não o estava menos. Até parecia outro. A mulher começava a influir nele, sendo já uma das primeiras consequências a supressão da singular casaca. O doutor consentiu em vestir-se menos excentricamente.

— Veste-me como quiseres, dizia ele à mulher; o que não poderás fazer nunca é mudar-me a alma. Isso nunca.

— Nem quero.

— Nem podes.

Parecia que os dois estavam destinados a gozar uma eterna felicidade. No fim de um mês fui lá, e achei-a triste.

“Oh! disse eu comigo, cedo começam os arrufos.”

O doutor estava como sempre. Líamos então e comentávamos à nossa maneira o *Fausto*. Nesse dia pareceu-me o Dr. Belém mais perspicaz e engenhoso que nunca. Notei, entretanto, uma singular pretensão: um desejo de se parecer com Mefistófeles.

Aqui confesso que não pude deixar de rir.

— Doutor, disse eu, creio que o senhor abusa da amizade que lhe tenho para zombar comigo.

— Sim?

— Aproveita-se da opinião de excêntrico para me fazer crer que é o diabo...

Ouvindo esta última palavra, o doutor persignou-se todo, e foi a melhor afirmativa que me poderia fazer de que não ambicionava confundir-se com o personagem aludido. Sorriu-se depois benevolmente, tomou uma pitada e disse:

— Ilude-se meu amigo, quando me atribui semelhante ideia, do mesmo modo que se engana quando supõe que Mefistófeles é isso que diz.

— Essa agora!...

— Noutra ocasião lhe direi as minhas razões. Por agora vamos jantar.

— Obrigado. Devo ir jantar com meu cunhado. Mas, se me permite ficarei ainda algum tempo aqui lendo o seu *Fausto*.

O doutor não pôs objeção; eu era íntimo da casa. Saiu dali para a sala do jantar. Li ainda durante vinte minutos, findos os quais fechei o livro e fui despedir-me do Dr. Belém e sua senhora.

Caminhei por um corredor fora que ia ter à sala do jantar. Ouvia mover os pratos, mas nenhuma palavra soltavam os dois casados.

“O arrufo continua”, pensei eu.

Fui andando... Mas qual não foi a minha surpresa ao chegar à porta? O doutor estava de costas, não me podia ver. A mulher tinha os olhos no prato. Entre ele e ela, sentado numa cadeira vi o esqueleto. Estaquei aterrado e trêmulo. Que queria dizer aquilo? Perdia-me em conjecturas; cheguei a dar um passo para falar ao doutor, mas não me atrevi; voltei pelo mesmo caminho, peguei no chapéu, e deitei a correr pela rua fora.

Em casa de meu cunhado todos notaram os sinais de temor que eu ainda levava no rosto. Perguntaram-me se havia visto alguma alma do outro mundo. Respondi sorrindo que sim; mas nada contei do que acabava de presenciar.

Durante três dias não fui à casa do doutor. Era medo, não do esqueleto, mas do dono da casa, que se me afigurava ser um homem mau ou um homem doido. Todavia, ardia por saber a razão da presença do esqueleto na mesa do jantar. D. Marcelina podia dizer-me tudo; mas como indagaria isso dela, se o doutor estava quase sempre em casa?

No terceiro dia apareceu-me em casa o Doutor Belém.

— Três dias! disse ele, há já três dias que eu não tenho a fortuna de o ver. Onde anda? Está mal conosco?

— Tenho andado doente, respondi eu, sem saber o que dizia.

— E não me mandou dizer nada, ingrato! Já não é meu amigo.

A doçura destas palavras dissipou os meus escrúpulos. Era singular como aquele homem, que por certos hábitos, maneiras e ideias, e até pela expressão física, assustava a muita gente e dava azo às fantasias da superstição popular, era singular, repito, como me falava às vezes com uma meiguice incomparável e um tom patriarcalmente benévolo.

Conversamos um pouco e fui obrigado a acompanhá-lo à casa. A mulher ainda me pareceu triste, mas um pouco menos que da outra vez. Ele tratava-a com muita ternura e consideração, e ela se não respondia alegre, ao menos falava com igual meiguice.

Capítulo IV

No meio da conversa vieram dizer que o jantar estava na mesa.

— Agora há de jantar conosco, disse ele.

— Não posso, balbuciei eu, devo ir...

— Não deve ir a nenhuma parte, atalhou o doutor; parece-me que quer fugir de mim. Marcelina, pede ao Dr. Alberto que jante conosco.

D. Marcelina repetiu o pedido do marido, mas com um ar de constrangimento visível. Ia recusar de novo, mas o doutor teve a precaução de me agarrar no braço e foi impossível recusar.

— Deixe-me ao menos dar o braço a sua senhora, disse eu.

— Pois não.

Dei o braço a D. Marcelina que estremeceu. O doutor passou adiante. Eu inclinei a boca ao ouvido da pobre senhora e disse baixinho:

— Que mistério há?

D. Marcelina estremeceu outra vez e com um sinal impôs-me silêncio.

Chegamos à sala de jantar.

Apesar de já ter presenciado a cena do outro dia não pude resistir à impressão que me causou a vista do esqueleto que lá estava na cadeira em que o vira com os braços sobre a mesa.

Era horrível.

— Já lhe apresentei minha primeira mulher, disse o doutor para mim; são conhecidos antigos.

Sentamo-nos à mesa; o esqueleto ficou entre ele e D. Marcelina; eu fiquei ao lado desta. Até então não pude dizer palavra; era porém natural que exprimisse o meu espanto.

— Doutor, disse eu, respeito os seus hábitos; mas não me dará a explicação deste?

— Este qual? disse ele.

Com um gesto indiquei-lhe o esqueleto.

— Ah! Respondeu o doutor; um hábito natural; janto com minhas duas mulheres.

— Confesse ao menos que é um uso original.

— Queria que eu copiasse os outros?

— Não, mas a piedade com os mortos...

Atrevi-me a falar assim porque, além de me parecer aquilo uma profanação, a melancolia da mulher parecia pedir que alguém falasse duramente ao marido e procurasse trazê-lo a melhor caminho.

O doutor deu uma das suas singulares gargalhadas, e estendendo-me o prato de sopa, replicou:

— O senhor fala de uma piedade de convenção; eu sou pio à minha maneira. Não é respeitar uma criatura que amamos em vida, o trazê-la assim conosco, depois de morta? Não respondi coisa nenhuma a estas palavras do doutor. Comi silenciosamente a sopa, e o mesmo fez a mulher, enquanto ele continuou a desenvolver as suas idéias a respeito dos mortos.

— O medo dos mortos, disse ele, não é só uma fraqueza, é um insulto, uma perversidade do coração. Pela minha parte dou-me melhor com os defuntos do que com os vivos.

E depois de um silêncio:

— Confesse, confesse que está com medo.

Fiz-lhe um sinal negativo com a cabeça.

— É medo, é, como esta senhora que está ali transida de susto, porque ambos são dois maricas. Que há entretanto neste esqueleto, que possa meter medo? Não lhes digo que seja bonito; não é bonito segundo a vida, mas é formosíssimo segundo a morte. Lembrem-se que isto somos nós também; nós temos de mais um pouco de carne.

— Só? perguntei eu intencionalmente.

O doutor sorriu-se e respondeu:

— Só.

Parece que fiz um gesto de aborrecimento, porque ele continuou logo:

— Não tome ao pé da letra o que lhe disse. Eu também creio na alma; não creio só, demonstro-a, o que não é para todos. Mas a alma foi-se embora; não podemos retê-la; guardemos isto ao menos, que é uma parte da pessoa amada.

Ao terminar estas palavras, o doutor beijou respeitosamente a mão do esqueleto. Estremeci e olhei para D. Marcelina. Esta fechara os olhos. Eu estava ansioso por terminar aquela cena que realmente me repugnava presenciar. O doutor não parecia reparar em nada. Continuou a falar no mesmo assunto, e por mais esforços que eu fizesse para o desviar dele era impossível.

Estávamos à sobremesa quando o doutor, interrompendo um silêncio que durava já havia dez minutos perguntou:

— E segundo me parece, ainda lhe não contei a história deste esqueleto, quero dizer a história de minha mulher?

— Não me lembra, murmurei.

— E a ti? disse ele voltando-se para a mulher.

— Já.

— Foi um crime, continuou ele.

— Um crime?

— Cometido por mim.

— Pelo senhor?

— É verdade.

O doutor concluiu um pedaço de queijo, bebeu o resto do vinho que tinha no copo, e repetiu:

— É verdade, um crime de que fui autor. Minha mulher era muito amada de seu marido; não admira, eu sou todo coração. Um dia porém, suspeitei que me houvesse traído; vieram dizer-me que um moço da vizinhança era seu amante. Algumas aparências me enganaram. Um dia declarei-lhe que sabia tudo, e que ia puni-la do que me havia feito. Luísa caiu-me aos pés banhada em lágrimas protestando pela sua inocência. Eu estava cego; matei-a.

Imagina-se, não se descreve a impressão de horror que estas palavras me causaram. Os cabelos ficaram-me em pé. Olhei para aquele homem, para o esqueleto, para a senhora, e passava a mão pela testa, para ver se efetivamente estava acordado, ou se aquilo era apenas um sonho.

O doutor tinha os olhos fitos no esqueleto e uma lágrima lhe caía lentamente pela face. Estivemos todos calados durante cerca de dez minutos.

O doutor rompeu o silêncio.

— Tempos depois, quando o crime estava de há muito cometido, sem que a justiça o soubesse, descobri que Luísa era inocente. A dor que então sofri foi indescritível; eu tinha sido o algoz de um anjo.

Estas palavras foram ditas com tal amargura que me comoveram profundamente. Era claro que ainda então, após longos anos do terrível acontecimento, o doutor sentia o remorso do que praticara e a mágoa de ter perdido a esposa.

A própria Marcelina parecia comovida. Mas a comoção dela era também medo; segundo vim a saber depois, ela receava que no marido não estivessem íntegras as faculdades mentais.

Era um engano.

O doutor era, sim, um homem singular e excêntrico; doido lhe chamavam os que, por se pretenderem mais espertos que o vulgo, repeliam os contos da superstição. Estivemos calados algum tempo e dessa vez foi ainda ele que interrompeu o silêncio.

— Não lhes direi como obtive o esqueleto de minha mulher. Aqui o tenho e o conservarei até à minha morte. Agora naturalmente deseja saber por que motivo o trago para a mesa depois que me casei.

Não respondi com os lábios, mas os meus olhos disseram-lhe que efetivamente desejava saber a explicação daquele mistério.

— É simples, continuou ele; é para que minha segunda mulher esteja sempre ao pé da minha vítima, a fim de que se não esqueça nunca dos seus deveres, porque, então como sempre, é mui provável que eu não procure apurar a verdade; farei justiça por minhas mãos. Esta última revelação do doutor pôs termo à minha paciência. Não sei o que lhe disse, mas lembra-me que ele ouviu-me com o sorriso benévolo que tinha às vezes, e respondeu-me com esta simples palavra:

— Criança!

Saí pouco depois do jantar, resolvido a lá não voltar nunca.

Capítulo V

A promessa não foi cumprida.

Mais de uma vez o Doutor Belém mandou à casa chamar-me; não fui. Veio duas ou três vezes instar comigo que lá fosse jantar com ele.

— Ou, pelo menos, conversar, concluiu.

Pretextei alguma coisa e não fui.

Um dia porém, recebi um bilhete da mulher. Dizia-me que era eu a única pessoa estranha que lá ia; pedia-me que não a abandonasse.

Fui.

Eram então passados quinze dias depois do célebre jantar em que o doutor me referiu a história do esqueleto. A situação entre os dois era a mesma; aparente afabilidade da

parte dela, mas na realidade medo. O doutor mostrava-se afável e terno, como sempre o vira com ela.

Justamente nesse dia, anunciou-me ele que pretendia ir a uma jornada dali a algumas léguas.

— Mas vou só, disse ele, e desejo que o senhor me faça companhia a minha mulher vindo aqui algumas vezes.

Recusei.

— Por quê?

— Doutor, por que razão, sem urgente necessidade, daremos pasto às más línguas? Que se dirá...

— Tem razão, atalhou ele; ao menos, faça-me uma coisa.

— O quê?

— Faça com que em casa de sua irmã possa Marcelina ir passar as poucas semanas de minha ausência.

— Isso com muito gosto.

Minha irmã concordou em receber a mulher do Dr. Belém, que daí a pouco saía da capital para o interior. Sua despedida foi terna e amigável para com ambos nós, a mulher e eu; fomos os dois, e mais minha irmã e meu cunhado acompanhá-lo até certa distância, e voltamos para casa.

Pude então conversar com D. Marcelina, que me comunicou os seus receios a respeito da razão do marido. Dissuadi-a disso; já disse qual era a minha opinião a respeito do Dr. Belém.

Ela referiu-me então que a narração da morte da mulher já ele lha havia feito, prometendo-lhe igual sorte no caso de faltar aos seus deveres.

— Nem as aparências te salvarão, acrescentou ele.

Disse-me mais que era seu costume beijar repetidas vezes o esqueleto da primeira mulher e dirigir-lhe muitas palavras de ternura e amor. Uma noite, estando a sonhar com ela, levantou-se da cama e foi abraçar o esqueleto pedindo-lhe perdão.

Em nossa casa todos eram de opinião que D. Marcelina não voltasse mais para a companhia do Dr. Belém. Eu era de opinião oposta.

— Ele é bom, dizia eu, apesar de tudo; tem extravagâncias, mas é um bom coração.

No fim de um mês recebemos uma carta do doutor, em que dizia à mulher fosse ter ao lugar onde ele se achava, e que eu fizesse o favor de a acompanhar.

Recusei ir só com ela.

Minha irmã e meu cunhado ofereceram-se porém para acompanhá-la.

Fomos todos.

Havia entretanto uma recomendação na carta do doutor, recomendação essencial; ordenava ele à mulher que levasse consigo o esqueleto.

— Que esquisitice nova é essa? disse meu cunhado.

— Há de ver, suspirou melancolicamente D. Marcelina, que o único motivo desta minha viagem, são as saudades que ele tem do esqueleto.

Eu nada disse, mas pensei que assim fosse.

Sáímos todos em demanda do lugar onde nos esperava o doutor.

Íamos já perto, quando ele nos apareceu e veio alegremente cumprimentar-nos. Notei que não tinha a ternura de costume com a mulher, antes me pareceu frio. Mas isso foi obra de pouco tempo; daí a uma hora voltara a ser o que sempre fora.

Passamos dois dias na pequena vila em que o doutor estava, dizia ele, para examinar umas plantas, porque também era botânico. Ao fim de dois dias dispúnhamos a voltar para a capital; ele porém pediu que nos demorássemos ainda vinte e quatro horas e voltaríamos todos juntos.

Acedemos.

No dia seguinte de manhã convidou a mulher a ir ver umas lindas parasitas no mato que ficava perto. A mulher estremeceu, mas não ousou recusar.

— Vem também? disse ele.

— Vou, respondi.

A mulher cobrou alma nova e deitou-me um olhar de agradecimento. O doutor sorriu à socapa. Não compreendi logo o motivo do riso; mas daí a pouco tempo tinha a explicação.

Fomos ver as parasitas, ele adiante com a mulher, eu atrás de ambos, e todos três silenciosos.

Não tardou que um riacho aparecesse aos nossos olhos; mas eu mal pude ver o riacho; o que eu vi, o que me fez recuar um passo, foi um esqueleto.

Dei um grito.

— Um esqueleto! exclamou D. Marcelina.

— Descansem, disse o doutor, é o de minha primeira mulher.

— Mas...

— Trouxe-o esta madrugada para aqui.

Nenhum de nós compreendia nada.

O doutor sentou-se numa pedra.

— Alberto, disse ele, e tu, Marcelina. Outro crime devia ser cometido nesta ocasião; mas tanto te amo, Alberto, tanto te amei, Marcelina, que eu prefiro deixar de cumprir a minha promessa...

La interrompê-lo; mas ele não me deu ocasião.

— Vocês amam-se, disse ele.

Marcelina deu um grito; eu ia protestar.

— Amam-se que eu sei, continuou friamente o doutor; não importa! É natural. Quem amaria um velho estúrdio como eu? Paciência. Amem-se; eu só fui amado uma vez; foi por esta.

Dizendo isto abraçou-se ao esqueleto.

— Doutor, pense no que está dizendo...

— Já pensei...

— Mas esta senhora é inocente. Não vê aquelas lágrimas?

— Conheço essas lágrimas; lágrimas não são argumentos. Amam-se, que eu sei; desejo que sejam felizes, porque eu fui e sou teu amigo, Alberto. Não merecia certamente isso...

— Oh! meu amigo, interrompi eu, veja bem o que está dizendo; já uma vez foi levado a cometer um crime por suspeitas que depois soube serem infundadas. Ainda hoje padece o remorso do que então fez. Reflita, veja bem se eu posso tolerar semelhante calúnia. Ele encolheu os ombros, meteu a mão no bolso, e tirou um papel e deu-mo a ler. Era uma carta anônima; soube depois que fora escrita pelo Soares.

— Isto é indigno! clamei.

— Talvez, murmurou ele.

E depois de um silêncio:

— Em todo o caso, minha resolução está assentada, disse o doutor. Quero fazê-los felizes, e só tenho um meio: é deixá-los. Vou com a mulher que sempre me amou. Adeus!

O doutor abraçou o esqueleto e afastou-se de nós. Corri atrás dele; gritei; tudo foi inútil; ele metera-se no mato rapidamente, e demais a mulher ficara desmaiada no chão.

Vim socorrê-la; chamei gente. Daí a uma hora, a pobre moça, viúva sem o ser, lavava-se em lágrimas de aflição.

Capítulo VI

Alberto acabara a história.

— Mas é um doido esse teu Dr. Belém! exclamou um dos convivas rompendo o silêncio de terror em que ficara o auditório.

— Ele doido? disse Alberto. Um doido seria efetivamente se porventura esse homem tivesse existido. Mas o Dr. Belém não existiu nunca, eu quis apenas fazer apetite para tomar chá. Mandem vir o chá.

É inútil dizer o efeito desta declaração.

Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/fs000189.pdf>. Acesso em 24 nov. 2020.

Vídeo no Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=KFGKAn58SOw> - Um Esqueleto - Machado de Assis (Animação)

IV – Atividade domiciliar

Interpretação – Perguntas para compreensão do texto:

1) Reveja o estudo sobre o narrador (módulo I) e responda: De que posição o narrador conta a história? O que podemos concluir a partir dessa percepção?

Resposta possível: O narrador / observador conta a história do lado de fora, na 3ª pessoa, sem participar das ações. Ele conhece todos os fatos e, por não participar deles, narra com certa neutralidade, apresenta os fatos e os personagens com imparcialidade.

2) As passagens descritivas oferecem pistas para a compreensão da sequência dos acontecimentos na narrativa. Transcreva passagens do texto que caracterizam:

a) O ambiente onde Alberto inicia sua história sobre o seu mestre.

Resposta possível: Uma praia solitária. A noite era feia e ameaçava chuva.

b) Dr. Belém.

Resposta possível: O Dr. Belém era um homem alto e magro; tinha os cabelos grisalhos e caídos sobre os ombros; em repouso era reto como uma espingarda; quando andava curvava-se um pouco. Homem extremamente singular. Usava casaca e chapéu de abas extremamente largas.

c) D. Marcelina.

Resposta possível: D. Marcelina era uma viúva de Ouro Preto, senhora de vinte e seis anos, não formosa, mas assaz simpática, possuía alguma coisa, mas não tanto como o doutor, cujos bens orçavam por uns sessenta contos.

3) Qual a importância da escolha dos **adjetivos** na produção de sentidos para a construção do enredo do conto fantástico?

Resposta possível: Os adjetivos descrevem as personagens atribuindo-lhes características físicas e psicológicas, dando corpo ao texto.

4) Leia os fragmentos a seguir e procure descrever os efeitos produzidos pela escolha das palavras e expressões.

a) “A tarde caíra de todo; e a ideia da noite e do esqueleto que ali estava a poucos passos de nós, *e mais ainda as maneiras singulares que nesse dia, mais do que nos outros, mostrava o meu bom mestre, tudo isso me levou a despedir-me dele e a retirar-me para casa*”.

Resposta possível: O termo ‘bom mestre’ seguido da frase ‘me levou a despedir-me dele e a retirar-me para casa’ passa um tom de ironia, pois Alberto percebe que as intenções do Dr. Belém não são as melhores.

b) “Parecia que os dois estavam destinados a gozar uma eterna felicidade. No fim de um mês fui lá, e achei-a triste. Oh! disse eu comigo, *cedo começam os arrufos*”.

Resposta possível: Quer dizer que não demora para que comecem as brigas e os desentendimentos.

c) “Notei, entretanto, uma singular pretensão: um desejo de se parecer com *Mefistófeles*”.

Resposta possível: É um personagem da idade média conhecido como a encarnação do mal, aliado de Lúcifer.

d) “A dor que então sofri foi indescritível; *eu tinha sido o algoz de um anjo*”.

Resposta possível: Tinha sido o carrasco de uma pessoa inocente.

5) “Ao terminar estas palavras, o doutor beijou respeitosamente a mão do esqueleto. Estremeci e olhei para D. Marcelina. Esta fechara os olhos. Eu estava ansioso por terminar aquela cena que realmente me repugnava presenciar. O doutor não parecia

reparar em nada. Continuou a falar no mesmo assunto, e por mais esforços que eu fizesse para o desviar dele era impossível”.

Descreva com suas palavras a **cena** em questão. Qual seria a sua atitude em relação à postura do Dr. Belém?

Considerar as respostas possíveis.

6) Qual a explicação dada pelo Dr. Belém para conservar o esqueleto de sua primeira esposa e ainda colocá-lo à mesa para jantar?

Resposta possível: Achava natural jantar com suas duas mulheres. Como também era normal manter o esqueleto à mesa, já que ele possuía a beleza da morte.

6º encontro: (02 aulas – leitura / 02 - atividades)

Objetivos:- Avaliar a atividade do encontro anterior, ouvir e comparar outras opiniões;

- Perceber que os processos de adjetivação / qualificação incluídos numa descrição criam diferentes efeitos de sentido;
- Identificar o foco narrativo e sua importância na construção da narrativa;
- Compreender os elementos linguísticos empregados na construção do gênero conto;
- Verificar os usos do discurso direto e indireto;
- Produzir um conto novo a partir do conhecimento adquirido nos módulos de estudo.

I – Verificação da atividade domiciliar

A professora retomará o enredo do conto de Machado de Assis, “*Um esqueleto*”, pontuando os maiores impasses da narrativa fantástica. O grupo manifestará suas interpretações, posições em relação à construção machadiana e aos temas abordados no conto. Efetivamente será um momento muito rico, pois essa história aborda assuntos muito pertinentes, como o ciúme passional e a violência contra mulher. Além do autor ter se inspirado em fatos reais que aconteceram no século XIX e permanecem em evidência em nossos dias.

II – Produção Cênica – Esquete

O desfecho do conto estudado foi construído de tal maneira que possibilita o surgimento de um novo conflito vivenciado por Alberto. A proposta será que vocês escrevam

um conto, desenvolvendo uma nova trama, a partir dos capítulos V e VI do conto “Um esqueleto”.

Essa produção será encenada pelo grupo como atividade final dos nossos encontros. Vocês apresentaram uma “esquete¹⁶ fantástica” como culminância dos nossos módulos de leitura e interpretação de contos fantásticos.

- a) Não esqueçam o título;
- b) Todos devem participar contribuindo para o nosso “gran finale”

Agradeço e parabenizo todos pela participação!!!

7º encontro: (02 aulas – encenação)

Objetivos:

- Desenvolver a oralidade e estratégias de interpretação para apresentação da esquete sobre o conto construído coletivamente.
- Expressar-se em diferentes linguagens;
- Defender seus pontos de vista e respeitar as opiniões do outro;
- Apreciar com emoção e sensibilidade a arte e a cultura;
- Apresentar soluções para a construção de uma sociedade mais justa.

I – Socialização e apresentação da esquete fantástica

- a) O grupo irá organizar e apresentar a produção coletiva proposta no encontro anterior.
A ideia é de que a encenação seja compartilhada com as outras turmas da escola.
- b) Essa produção escrita será compilada e constará da antologia já proposta.

Chegamos ao final do nosso Projeto de Leitura e realizamos três módulos de ensino.
Nosso objetivo foi e sempre será oportunizar momentos com o texto literário.
Esperamos que tenham gostado! Que este aprendizado seja uma ponte para um
caminho novo e novas experiências!
“A leitura engrandece a alma”
(Voltaire)

¹⁶ Uma peça teatral de curta duração.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Compreender o outro é uma aventura, e nesse terreno não há garantias absolutas ou completas.”

(MARCUSCHI, 2008, p.228).

A ideia desse projeto de intervenção surgiu há algum tempo, mais precisamente, quando tivemos a oportunidade de participar do Programa Jovem de Futuro (PJF) em 2009. O PJF foi criado pelo Instituto Unibanco, aprovado pelo Ministério da Educação e ampliado para as Secretarias Estaduais de Educação. O objetivo foi alcançar resultados positivos nos três eixos: alunos, professores e gestão. A nossa escola foi inserida com o compromisso de aumentar o rendimento em Língua Portuguesa, reduzir os índices de evasão e garantir a permanência dos alunos no Ensino Médio.

Com essa finalidade, criamos um projeto de leitura e arte intitulado ‘Chá Literário J.A.’, que contou com a união dos professores de Linguagens, núcleo gestor e alunos. Teve o foco principal na divulgação de obras literárias e autores nacionais com ênfase na leitura do texto literário. O propósito foi aproximar o aluno da Literatura e da interpretação da obra literária, uma vez que a grande maioria relatava não ter disposição para a leitura, apesar de ser uma obrigação as atividades avaliativas sobre os paradidáticos.

Dessa forma, apresentamos novas possibilidades para trabalhar e avaliar os títulos selecionados. Como incentivo à leitura do texto literário, os alunos organizaram as apresentações por meio de outras linguagens, como: a dança, a música e o uso das tecnologias digitais na criação de curtas encenando passagens das obras lidas. Foi notório o envolvimento de todos, fato que nos inclinou ainda mais para um trabalho que valorizasse de fato a leitura literária. Verificamos uma significativa melhora em relação à interpretação, compreensão leitora, capacidade argumentativa e desenvoltura da oralidade.

Com base na primeira edição do Chá Literário, começamos a dedicar uma atenção maior ao planejamento das aulas de literatura, priorizando momentos em que os paradidáticos fossem lidos durante as aulas. Como fator tempo sempre foi um rival, à vista disso, elegemos alguns capítulos para trabalharmos em sala. Os alunos acompanharam a leitura nos grupos com o auxílio dos aparelhos celulares. Embora tenhamos obtido uma aceitação maior em relação à leitura do texto em sala, percebemos que havia a necessidade de atividades mais específicas, em que o texto fosse lido na íntegra com a participação dos estudantes.

O Mestrado Profissional - Profletras abriu os caminhos para a efetivação desse projeto de intervenção com foco na formação do aluno leitor. Durante as aulas presenciais nos

foi oportunizado conhecer e analisar algumas experiências vivenciadas com educandos do Ensino Fundamental e Médio. Nas mais diferentes propostas, pudemos identificar como linha condutora das atividades a leitura como sustentação de todo o processo de aprendizado. Desse modo, clarificou nossas ideias sobre a leitura do texto literário, que com as suas especificidades, proporciona desenvoltura leitora, melhor compreensão linguística, maior capacidade argumentativa, bem como aprimora a habilidade de produzir textos.

Sabe-se que o aluno que lê melhor também escreve melhor. É nosso dever, enquanto educadores, favorecer essa leitura e transformar o ambiente escolar nesse espaço de cultura, já que a geração a qual nos referimos é conhecida por dominar o uso dos aparelhos tecnológicos e dispor de pouco tempo para a leitura. Uma vez que é a nossa intenção fazer com que a leitura tenha qualidade de um ‘jogo’, a sala de aula deve assumir um caráter pedagógico, mas ao mesmo tempo lúdico, sempre com a mediação do professor. Jogar um jogo é interagir, prestar atenção e seguir regras de maneira prazerosa.

A escolha por contos fantásticos teve motivação pela constatação que os jovens têm familiaridade com esse gênero, pois verificamos a procura por obras que se enquadram dentro do Realismo Fantástico na biblioteca da escola. É próprio da natureza humana a expressão de sentimentos de forma inusitada e exagerada, com distanciamento do caráter real do dia a dia. Isso se dá, principalmente, pelo ato de escrever, portanto a Literatura Fantástica assume esse papel de entretenimento tão importante na motivação à leitura. Assim, desde épocas imemoriais, o homem valeu-se da literatura para expor suas experiências mais insólitas e surreais possíveis.

Nesse universo, optamos por autores brasileiros, com narrativas voltadas para esse gênero: Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião e Machado de Assis. Os contos selecionados favorecem uma imersão na atmosfera do fantástico e também questionam temas bem pertinentes com o nosso cotidiano, como: a crença movida pela fé, a mulher como a base familiar, o consumismo e a desumanização. Esses comportamentos causam o isolamento social, problema recorrente nessa etapa desenvolvimento. A violência contra mulher é outro tema que iremos discutir a partir da leitura do texto machadiano. Acreditamos que esses assuntos devam ser discutidos, para favorecer a manifestação dessas inquietações. Sendo assim, a proposta do Círculo de Leitura vem ao encontro do nosso contexto, posto que revelou proporcionar a partilha de opiniões, experiências e desassossegos; sentimentos esses; vivenciados por quase todos os jovens.

As atividades e leituras propostas nos módulos procuram considerar a materialidade da Literatura na apreensão de seus efeitos de sentido, sempre possibilitando estabelecer relações entre texto e leitor, numa atitude receptiva, em que a historicidade de ambos venha à tona. Nosso intento é de possibilitar o diálogo entre as obras existentes de momentos literários diferentes. Durante as atividades, apresentamos outros gêneros que dialogam com o tema das narrativas selecionadas, sendo possível perceber o interdiscurso sempre presente.

Consideramos fundamental salientar que a formação de leitores literários envolve uma profunda reflexão sobre a linguagem, o que implica identificação, análise da construção textual e consciência das escolhas estéticas envolvidas na elaboração dos textos em diferentes épocas. Outra premissa é a valorização da leitura do texto literário durante as aulas, à vista disso, nosso foco sempre será o texto literário, e não outros pormenores como períodos ou movimentos literários em análise na linha do tempo.

Nessa perspectiva, procuramos conduzir nossos alunos à percepção de que certos temas são comuns aos textos literários produzidos em épocas distintas. Assuntos que sempre estiveram presentes na vida em sociedade. Assim, direcionar o jovem estudante na compreensão de que a literatura é a representação de contextos históricos, sociais e econômicos, sendo que a arte reproduz a realidade, dentro da visão do artista. Portanto, obras literárias produzidas em tempos diferentes estão em constante diálogo, sendo sempre apropriada a leitura. Somente por meio dela teremos nosso repertório cultural ampliado, senso crítico e capacidade argumentativa desenvolvidos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- ASSIS, M. de. Um esqueleto. **Obra Completa**, vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/fs000189.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2020.
- BARTHES, R. **Aula**. 12. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BARTHES, R. **S/Z**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 06 fev. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/profs/reinildes/dados/arquivos/ocem.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 5/2011**: Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2011. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CORTÁZAR, J. **Obra crítica 2**. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- COSSON, R. **Círculo de leitura e letramento literário**. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- IPIRANGA, S. D. **A formação de professores leitores e mediadores de leitura**: Curso de formação de mediadores de leitura. Fundação Demócrito Rocha, Fortaleza, Mód. 2, 2019.
- ISER, W. O jogo do texto. In: LIMA, L. C. (Org.). **A literatura e o leitor**. São Paulo. Paz e Terra, 1979. p. 105-118.

MAIA, M. L. G. **Figurações do Fantástico na obra de Murilo Rubião**. 2007. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Letras - Centro de Humanidades. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RUBIÃO, M. O **Pirotécnico Zacarias e outros contos escolhidos**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

SAMPAIO, A. **Os fantásticos mistérios de Lygia**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

SETTE, G., et al. **Português: Trilhas e Tramas**, 2. ed., v. 2. São Paulo: Leya, p.17, 2016.

SILVA, A. P. P. de F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 43-69.

TELLES, L. F. **Antes do Baile Verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ZILBERMAN, R. Letramento literário: não ao texto, sim ao livro. In: PAIVA, A. et al. (Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces: o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, v. 1. p. 245-266.

APÊNDICE A

SONDAGEM

Iniciar um momento de sondagem literária dos alunos. Em reunião do círculo de leitura, começar um bate-papo sobre as leituras feitas por eles em sala de aula. Perguntar como eles gostariam que fossem as aulas de Português e Literatura? Sondar quais autores são mais conhecidos, quais textos eles consideram importantes e tantas outras temáticas pertinentes para a ocasião. Sugestões:

- a) Os textos (fragmentos) lidos nos livros didáticos estimulam a busca pela leitura?
- b) Após conhecerem um pouco mais sobre a vida do autor(a), vocês se sentem motivados a pesquisar sobre a obra?
- c) Já leram os livros indicados nos livros didáticos?
- d) A leitura feita em sala ajuda na melhor compreensão do texto?
- e) É importante a leitura feita pelo professor? E pelos outros alunos?
- f) Os textos indicados para serem lidos em casa são realmente lidos?

QUESTIONÁRIO

Você irá responder algumas perguntas para que possamos conhecê-lo (a) melhor. Como é a sua relação com a disciplina (Português – Literatura) e com a leitura. Desde já, agradeço a sua participação.

1 - Dados pessoais:

a) Idade: sexo:

b) Sempre estudou em escola pública? () sim () não

Se a resposta for não, quantos anos estudou em instituição particular?

2 – Tem acesso à Internet em casa?

3 – Você tem o hábito de ler livros? Qual o gênero referido?

.....

4 – Cite três títulos que você indicaria aos amigos.

.....

.....

5 – Qual a disciplina de sua preferência?

.....

6 – Escreva uma palavra que defina sua relação com as aulas de Português e Literatura.

.....

7 – Você acredita na frase “*Um país se faz com homens e livros*” (Monteiro Lobato)? Comente.

.....
.....

8 – Escreva o que você entende por Literatura Fantástica.

.....
.....
.....

9 – Imagine uma aula de Literatura que terá como tema / assunto um **conto fantástico**. Como será esse momento de leitura na sua percepção?

.....
.....

10 – Se já leu algum conto ou livro que considera fantástico, cite o título ou autor.

.....

Obrigada pela participação !!!

APÊNDICE B**REGISTRO DA PARTICIPAÇÃO DA EEFM JOSÉ DE ALENCAR - V COLÓQUIO
ABRINDO TRILHAS PARA OS SABERES - 2013**

APÊNDICE C

ROTEIRO PRÁTICO DE ENSINO



Maria Lucia Gomes Maia

**Contos Fantásticos e o Ensino de Literatura:
Uma proposta para formação do aluno leitor no Ensino
Médio**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

MARIA LUCIA GOMES MAIA

CONTOS FANTÁSTICOS E O ENSINO DE LITERATURA:
UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR
NO ENSINO MÉDIO

FORTALEZA – CEARÁ

2020

MARIA LUCIA GOMES MAIA

CONTOS FANTÁSTICOS E O ENSINO DE LITERATURA: UMA PROPOSTA PARA A
FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR NO ENSINO MÉDIO

Manual apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prf^a Dr^a Sarah Diva da Silva Ipiranga

FORTALEZA – CEARÁ

2020

Um convite



Caro (a) colega de profissão,

Faço o convite a você que conhece a realidade da sala de aula e tem interesse em aprender e sempre melhorar a sua prática. As dificuldades enfrentadas por nós são muitas, por isso acreditamos que com união e determinação conseguiremos construir uma educação mais efetiva e palpável para os alunos do Ensino Médio, principalmente para os jovens de escola pública.

O material apresentado aqui faz parte do projeto de intervenção elaborado durante o curso de mestrado profissional em Letras – Profletras, pela Universidade Estadual do Ceará. Ele é resultado de uma pesquisa realizada com a orientação da Prof^a Dr^a Sarah Diva Ipiranga, para ser desenvolvido por meio de círculos de leitura, com o intuito de contribuir pra a qualidade do ensino de literatura.

Fica à disposição essa sugestão de trabalho elaborada por nós, para que você possa interagir e orientar a leitura literária em sala de aula de forma contextualizada e dialógica, em consonância com as competências e habilidades da área de Linguagens da BNCC em relação ao Campo Artístico-Literário.

Acreditamos que será muito útil, levando-se em consideração as especificidades de cada turma e respeitando os saberes dos alunos.

Forte abraço!

Maria Lucia Gomes Maia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	122
2	LETRAMENTO LITERÁRIO E EDUCAÇÃO LITERÁRIA.....	124
3	SEQUÊNCIA BÁSICA E EXPANDIDA.....	124
4	CÍRCULOS DE LEITURA.....	125
5	A NARRATIVA FANTÁSTICA E SUA ESTRUTURA.....	125
6	MÓDULOS DE ENSINO.....	126
7	PALAVRAS FINAIS.....	136
	REFERÊNCIAS.....	137

INTRODUÇÃO

A leitura literária, pela sua especificidade, requer e promove, na educação básica, uma série de competências que estão centradas na apreciação, interpretação e reflexão dos textos lidos. Além disso, ela é responsável pelo enriquecimento em relação às possibilidades de uso e aprendizado da própria língua, alargando o universo de compreensão dos aspectos linguísticos e semânticos. A leitura literária, ao traçar uma linha próxima às sensibilidades, também desperta a emoção, sentimento que mantém a atividade leitora no fluxo das subjetividades e da imaginação.

A escolha por contos fantásticos, em particular de autores brasileiros, se dá pelo fato de os alunos já terem certa familiaridade com outros textos que se enquadram no Realismo Fantástico. Grande parte dos jovens leitores tem interesse por leituras que giram em torno desse gênero, como as séries Harry Potter, Crepúsculo, O senhor dos anéis, Game of Thrones, entre outras.

Esse trabalho procurou fazer uma seleção transversal de autores e obras de forma a destacar tempos históricos e literários diferentes, bem como estilos e abordagens. Os contos selecionados para a intervenção foram: **“Natal na barca”**, de Lygia Fagundes Telles, **“Bárbara”**, de Murilo Rubião; e **“Um esqueleto”**, de Machado de Assis. São narrativas curtas, com linguagem acessível, que acreditamos serem pertinentes ao interesse do nosso público leitor.

O projeto está embasado na proposta do letramento literário e de círculos de leitura, ou seja, momentos de leitura do texto literário que oportunizam o prazer de ler, individual e coletivamente, viabilizando experiências reais de leitura.

A proposta das atividades está dividida em módulos e apresentará atividades que permitem a imersão dos alunos nas narrativas e o estímulo à capacidade de argumentar sobre os assuntos explorados, de forma que consigam produzir suas apreciações e estabelecer elo com os campos de atuação social e artístico-literário, propostos pela BNCC.

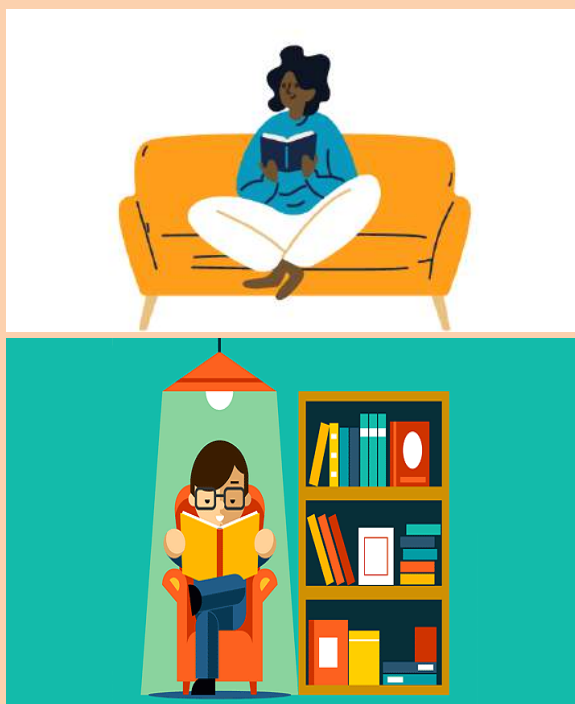
Sugestão de leitura complementar sobre Letramento Literário, Círculos de Leitura e Literatura Fantástica:

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

COSSON, R. **Círculo de leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

IPIRANGA, S. D. **A Formação de professores leitores e mediadores de leitura**. Curso de formação de mediadores de leitura. Fundação Demócrito Rocha, 2019.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2007.



LETRAMENTO LITERÁRIO E EDUCAÇÃO LITERÁRIA

No ensino de Língua Portuguesa no Brasil, os domínios contemplados são cinco, estes estão bem delineados nos documentos oficiais que norteiam a educação no país: oralidade, leitura, escrita, **educação literária** e gramática. A expressão educação literária substituiu nos documentos oficiais o nome ‘literatura’ ou ‘ensino de literatura’ por compreender que a leitura literária se forma num processo complexo de formação. O que a educação literária enfatiza é a **experiência** vivenciada com o texto. Torna-se, portanto, indispensável que se fuja dos modelos meramente informativos de leitura e análise, pois eles não operam uma real transformação nos modos de pensar nem ampliam a capacidade de abstração e reflexão.

A literatura nos permite ampliar a nossa capacidade humana de ressignificar. Partindo desse princípio, propomos promover uma educação literária em sala de aula, ou seja, propiciar uma formação verdadeira com a leitura do livros. O conceito que mais aponta nessa direção é o de letramento literário. Rildo Cosson, cuja obra **Letramento literário: teoria e prática** (2006) é hoje referência essencial aos projetos de investigação que têm a leitura literária como norte, investe boa parte das suas pesquisas nas formas de mediar a leitura em sala de aula, isto é, provocar o letramento entre os sujeitos da leitura.

SEQUÊNCIA BÁSICA E EXPANDIDA

A primeira coisa a fazer é selecionar o livro, o texto literário, que será lido e discutido pelos alunos. É importante verificar a pertinência do texto em relação à turma, deve-se organizar uma sequência de atividades, partido da leitura completa do texto. Os estudantes precisam da percepção do todo do texto. Conhecer um pouco sobre o autor e a obra facilita esse contato com o universo literário, além de aproximá-los de tempos passados. Rildo Cosson (2006) propõe uma sequência de atividades para orientar e facilitar o trabalho do professor, a qual ele nomeia de **sequência básica**. O prosseguimento se dá por etapas que são chamadas de **sequência expandida**. É por meio dessa ultrapassagem dos limites de um texto a outros textos que se dá a expansão literária.

O pesquisador nos apresenta alguns caminhos que perpassam pelos cinco elementos responsáveis pelo diálogo multifacetado da leitura do texto literário: leitor, autor, texto, contexto e o intertexto. Para ele, a sequência básica do letramento literário é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Após o trabalho introdutório com o texto literário, o próximo passo é a sequência expandida, que são justamente os diálogos possíveis com outras narrativas.

Leitura complementar: COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CÍRCULOS DE LEITURA

Os círculos ou oficinas de leitura são hoje a alternativa, seja na escola ou não, de ampliar o espaço dedicado ao texto literário e fomentar outros modos de ler, cujos imperativos estão bem distantes de obrigações escolares de leitura.

Assim, uma comunidade de leitores pode ser definida como um grupo de leitores que interagem entre si sobre textos literários lidos. À vista disso, compartilham interesses, objetivos e ideias. O papel do leitor parte para uma visão de leitura colaborativa, com isso destaca-se a importância desses círculos em sala de aula.

Círculos de leitura tornam-se uma prática privilegiada dentre as tantas maneiras de se conceber uma comunidade de leitores. Ao lerem em conjunto, compartilham a interpretação dos textos, desenvolvendo o caráter social que a leitura proporciona, na medida em que se apropriam de um novo repertório e podem manipular esse conhecimento com mais consciência, adquirindo autonomia para enfrentar e questionar regras e tradições estabelecidas.

A NARRATIVA FANTÁSTICA E SUA ESTRUTURA

As narrativas fantásticas apresentam em sua estrutura categorias comuns ao gênero conto, que enquadra domínios discursivos previstos para escrita de textos ficcionais.

Levando em consideração essa prerrogativa, acreditamos que o estudo mais aprofundado sobre o gênero reforce o caráter sociocomunicativo do nosso projeto. Dessa forma, destacamos dentro da **estrutura do conto fantástico** algumas categorias a serem identificadas durante a intervenção: **espaço / atmosfera, foco narrativo e personagens**. A combinação dos elementos, espaço e atmosfera, resultam na naturalidade da narrativa, mas com prenúncio para que ocorra o impacto peculiar, o fenômeno que não se explica pelas leis da razão. Enquanto o **foco narrativo** permite identificar a perspectiva do narrador, o ângulo de observação. Já as **personagens** avolumam o enredo com os detalhes da descrição.

Com a leitura dos textos fantásticos, é possível moldar nossa capacidade de percepção tanto quanto a nossa perplexidade ante as narrações, pelo simples fato de estabelecermos a analogia com o real e os acontecimentos descritos, pois o princípio da Literatura Fantástica é esse incômodo ou espanto diante da própria realidade.

O planejamento permite o equilíbrio adequado entre o que se pretende alcançar (resultados) e o que se deve atingir (objetivos). Recomendamos as leituras indispensáveis para a realização desse trabalho.

LEITURAS RECOMENDADAS:

COSSON, R. **Círculo de leitura e Letramento Literário**. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SAMPAIO, A. **Os fantásticos mistérios de Lygia**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

MÓDULOS DE ENSINO

Módulo I – 08 aulas

Natal na barca – Lygia Fagundes Telles

Motivação / introdução (apresentação da autora e obra)



Lygia Fagundes da Silva Telles, também conhecida como "a dama da literatura brasileira" e "a maior escritora brasileira viva". Considerada por acadêmicos, críticos e leitores uma das mais importantes e notáveis escritoras brasileiras do século XX e da história da literatura brasileira. Foi eleita para a cadeira 28ª da Academia Brasileira de Letras. Vencedora do prêmio Camões e do prêmio Jabuti, entre outros.

LEITURA: Natal na barca*Lygia Fagundes Telles*

Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.

O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga.

Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com uma barca tão despojada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.

Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.

A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la. Sentindo então alguns respingos no rosto, inclinei-me mais até mergulhar as pontas dos dedos na água.

— Tão gelada — estranhei, enxugando a mão.

— Mas de manhã é quente.

Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava com um meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado. Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Reparei que suas roupas (pobres roupas puídas) tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.

— De manhã esse rio é quente — insistiu ela, me encarando.

— Quente?

— Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa pensei que a roupa fosse sair esverdeada. É a primeira vez que vem por estas bandas?

Desviei o olhar para o chão de largas tábuas gastas. E respondi com uma outra pergunta:

— Mas a senhora mora aqui perto?

— Em Lucena. Já tomei esta barca não sei quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje...

A criança agitou-se, choramingando. A mulher apertou-a mais contra o peito. Cobriu-lhe a cabeça com o xale e pôs-se a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço. Suas mãos destacavam-se exaltadas sobre o xale preto, mas o rosto era sereno.

— Seu filho?

— É. Está doente, vou ao especialista, o farmacêutico de Lucena achou que eu devia ver um médico hoje mesmo. Ainda ontem ele estava bem mas piorou de repente. Uma febre, só febre... Mas Deus não vai me abandonar.

— É o caçula?

Levantou a cabeça com energia. O queixo agudo era altivo mas o olhar tinha a expressão doce.

— É o único. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico quando de repente avisou, vou voar! E atirou-se. A queda não foi grande, o muro não era alto, mas caiu de tal jeito... Tinha pouco mais de quatro anos.

Joguei o cigarro na direção do rio e o toco bateu na grade, voltou e veio rolando aceso pelo chão. Alcancei-o com a ponta do sapato e fiquei a esfregá-lo devagar. Era preciso desviar o assunto para aquele filho que estava ali, doente, embora. Mas vivo.

— E esse? Que idade tem?

— Vai completar um ano. — E, noutro tom, inclinando a cabeça para o ombro: — Era um menino tão alegre. Tinha verdadeira mania com mágicas. Claro que não saía nada, mas era muito engraçado... A última mágica que fez foi perfeita, vou voar! disse abrindo os braços. E voou.

Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços (os tais laços humanos) já ameaçavam me envolver. Consequira evitá-los até aquele instante. E agora não tinha forças para rompê-los.

— Seu marido está à sua espera?

— Meu marido me abandonou.

Sentei-me e tive vontade de rir. Incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta porque agora não podia mais parar, ah! aquele sistema dos vasos comunicantes.

— Há muito tempo? Que seu marido...

— Faz uns seis meses. Vivíamos tão bem, mas tão bem. Foi quando ele encontrou por acaso essa antiga namorada, me falou nela fazendo uma brincadeira, a Bila enfeiou, sabe que de nós dois fui eu que acabei ficando mais bonito? Não tocou mais no assunto. Uma manhã ele se levantou como todas as manhãs, tomou café, leu o jornal, brincou com o menino e foi trabalhar. Antes de sair ainda fez assim com a mão, eu estava na cozinha lavando a louça e ele me deu um adeus através da tela de arame da porta, me lembro até que eu quis abrir a porta, não gosto de ver ninguém falar comigo com aquela tela no meio... Mas eu estava com a mão molhada. Recebi a carta de tardinha, ele mandou uma carta. Fui morar com minha mãe numa casa que alugamos perto da minha escolinha. Sou professora.

Olhei as nuvens tumultuadas que corriam na mesma direção do rio. Incrível. Ia contando as sucessivas desgraças com tamanha calma, num tom de quem relata fatos sem ter realmente participado deles. Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido, via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos, aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma certa irritação me fez andar.

— A senhora é conformada.

— Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.

— Deus — repeti vagamente.

— A senhora não acredita em Deus?

— Acredito — murmurei. E ao ouvir o som débil da minha afirmativa, sem saber por quê, perturbei-me. Agora entendia. Aí estava o segredo daquela segurança, daquela calma. Era a tal fé que removia montanhas...

Ela mudou a posição da criança, passando-a do ombro direito para o esquerdo. E começou com voz quente de paixão:

— Foi logo depois da morte do meu menino. Acordei uma noite tão desesperada que saí pela rua afora, enfiei um casaco e saí descalça e chorando feito louca, chamando por ele! Sentei num banco do jardim onde toda tarde ele ia brincar. E fiquei pedindo, pedindo com tamanha força, que ele, que gostava tanto de mágica, fizesse essa mágica de me aparecer só mais uma vez, não precisava ficar, se mostrasse só um instante, ao menos mais uma vez, só mais uma! Quando fiquei sem lágrimas, encostei a cabeça no banco e não sei como dormi. Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão com sua mão de luz. E vi o meu menino brincando com o Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio rindo ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... Era tamanha sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim.

Fiquei sem saber o que dizer. Esbocei um gesto e em seguida, apenas para fazer alguma coisa, levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei-me para o rio. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.

Debrucei-me na grade da barca e respirei penosamente: era como se estivesse mergulhada até o pescoço naquela água. Senti que a mulher se agitou atrás de mim

— Estamos chegando — anunciou.

Apanhei depressa minha pasta. O importante agora era sair, fugir antes que ela descobrisse, correr para longe daquele horror. Diminuindo a marcha, a barca fazia uma larga curva antes de atracar. O bilheteiro apareceu e pôs-se a sacudir o velho que dormia:

- Chegamos!... Ei! chegamos!

Aproximei-me evitando encará-la.

— Acho melhor nos despedirmos aqui — disse atropeladamente, estendendo a mão.

Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fez um movimento como se fosse apanhar a sacola. Ajudei-a, mas ao invés de apanhar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho.

— Acordou o dorminhoco! E olha aí, deve estar agora sem nenhuma febre.

— Acordou?!

Ela sorriu:

— Veja...

Inclinei-me. A criança abriu os olhos — aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face corada. Fiquei olhando sem conseguir falar.

— Então, bom Natal! — disse ela, enfiando a sacola no braço.

Sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa e acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.

Conduzido pelo bilheteiro, o velho passou por mim retomando seu afetuoso diálogo com o vizinho invisível. Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.

(TELLES, Lygia F. *Antes do Baile Verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009).

Interpretação – Perguntas para compreensão do texto – (Sugerimos que essa primeira interpretação seja respondida pela oralidade)

- O conto “**Natal na barca**” traz assuntos importantes para a nossa reflexão. Qual ou quais tema(s) de relevância no conto?

Resposta possível: Esse conto traz como temas a força da fé, a crença em milagres, a vida e a morte. A mulher passa por tragédias, como a morte do filho e o abandono do marido, mas continua confiante em Deus. Além de focar na figura feminina como resiliente perante às adversidades, sendo a única responsável pela criação do filho.

- A narrativa começa com o relato de uma viagem que aconteceu no passado. Quais os **indicadores** que remetem ao tempo passado?

Resposta possível: Os indicadores podem se referir aos tempos verbais, expressões e flashbacks. Ex.: “Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca”. A expressão utilizada remete ao passado remoto e o verbo está flexionado no pretérito. (Pret. Imperfeito – Verbo encontrar).

No gênero conto, temos elementos estruturais da narrativa. O narrador é um elemento que merece destaque. Ele determina o **foco narrativo**.

Quando o narrador do conto é uma personagem ou o protagonista, temos o foco narrativo em 1ª pessoa. Se o narrador for um observador que narra a história, temos o foco narrativo em 3ª pessoa. É importante a identificação para possamos estudar o ponto de vista da narrativa.

Questões de interpretação – Atividade escrita

- 1) Qual o foco narrativo do conto “Natal na Barca”? A partir desse conhecimento, podemos inferir algo mais sobre a história? Justifique com uma passagem do texto.

Resposta possível: No conto temos a narradora como personagem principal da história. Assim, a construção da narrativa se dá em 1ª pessoa. Podemos inferir a situação de solidão em que ela se encontra, sem amigos nem familiares em uma data emblemática como o Natal.

“Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.”

- 2) Descreva o espaço / atmosfera do conto descrito na narrativa.

Resposta possível: Rio escuro de águas geladas, embarcação tosca e desconfortável, escuridão e solidão, apenas quatro pessoas na embarcação: um velho, uma mulher, uma criança e a narradora.

- 3) Na passagem: “*Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade*”, em sua percepção o que o(a) narrador(a) pretende evitar naquele momento? Justifique sua resposta com passagens do texto.

Resposta possível: Afastar-se de seus problemas e angústias.

“Sentei-me e tive vontade de rir. Incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta porque agora não podia mais parar, ah! aquele **sistema dos vasos comunicantes**”. Aqui a narradora utiliza a expressão “sistema dos vasos comunicantes”, explicando a necessidade do ser humano em se comunicar e sempre perguntar mais, trata-se de uma curiosidade natural.

- 4) Qual o momento do clímax do conto? Transcreva essa passagem.

Resposta possível: “(...) levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei-me para o rio. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.”

Interpretação / Intertextualidade

“Intertextualidade é uma condição das ações discursivas, segundo a qual a linguagem é, essencialmente, uma atividade que se constitui na retomada de conhecimentos prévios – o que implica a incorporação de outras experiências de linguagem anteriores (...). Todo texto está preso a textos anteriores, (...), logo todo texto é um intertexto, pois todo texto dialoga com outros, retomando, desenvolvendo, explicando, confirmando ou se opondo a conceitos, a ideias ou a formas neles expressos” (ANTUNES, 2017, p. 117-8).

A Barca de Caronte – Mitologia Grega



Caronte – O barqueiro do inferno



“A barca de Caronte”

Caronte, filho de Érebo e da Noite, era um deus velho, mas imortal. A sua função era transportar para além do Estige e do Aqueronte as sombras dos mortos em uma barca estreita, feia e de cor fúnebre.

Era não somente velho, mas também avaro; não recebia na sua barca senão as sombras daqueles que tinham tido sepultura e que lhe pagavam a passagem. A soma exigida não podia ser menos de um óbolo nem superior a três; por isso os parentes punham na boca do defunto o dinheiro necessário para pagar a sua passagem.

Caronte repelia impiedosamente as sombras daqueles que haviam sido privados de sepultura, e deixava-as errar durante cem anos sobre as margens do rio, onde em vão estendiam os braços para a outra margem.

Em vida nenhum mortal podia entrar em sua barca, a não ser que tivesse como salvo-conduto um ramo de ouro de uma árvore fatídica, consagrada a Prosérpina. A Sibila de Cumes deu um desses ramos a Enéias quando ele quis descer aos Infernos.

Pretende-se mesmo que Caronte foi punido e exilado durante um ano, nas profundezas do Tártaro, por ter passado a Hércules na sua barca, sem que esse deus estivesse munido do magnífico e precioso ramo.

Esse piloto dos Infernos é representado como um velho magro, grande e vigoroso; os seus olhos vivos, o seu rosto majestoso e severo, têm um cunho divino; a sua barba é branca, longa e espessa; as suas vestes são de uma cor sombria e manchadas do negro limo dos rios infernais; ordinariamente representam-no de pé sobre a sua barca, segurando o remo com as duas mãos.

Fonte de pesquisa: <https://www.mitologiaonline.com/mitos-lendas-historias/caronte-o-barqueiro-do-inferno/> 15/10/19 acesso às 08:52.

Atividade domiciliar: Para compreender melhor o texto – A barca de Caronte

1) Quais as palavras utilizadas na descrição do barqueiro e da barca ?

barqueiro	barca
Deus, velho, imortal	Estreita, feia,
Avaro	fúnebre
Impiedoso	

2) O autor escolhe as palavras para empregá-las de forma proposital. Qual a função e importância dessas palavras para o entendimento do texto?

Resposta possível: Os adjetivos são empregados nas narrativas para descrever as características físicas geralmente idealizadas, mas sem muitos detalhes descritivos. Além disso, podem se referir às questões psicológicas e subjetivas, reportando o leitor para a imagem do que está escrito. A escolha das palavras faz parte da descrição minuciosa que induz ao estranhamento característico na narrativa. Portanto os adjetivos são importantes para detalhar a figura estranha e assustadora de Caronte, o barqueiro do inferno.

3) A ausência desses adjetivos poderia prejudicar a compreensão da narrativa? É possível substituí-los mantendo a coerência do texto?

Resposta possível: Sim. A ausência dos adjetivos prejudicaria a compreensão e dificultaria a visualização mental pelo leitor. É possível encontrar sinônimos para adjetivar as palavras.

4) Quais outros adjetivos você utilizaria para os mesmos substantivos? Escreva-os no quadro abaixo.

barqueiro	Idoso, tosco, feio (considerar outras respostas que sejam coerentes com o texto)
barca	Suja, escura, apodrecida, corroída

4) Em nosso primeiro encontro lemos e interpretamos o conto “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles. Em seguida, estudamos o texto “A barca de Caronte”, da mitologia grega. Quais as relações de semelhança e dessemelhança podemos perceber nos dois textos?

Semelhanças	Dessemelhanças
Os dois textos tratam de uma viagem, a passagem de uma margem do rio a outra.	No primeiro texto não fica claro quem pilota a barca.
O rio descrito é frio e de águas escuras.	“Natal na barca” é narrado em 1ª pessoa, enquanto que “A barca de Caronte” tem o foco narrativo em 3ª pessoa.
O espaço e atmosfera são descritos como lugares escuros, sombrios e isolados. As narrativas remetem ao desconhecido.	No primeiro texto são quatro os viajantes da barca. No segundo os passageiros são “as sombras dos mortos”.

5) Atividade de produção e criação: Mural Fantástico

Convide os alunos para a criação de um mural fantástico. Todos participantes do círculo de leitura envolvidos nesse momento de partilha, será feito um mural fantástico sobre os textos literários trabalhados, “Natal na Barca” e “A barca de Caronte”.

- Cada um criará um desenho ou colagem que represente o tema comum aos dois contos lidos nos encontros, a travessia como **metáfora** de passagem para outro momento em nossas vidas. É importante que a mediação pontue a representação das **relações intertextuais** e **interdiscursivas** entre as obras: “Natal na barca” e “A barca de Caronte”.

Para que você possa aplicar as atividades sugeridas, indicamos leituras para complementar e ampliar o embasamento teórico.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio**. Ministério da Educação. Brasília, 2018. Disponível:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192

BRASIL.MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino médio**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília, 1999.

TELLES, L. F. **Antes do Baile Verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 – pgs. 115 – 120.

Vídeos para as aulas de motivação e leitura em sala:

<https://www.youtube.com/watch?v=8rWsAY1JxQ4> - Natal da Barca, de Lygia Fagundes Telles - Contos da meia-noite.

<https://www.youtube.com/watch?v=ByFr2TvTuRU> – Curta-metragem do Conto “Natal na barca”.

<https://www.youtube.com/watch?v=wRxZOCD2JPc> - Natal na Barca.

<https://www.youtube.com/watch?v=5E5VpbXG6wk> - Caronte: O Barqueiro do Submundo - Dicionário Mitológico Foca na História.

https://www.youtube.com/watch?v=bCfANvf_PHA - Portal dos Mitos: Caronte.

<https://www.youtube.com/watch?v=LaoDQgngTWO> - Caronte / o barqueiro do inferno/Mitologia Grega.

PALAVRAS FINAIS

Nosso projeto de intervenção tem como proposta o ensino de Literatura no Ensino Médio, por meio da leitura de contos fantásticos com o objetivo de formar o aluno leitor. Com essa finalidade, elaboramos o projeto de intervenção dividido em três módulos de ensino. Neste material, apresentamos a descrição de algumas atividades propostas no primeiro módulo, correspondente ao conto “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles. É importante a leitura da dissertação com os módulos completos.

Aconselhamos você, professor (a), a consultar nosso material em seu teor completo no repositório da biblioteca virtual da Universidade Estadual do Ceará – UECE – Proletras – Mestrado Profissional em Letras, disponível em: <http://www.uece.br/proletras/index.php/2016-07-28-17-41-16>.

As atividades propostas buscam incentivar a leitura literária, a reflexão, a observação e a capacidade de argumentação sobre os mais variados textos. Acreditamos que, dessa forma, as aulas de Literatura possam assumir um papel mais significativo dentro do ensino de Língua Portuguesa. Assim, damos um verdadeiro propósito à leitura literária.

É uma honra compartilhar com você, educador (a), este material feito com muita dedicação e carinho! Abraços!

Maria Lucia Gomes Maia



REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- ASSIS, M. de. Um esqueleto. **Obra Completa**, vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000189.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 06 fev 2019.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM)**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 09 agosto 2019.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSSON, R. **Círculo de leitura e Letramento Literário**. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- IPIRANGA, S. D. **A Formação de professores leitores e mediadores de leitura: curso de formação de mediadores de leitura**. Fortaleza: Demócrito Rocha, Mód. 2, 2019.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- RUBIÃO, M. **O Pirotécnico Zacarias e outros contos escolhidos**. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- SAMPAIO, A. **Os fantásticos mistérios de Lygia**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.
- TELLES, L. F. **Antes do Baile Verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.